FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

EDILENE CHAGAS DE OLIVEIRA

ECOS DA MORTE EM ITAPUÃ DO OESTE: ENTRE O SIMBOLICO E O AMBIENTAL

PORTO VELHO – RO

2013

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

EDILENE CHAGAS DE OLIVEIRA

ECOS DA MORTE EM ITAPUÃ DO OESTE: ENTRE O SIMBÓLICO E O AMBIENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, da Universidade Federal de Rondônia, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. ADNILSON ALMEIDA DA SILVA

PORTO VELHO – RO

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

BIBLIOTECA PROF. ROBERTO DUARTE PIRES

O482e Oliveira, Edilene Chagas de

Ecos da morte em Itapuã do Oeste: entre o simbólico e ambiental / Edilenee Chagas de Oliveira. Porto Velho, Rondônia, 2013.

149f.:il.

Dissertação (Mestrado em Geografia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador: Prof. Dr. Adnilson Almeida Silva

1. Cemitério 2. Morte 3. Representação 4. Ambiental I. Silva, Adnilson Almeida II. Título.

CDU: 504

Bibliotecária Responsável: Ozelina Saldanha CRB11/947

Foto de Capa: Fachada do Cemitério Municipal Cristo Rei – crédito Amanda Grevsmuehl, 2011.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte, mediante autorização expressa do autor.

MESTRADO EM GEOGRAFIA - UNIR
A Amazônia e Políticas de Gestão Territorial

PPGG

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
UNIR

NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

EDILENE CHAGAS DE OLIVEIRA

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva e constituída pelos examinadores Profa. Dra. Maria Madalena de Aguiar Cavalcante e Prof. Dr. Nilson César Fraga, reuniu-se no dia 02 de outubro de 2013, às 10h na sala de aula Josué de Castro, Prédio do Mestrado em Geografia, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada "ECOS DA MORTE EM ITAPUÃ DO OESTE: ENTRE O SIMBÓLICO E O AMBIENTAL", da mestranda Edilene Chagas de Oliveira, matrícula 201111273. Após a explanação da mestranda, e sua arguição pela Banca Examinadora, a referida dissertação foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADO COM LOUVOR. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 02 de outubro de 2013.

Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva
Orientador

Profa. Dra. Maria Madalena Aguiar Cavalcante
Examinadora

Prof. Dr. Nilson César Fraga
Examinador Externo (UFPR)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a **Caroline Grevsmuehl** e a **Amanda Grevsmuehl,** principalmente pela ausência que deixei nesse período de estudo. Elas foram responsáveis por grande parte deste trabalho, compreendidas em suas leituras de mundo, que proporcionaram a construção de minhas reflexões.

Coloco-as no plano mais elevado das minhas análises e no espaço mais significativo das minhas experiências vividas. Elas transformaram meu sonho em ações, porque acreditaram que minhas escolhas poderiam ser realidade. A elas dedico as minhas certezas e incertezas que me levam a espaços, lugares com representações nunca antes vivenciadas.

In memoriam de **Manoel Raimundo Ribeiro**

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem a contribuição de diversas pessoas, que ao longo da minha caminhada me apoiaram direta ou indiretamente e sem as quais este trabalho não teria o mesmo significado.

Primeiramente agradeço a Deus, por me fortalecer e ser o centro das minhas buscas e sonhos, mesmo nos momentos em que alguns projetos iniciais saíram dos trilhos propostos, Ele ouviu meus lamentos. A Ele todo meu amor e gratidão;

Aos meus pais, pelo carinho e apoio nos momentos difíceis; em especial à minha mãe, Edna Chagas de Oliveira, que participou ativamente em muitos momentos das minhas saídas de campo, discussões, me incentivando, não medindo esforços. Somente o amor para explicar tal ação;

Agradeço à minha filha, Amanda Grevsmuehl, pelo carinho, pelo amor, pela compreensão e cumplicidade durante a realização deste trabalho, mas acima de tudo pela parceria, pois sem ela não teria fotos e nem inspiração para continuar esta jornada;

À minha amiga e irmã Madalena Ferreira de Oliveira, que se manteve presente em todos os momentos deste trabalho, orando, chorando, rindo e brincando comigo para que o fardo ficasse mais leve;

Ao Professor Doutor Adnilson Almeida da Silva, pela orientação, por acreditar em mim e disponibilizar, paciência, confiança e sabedoria que sempre me transmitiu desde o início deste trabalho;

Aos professores do PPGG que souberam nos orientar, incentivar e alicerçar de valores comprometidos com o social e humano;

Ao Comando Geral do Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Rondônia, na pessoa do Cel. Lioberto Ubirajara Caetano de Souza, pela compreensão nas minhas ausências no trabalho;

Meus agradecimentos à Sargento Luciane Cahu, amiga de trabalho, pela paciência, companheirismo e pelas longas conversas das minhas descobertas que compartilhava com ela e ela carinhosamente me ouvia e tecia sua opinião;

Agradeço a todos os meus amigos que direta e indiretamente me ajudaram a trilhar novos horizontes, em especial aos amigos de Mestrado, com

vocês aprendi a chorar em conjunto, a rir das nossas dificuldades e discutir os nossos medos;

Aos amigos de trabalho, que não cansaram de me ouvir sobre as questões de morte e cemitério, a vocês todo meu carinho;

Agradeço à Universidade Federal de Rondônia, que me acolheu e me ensinou o caminho da pesquisa;

Por fim agradeço o REUNI/CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior), pelo apoio financeiro recebido durante a minha permanência no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia.

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo avaliar os aspectos geográficos, ambientais e as representações sociais que o Cemitério Cristo Rei tem no município de Itapuã do Oeste e sua relação com possíveis implicações ambientais para a população do entorno. Para tanto, realizamos pesquisas de levantamento teórico, de campo, com fotografias, entrevistas e investigação, para atingir nossos objetivos, que foram compilados em: apresentar as representações sociais no cemitério, entender e conhecer os fatores sociais e culturais do município de Itapuã do Oeste, na reprodução de seus costumes e de seus interesses no cemitério. O referente estudo delineou-se num trabalho voltado para a devida compreensão do Cemitério Cristo Rei, como espaço de representações dos sujeitos sociais, seus discursos, suas ações e a sua forma de representarem-se na sociedade, bem como das manifestações simbólicas que interagem com o cotidiano. A metodologia aplicada é a fenomenologia com suas interpretações através do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC. Foram observados os aspectos de suas experiências e concepções quanto ao tema em questão. Como resultado, elencamos que mesmo com mudanças culturais em deixar suas práticas tradicionais, alguns simbolismos ainda sobrevivem mesmo que precariamente, em torno da morte e da arte cemiterial, podendo ser compreendidas com mais nitidez a partir das relações de interdependência entre indivíduo e sociedade, passado e presente, vivos e mortos.

PALAVRAS-CHAVE: Cemitério, Morte, Representações e Ambiental.

ABSTRACT

The present study aims to evaluate the geographic, environmental and social representations that the Christ the King Cemetery is in the municipality of Itapuã West and its relationship with potential environmental implications to the surrounding population. To do so, we survey research theoretical field, with photos, interviews and research, to achieve our goals, which were compiled in: social representations present in the cemetery, understand and meet the social and cultural factors of the municipality of West Itapuã, reproduction of their customs and their interests in the cemetery. The referent study, outlined in a work aimed at a proper understanding of Christ the King Cemetery, as space representations of social subjects, their speeches, their actions and the way they represent themselves in society, as well as symbolic manifestations that interact with everyday. The methodology is applied phenomenology with his interpretations through the Collective Subject Discourse - DSC, was observed aspects of their experiences and ideas on the subject in question. As a result we elecar that even with changes in cultures leave their traditional practices, some symbolisms still survive even if precariously around death and art cemeteries, can be understood more clearly from the relations of interdependence between individual and society, past and present, living and dead

KEY-WORDS: Cemetery, Social Representations, Death and Culture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 - Fachada Central 92
Foto 2 - Interior do Cemitério..... 92
Foto 3 - Cova alagada 95
Foto 4 - Sepultamento no período das chuvas..... 95
Foto 5 - Cova aberta 96
Foto 6 - Cova Construída acima do solo 96
Foto 7 - Interior do cemitério 100
Foto 8 - Interior do cemitério 100
Foto 9 - Maior simbologia - Cruz 102
Foto 10 - Maior simbologia - Cruz 102
Foto 11 – Precariedade e Rusticidade 104
Foto 12 – Simplicidade..... 104
Foto 13 - Senhor Sílvio sentado na sepultura 106
Foto 14 - Senhor. Sílvio com seu caju..... 106
Foto 15 - Túmulos dos pioneiros, abandonados 107
Foto 16 - Simplicidade dos Túmulos 107
Foto 17 - Poço construído ao lado esquerdo do cemitério 118
Foto 18 - Poço com 4m de profundidade 118

MAPAS

Figura 1: Mapa de Localização da área de estudo..... 33
Figura 2: Mapa Área de estudo delimitada..... 53

TABELAS

Tabela 1 - População de Itapuã do Oeste 103

Tabela 2 - Causa Mortes 108

Tabela 3 - Quantitativo de Homens e Mulheres 110

Tabela 4 - Óbitos por Sexo..... 110

Tabela 5 - Distribuição por Idade 112

Tabela 6 - Ideias Centrais Identificadas sobre a Morte 113

ORGANOGRAMA

Sequenciamento Metodológico 49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP	Área de Preservação Permanente
CAERD	Companhia de Águas e Esgoto do Estado de Rondônia
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
DATA SUS	Dados do Sistema Único de Saúde
CPRM	Serviço Geológico Brasileiro
EIA	Estudo do Impacto Ambiental
ESEC	Estação Ecológica de Samuel
FLONA DO JAMARI	Floresta Nacional do Jamari
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OMS	Organização Mundial da Saúde
PUC - PR	Pontifica Universidade Católica do Paraná
RIMA	Relatório Técnico do Meio Ambiente
SUS	Sistema Único de Saúde
DSC	Discursos do Sujeito Coletivo
SEDAM	Secretaria Estadual do Desenvolvimento Ambiental

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **14**
INTRODUÇÃO **17**
CAPÍTULO 1 – ORIGEM, ESPAÇO E LUGAR **24**
1.1. Origem do Trabalho 24
1.2. Localização do Município de Itapuã do Oeste/RO 31
1.3. A Morte e o Morrer 34
1.4. Conceitos do Sepultamento no contexto Geográfico 37
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA **44**
2.1. Método Fenomenológico, Representativo no Espaço Cemiterial 44
2.2. Procedimento 50
2.2.1. Diário de Campo 54
CAPÍTULO 3 – O CEMITÉRIO E SUAS REPRESENTAÇÕES **56**
3.1. Representações Sociais 56
3.2. Compreendendo a Morte e suas Representações 60
3.3. Práticas e Rituais Fúnebres 64
3.4. Tipos de Cemitérios e Legislação 71
3.5. Medidas Preventivas para a Construção do novo Cemitério 78
3.6. Medidas para o Tratamento do Necrochorume 79
CAPÍTULO 4 – CEMITÉRIO CRISTO REI E SEUS SEPULTAMENTOS **81**
4.1. Entre o Simbólico e o Ambiental 81
4.2. O Sagrado e o Profano 89
4.3. Cemitério Cristo Rei 92
CAPÍTULO 5 – ECOS DA MORTE – ITAPUÃ DO OESTE/RO **98**
5.1. Ecos do Cemitério 98
5.2. Ecos da Morte – Entorno do Cemitério 111
5.3. Ecos da Morte – Questões Ambientais 117
CONSIDERAÇÕES FINAIS **119**
REFERENCIAS **122**
APENDICES **133**
ANEXOS **136**

A morte nos faz cair em seu alçapão,
É uma mão que nos agarra
E nunca mais nos solta.
A morte para todos faz capa escura,
E faz da terra uma toalha;
Sem distinção ela nos serve,
Põe os segredos a descoberto,
A morte liberta o escravo,
A morte submete rei e papa
E paga a cada um seu salário,
E devolve ao pobre o que ele perde
E toma do rico o que ele abocanha.

(Hélinand de Froidmont. *Os Versos da Morte. Poema do século XII*, 1996, p.50, vv. 361-372)

APRESENTAÇÃO

Por que a morte? Entre os meus devaneios, sempre brinquei e ao mesmo tempo tive medo dos mortos, mas meu olhar se deteve em uma visita de campo, no período da graduação, ao município de Itapuã do Oeste. Era a estação chuvosa e, como sabemos, nesse período as chuvas são constantes e intensas e a dificuldade de sepultar é enorme, tendo em vista que o cemitério fica submerso pelas águas da chuva. Isso me fez pensar na questão da contaminação, e todo o princípio do meu projeto veio desse pensamento empírico quanto à atividade cemiterial no município.

O pensamento por menor que seja, te faz imaginar “n” situações e causas, como? Onde? São perguntas que vem e querem respostas, sejam elas certas ou erradas, mas querem. Assim comecei a traçar meus primeiros rabiscos lá pelos idos de 2008.

O pensamento inicial não permaneceu, até porque é impossível estudar um assunto e descobrir coisas cuja iniciativa compete ao homem. Às vezes sentimo-nos impotentes diante das situações de descaso com as quais nos deparamos, mas o fato de não fazermos parte ou ao mesmo tempo de não nos sentimos presos a certos dogmas, nos habilita a dizer o que pensamos, claro que tudo dentro do maior critério, respeito e ética.

O fato é que os assuntos cemitério e morte ainda são tabus, e fazem parte de uma cultura que, mesmo passando por intervenções, ainda está impregna no coletivo certos receios, medos e temores. Nunca um assunto pareceu tão sério e ao mesmo tempo tão oculto quanto o falar da morte. Por mais entendimento que se possa ter e venha a descobrir, a "morte" ainda será o grande temor para o homem e a grande incógnita dos estudos científicos e filosóficos.

Sou cabocla portovelhense, sem muita história. Parte da minha infância e adolescência foi em meio a pasto, roça, correndo, subindo em árvores, pescando, sonhando, aprendendo e ouvindo estórias com os mais velhos da família. Natureza, paisagem, espaço, lugar, mitos, contos, toda essa simbologia

e representatividade conheci sem saber que tinham nomes e significados, vida simples e desprovida de conforto dava lugar a sonhos, medos e fantasias.

Cresci, e como toda adolescente que tem seus conflitos, omiti minha origem, o tempo passa e passamos a fazer parte da comunidade local, interagindo e nos escolarizando, e assim, passamos a nos posicionar quanto ao mundo em que vivemos, nosso espaço e nossa territorialidade.

Com essa visão simplória de vida, entrei no mundo acadêmico sem saber ao certo o que buscar. Cursei administração por um período. Passei outros tantos semestre pela engenharia florestal e concluí, no auge dos meus 40 anos, Ciências Biológicas. A biologia surgiu como resgate das minhas origens, pois tudo aquilo vivido em tenra idade explodiu e expandiu mais minha visão de mundo.

Com a biologia pude andar com maior propriedade pelo reino das plantas, dos anfíbios e pelo reino mineral e com muito mais sonhos, sem medo desta vez. Descobri a natureza do homem, sua fisiologia, seus sistemas e foi para mim a descoberta mais fascinante da criação. Somos tomados por instintos que remontam à nossa ancestralidade. Essas informações estão em nossa carga genética e isso nos torna seres altamente especializados e adaptados a toda e qualquer situação que se nos apresenta.

Somos alimentados diariamente por sonhos e esperança, sonhos de querer ir além do que vemos e enxergamos e assim passei minha caminhada de conhecimento buscando mais e mais da biologia das coisas, da natureza, da paisagem, enfim, do nosso meio ambiente como um todo.

Minha trajetória acadêmica não foi diferente dos ditos filhos da terra. Em época sem muitos recursos, ter o ensino médio era o que nossos progenitores podiam nos ofertar. O trabalho se fazia necessário e o ganho era o meio de ajudar a família, que geralmente era grande.

Assim, a semente lançada da busca do conhecimento latente em meu ser eclodiu e começou a tomar sua forma através dos cursos de extensões, cursos complementares, até chegar ao programa de pós-graduação mestrado em geografia – PPGG em 2011, mais um sonho alcançado nas lides do conhecimento.

Minha concepção da geografia foi altamente transformada, até porque cheguei ao programa com uma visão secundarista de geografia como relevo e cartografia e descobri a geografia humana e cultural, me senti recém-casada e cheia de sonhos mais uma vez. Aliar meus conhecimentos das ciências biológicas à geografia para mim foi a melhor sensação acadêmica, o que não tinha resposta por um lado, pelo outro eu tinha a resposta e digo isso filosoficamente.

O mestrado é mais uma etapa de aprendizado e creio eu um divisor de águas para mim. O meu conhecimento de mundo era limitado, o conceito de mundo pequeno diante da grandiosidade que o estudo da geografia me proporcionou, minha paisagem não se compunha somente de um panorama visual, expandiu-se e foi para além dos micros e macros estratos da formação da paisagem. E assim venho trilhando esse caminhar de formação e aprendizagem.

Espero que minha viagem por este assunto seja para clarear e elucidar o que é a morte e a atividade cemiterial, através de suas representações, espaço, territorialidade, símbolos e as questões ambientais no município de Itapuã do Oeste.

INTRODUÇÃO

Diante da realidade que se apresenta no município de Itapuã do Oeste[1], quanto à contaminação do lençol freático proveniente da atividade cemiterial e a realidade da população local, o desafio deste trabalho é descrever alguns aspectos do que foi experienciado no seu espaço no município e no cemitério. Sob o seu olhar estão as particularidades do lugar. Por outro lado, busca-se compreender a geografia enquanto fenômeno que se realiza no espaço e propõe algumas alternativas para que a sua ordenação espacial seja feita de forma mais planejada.

Este estudo nasceu de uma visita realizada, ainda no tempo da graduação, em que fui despertada pela ação antrópica no município de Itapuã do Oeste, circundado por uma Usina Hidrelétrica (Samuel) e uma Flona (Jamari). Na ocasião surgiu a preocupação com a localização do cemitério, que durante a estação chuvosa fica submerso, e como isso afetaria os moradores da área de entorno.

Naquele momento, o cemitério foi tratado como uma espécie de contaminante para a população do seu entorno, já que ele está dentro do perímetro urbano, e, sendo um município pequeno e com problemas de saúde pública, procurou-se levantar hipóteses sobre se as questões ambientais (higienismo) seriam um vetor para a contaminação da população local e como esta população vivencia essa problemática.

O estudo preliminar envolveu levantamento bibliográfico, cartográfico, estatístico e contatos com possíveis interlocutores para que o processo investigativo no município de Itapuã do Oeste/RO fosse realizado com maior eficácia para as coletas de dados, entrevistas e interação com a comunidade local e ocorreu de forma sistemática com viagens periódicas durante 2011 e parte de 2012.

O objetivo foi avaliar os aspectos geográficos, ambientais e as representações sociais que o Cemitério Cristo Rei tem no município de Itapuã do Oeste/RO e sua relação com possíveis implicações para a população local e

---

[1] Existe outra grafia que é Itapuã D'Oeste, mas optamos por Itapuã do Oeste, forma que aparece na maioria dos documentos pesquisados.

por que esse espaço não pode ser visto somente como depositário dos mortos, já que é um lugar de constante presença dos vivos.

Buscou-se assim responder os objetivos específicos da dissertação, analisar a área e seu entorno e entender as condições sociais e culturais do município de Itapuã do Oeste, por considerar que o cemitério reproduz os costumes e os interesses comuns da sociedade, também se apresenta como contíguo à cidade, isto é, continuação e parte física de Itapuã do Oeste.

Analisar e conhecer as representações da sociedade em relação ao cemitério e o que faz parte do senso geral ou cotidiano e os aspectos ambientais. Para tal, faremos uma leitura, a partir das representações sociais, do estilo dos túmulos, dos epitáfios. Assim poderemos determinar as condições sociais de famílias, que enaltecem o poder local ou que estimulam crenças paralelas às crenças “oficiais”.

Avaliar os aspectos legais relativos a esse tipo de atividades e contribuir para os estudos da sociedade local, seus vínculos e para a compreensão, com isso, dos indivíduos no contexto social, seus valores e suas crenças, os seus costumes e as suas representações.

Num primeiro momento procurou-se manter contatos com as autoridades locais para exposição do nosso intento e buscar informações quanto à legalidade com relação à instalação do cemitério.

Nas viagens posteriores passamos a entrar em contato com os moradores do entorno do cemitério, bem como os órgãos municipais; visitas essas realizadas a *priori* de modo informal num perímetro de 200m², com a finalidade de interagir e coletar informações quanto ao espaço destinado ao cemitério, morte, crescimento urbano, qualidade de vida e necessidades vitais para a manutenção e sobrevivência da comunidade local.

Portanto, é através da realização do trabalho de campo que percebemos como a pesquisa é importante para o desenvolvimento dos conhecimentos teóricos e assim aplicá-los de acordo com cada objeto abordado durante a pesquisa.

Descrever a morte e todo seu processo até o sepultamento não é algo fácil, em decorrência de todas as particularidades que o caso requer sua importância em uma sociedade, de legitimar homens que perderam suas vidas

tragicamente no exercício de suas funções. Homens que fizeram parte da construção da localidade, reconhecidos ou não pelo seu nome, mas que morreram no cumprimento do seu dever, também são dignos de um sepultamento.

Enquanto lugar de muitos significados e território de diversas crenças, o cemitério, com suas imagens, seus símbolos, suas referências, também, constitui-se em importante fonte para a construção da história, apesar de suscitar interpretações variadas por aqueles que procuraram analisar esse assunto sempre presente em diferentes sociedades ao longo do tempo. A relação do homem com a morte tem tido variações ao longo da história, revelando, assim, sua cultura através de práticas funerárias.

Para entendermos o que vem a ser espaço, lugar, espaço-vivido, representação e fenomenologia, optamos por seguir os conceitos dos seguintes estudiosos: Tuan (1983), Frémont (1980), Claval (2003), Relf (1995), Bonnemaison (1981), que elucidam todo esse contexto da Geografia cultural.

O uso do “lugar-mundo-vivido” contribui enquanto entendimento da abordagem dos sujeitos e de seus constituintes ativos nos processos de participação social. Suas percepções são instrumentos de grande valia e trazem consigo o *outro* e o social, mostrando que o “lugar” não é o mesmo que “local”, pois sofre influências globais dos seus agentes. Já o uso do “lugar-território”, além de suscitar discussões recentes sobre a territorialidade, como construção e (re)construção cotidiana dos territórios, exige contextualização e entendimento dos elementos de dominação, visando prevenir o totalitarismo, caminhando para uma abordagem que preze pelo conceito de alteridade e de participação.

Diante disso, a Fenomenologia e suas observações de análise são extremamente ligadas à perspectiva do “lugar-mundo-vivido”, não sendo por isso excludentes no estudo do “lugar-território”. Nota-se, porém, que no estudo do “lugar território” vários elementos constituintes das relações sociais demandam uma abordagem que trazem a Teoria das Representações Sociais como aquela de maior alcance, embora permita a complementação fenomenológica na leitura.

Mesmo causando certo temor, os cemitérios, a morte e tudo que envolve esse processo de finitude do homem, não há como negar que existe certo fascínio ligado a todo esse universo. Não há dúvida de que o local desperta todos os tipos de sentimentos díspares e paradoxais. Mas não é só isso, com o aumento da área urbana, houve necessidade de implantar e instalar os cemitérios cada vez mais distantes da área urbana, sendo que os já instalados passaram a ser agentes poluidores. Além de vencer temores, tabus e preconceitos, descobrimos que além dos muros dos chamados campos-santos há um mundo de descobertas a serem feitas, com símbolos e significados para o homem.

Na pesquisa em questão, a nossa maior estratégia foi a observação e a coleta de dados que deram início a todo o questionamento sobre a temática da morte e sua relação com os seres humanos, seja de forma concreta ou simbólica.

O tema apresenta-se como tabu e integra parte da vida do ser humano, com desdobramento no aspecto espiritual, cultural e social, além de ser o processo biológico que caracteriza o fim da existência humana. Logo, o viver faz com que seja ocultado o medo e as expectativas perante o lidar com algo presente em todas as sociedades – a morte.

O cemitério municipal de Itapuã do Oeste retrata a vida urbana, o cotidiano e a configuração do município entre os sentimentos de morte, os sentimentos religiosos, o misticismo, o temor diante do sobrenatural, a curiosidade artística ou o sentimento de terror e de fragilidade da vida diante do local de enterramento dos mortos: ele é o resultado da produção do espaço, onde se percebe a história do município e a história individual e cotidiana e também coletiva.

O período das chuvas agrava consideravelmente a área de entorno do cemitério, dado que muitos aspectos relevantes são ignorados, a começar pelos terrenos destinados para a construção do cemitério: normalmente são aqueles de menor valor econômico, e em geral as características geológicas e hidrogeológicas não são devidamente avaliadas, o que acarreta graves problemas sanitários e ambientais. A partir de 2003 o Conselho Nacional do

Meio Ambiente – CONAMA – exigiu adequação dos cemitérios, a fim de minimizar os efeitos impactantes destes sobre a natureza e a população.

Tratando-se de locais para disposição de corpos, os cemitérios atuam como aterros controlados, possuindo suas características, a começar pela produção de gases como o metano (que contribui para o Efeito Estufa), produção de necrochorume, organismos patógenos, poluição visual etc. Acrescente-se a tudo isso o fato de muitos dos cemitérios serem urbanos, sendo que sua produção pode atingir direta ou indiretamente a população vizinha.

Cemitério é uma palavra que expressa certa polêmica no imaginário popular, com associações óbvias como: tristeza, desolação, angústia, perda, local de reverência a entes queridos. Tem também uma imagem negativa relacionada a adjetivos como medo, pavor, morbidez, lugubridade, para não citar ainda a ligação com rituais macabros. O cemitério deve ser visto com um olhar crítico, para que se possa revelar, indagar e entender as bases da cultura do povo que representa a sua sociedade, bem como as perspectivas de evolução urbana. É o local de interações sociais, representa a sociedade vivente e expressa indícios da cidade (FILHO, 2007).

Tomando por base a atual sociedade, torna-se cada dia mais importante e urgente a busca de possíveis soluções que sejam viáveis para amenizar ou solucionar os mais diversos problemas ambientais que afetam a qualidade de vida de uma cidade levando-se em conta a ajuda dinâmica da sociedade capitalista, que entende o morto como um ser improdutivo. Pretende-se com este movimento visualizar nesta comunidade a significação da morte a partir de depoimentos considerados relevantes dos moradores e funcionários do cemitério local (SILVA, V.T ett all, 2006).

No decorrer da pesquisa constatamos que a instalação do cemitério deu-se de forma irregular. O município era apenas um vilarejo e jamais se pensou que tomaria as proporções que tem hoje, com problemas de ordem pública, como por exemplo, a contaminação da água e as condições precárias dos poços amazônicos.

Nossa proposição no presente trabalho é compreender a visão do espaço, tendo como objetivo central dessa pesquisa a visão do espaço

cemiterial seu entorno em relação a representações e territorialidades e toda simbologia que aproxima os vivos e mortos, transformando em muitos casos o que era sagrado em banal, tratado uma mera mercadoria e as questões ambientais que se impõem sobre a população do entorno.

A pesquisa encontra-se estruturada com a introdução, em que estão relacionadas as abordagens que permeiam a temática sobre Cemitério e as relações que envolvem Itapuã do Oeste e oferece um panorama como de podemos compreendê-lo em sua importância social e cultural do município.

Os capítulos estão assim distribuídos: o primeiro compreende de um referencial teórico em que é feito uma síntese dos conceitos que permeiam o fundamento da Geografia para elucidar o tema central deste trabalho, sendo este material a base da compreensão e preparatório do próximo capítulo;

O segundo dá continuidade ao primeiro com a descrição da metodologia, o que às vezes não é muito fácil, mas como foi observado não existem regras fixas para a realização de pesquisa bibliográfica, ainda mais sob nova abordagem e não sendo uma mera repetição de um escrito que utiliza técnicas de observação, questionário, entrevista, depoimentos e procedimentos dentro da abordagem fenomenológica.

Enfatiza o estudo de eventos únicos, que incorpora o indivíduo no processo de construção do conhecimento e com base em autores que fundamentaram e decorreram quanto ao tema e que as questões do espaço vivido e da fenomenologia são necessários à compreensão e entendimento da territorialidade e da morte, onde a geografia e toda sua visão espacial pode responder às nossas indagações.

O capítulo três descreve o que vem a ser o espaço cemiterial dentro da concepção das representações da área de estudo, e como foi ao longo do tempo e de como são os tipos de cemitérios e o que a legislação atual diz a respeito, medidas preventivas e tratamento do necrochorume e traça um perfil desta representação espacial do cemitério no município de Itapuã do Oeste.

No capítulo quatro apresenta-se o cemitério Cristo Rei, com seus sepultamentos através do simbólico e ambiental, o sagrado e o profano,

O capítulo cinco traz os dados do local de estudos, os levantamentos e demonstrativos dos dados quantitativos coletados do livro de óbito,

consolidação das entrevistas com o Senhor Sílvio e moradores do entorno, bem como a geração de dados primários para a pesquisa, com a utilização de *software* para a confecção de quadros e gráficos, onde se observa o número de sepultamento e as causas mortes mais constantes no período estudado de 2004 a 2011. Contém também os resultados obtidos com o tratamento dos dados primários e as discussões que esses resultados suscitaram.

Por fim, as considerações finais, em que estão relacionadas as conclusões e recomendações frente aos resultados obtidos, mas acima de tudo a percepção existente no que se refere a territorialidade, espaço e as representações. Importante dizer que o trabalho foi estruturado a partir de referenciais teóricos, passou pela pesquisa de campo e delineou-se com as fontes orais e escritas, permitindo uma aproximação maior com a realidade local.

CAPITULO 1 - ORIGEM, ESPAÇO E LUGAR

O mais terrível dos males nada é para nós, pois, enquanto existimos, a morte não é, e quando ela está lá, já não existimos nós. Epicuro (341-270 a.C.)

1.1 Origem do Trabalho

Os primeiros passos neste trabalho foram os estudos da interpretação da Epistemologia da Geografia durante os estudos desenvolvidos na Pós-Graduação em Geografia. No curso foi possível compreender o conceito de espaço sob diferentes abordagens em suas correntes de pensamento, desde a geografia tradicional até as mais recentes, como a geografia humana e cultural.

Ao se defrontar com as inúmeras críticas feitas aos impactos produzidos pela ação do homem na cultura e na territorialidade das comunidades, passou-se a indagar sobre uma alternativa que propiciasse a mediação dessa relação, às vezes conflituosa, entre a população local e o empreendedorismo, uma vez que o progresso é inevitável, mas preservar e conservar a natureza, a cultura e as populações tradicionais deveria ser o compromisso de todos.

Foi com o espírito indagador que se começou a traçar os primeiros pensamentos e escrito dentro da concepção geográfica. A princípio foi conflitante entender as diversas correntes de espaço, território e representação, pois descrever e entender o que seria o princípio da geografia moderna é desafiante.

O conhecimento por meios das representações e seus significados pode ser visto em Gil Filho (2005). O autor cita que "a representação é uma forma de conhecimento. Mesmo que tempo e espaço gerem determinadas formas de representação, é na dualidade sujeito e objeto que reside o denominador comum que pode conceber toda forma de representação" (GIL FILHO, 2005, p.120).

Melchior (2011 p.12) diz que o homem conhece seu território, sabe onde pisa e mais importante, geralmente ele sabe onde e como pisar. A capacidade cognitiva do homem de aprender e reaprender as coisas faz dele um animal sagaz (inteligente, perspicaz) e permite que ele reconheça os caminhos que

deve seguir, seguindo seu próprio conceito de valor. Precisamos partir deste princípio para entendermos como o homem lida com seu território e espaço.

A análise sobre a categoria conceitual *espaço,* segundo Bonnemaison (2002, p.129) é feita a partir da ideia de território[2].

> O espaço é errância, o território é o enraizamento. O território tem necessidade de espaço para adquirir o peso e a extensão, sem os quais não pode existir; o espaço tem necessidade de território para se tornar humano (BONNEMAISON, 2002, p.129).

"No intuito de melhor elucidar o conceito por ora abordado, o espaço, cabe ressaltar que para o homem, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções do espaço qualitativamente diferentes das outras" (ELIADE, 1999, p.25). Estas heterogeneidades promovem a existência de dois espaços qualitativamente diferentes: o sagrado e o profano.

Era preciso fazer com que esses dois olhares sobre o lugar se encontrassem. Na atualidade, a articulação de paradigmas é postulada por geógrafos, que também consideram como necessárias e complementares as abordagens racionalista e humanista, cuja produção científica pode ser inscrita no horizonte de uma Geografia Humana Pós-Moderna.

Conforme Claval (2001, p. 46):

> "Há mais similaridades do que parece à primeira vista, entre os geógrafos atraídos pela fenomenologia e aqueles que abraçam a causa radical, pois os dois grupos consideram que os fatos sociais diferem dos fatos naturais. O que é fundamental para os geógrafos de inspiração humanista ou radical não é a distribuição espacial dos fatos sociais, mas a maneira como as pessoas vivem nos lugares onde residem ou os que visitam, deles extraindo uma experiência".

Com estes conceitos compreendemos os aspectos da geografia humana e cultural e acima de tudo a relação do homem com seu meio e suas representações. Claval (2003, p.147) coloca ainda questões norteadoras dos estudos culturais no âmbito da Geografia a percepção e concepção dos homens de seu ambiente, da sociedade e do mundo; a valorização de lugares e atribuições de significações a eles; as técnicas adotadas para dominar, tornar

---

[2] Moraes (2002, p.17) aponta diferença entre a categoria espaço e território. "Do ponto de vista epistemológico, transita-se da vacuidade da categoria espaço ao preciso conceito de território".

produtivo ou agradável o lugar em que se vive; a imaginação, a atualização, a transmissão e a difusão do conhecimento; as estruturas dos conjuntos sociais e sua legitimação; e a contribuição dos mitos, religiões e ideologias no sentido da vida e no contexto em que se realiza.

Somente com essa amplitude de conhecimento e visão é que poderemos traçar um esboço de como é essa realidade vivida.

Dessa maneira, o espaço enquanto categoria de dimensão abstrata deixa de ser a referência central, pois o “espaço vivido” é a referência, porque é construído socialmente a partir da percepção das pessoas, logo é vivido e interpretado pelos indivíduos. O destaque ao espaço vivido coloca em referência o conceito de lugar.

O lugar, interpretado pela Geografia sob a concepção da fenomenologia, é considerado mais do que o espaço. Ele é visualizado não como um lugar em si, um lugar objetivo, mas como algo que transcende a sua materialidade, por ser repleto de significados.

O lugar passa a ser concreto e único e que tem uma paisagem, mas uma paisagem não apenas natural, mas é cultural em sua essência. Dentre os autores que coadunam dessa acepção de *lugar*, Tuan (1983, p.151) afirma que “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire significação e significado”. No caso da cidade, ele diz que “a cidade é um lugar, um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo”. (TUAN, 1983, p.191).

Quanto ao espaço vivido, trata-se da organização como um jogo de combinações encaixadas e hierarquizadas. Ele explica o espaço em diferentes níveis, partindo do espaço infralocal, ou seja, do espaço embrionário do ser humano, passando pelo “espaço social”, onde se estabelecem inter-relações mais complexas (como a organização das famílias, das profissões, da aldeia ou bairro urbano) até chegar à região. Em uma forma mais abrangente, mais global, estaria o “grande espaço ou domínio, num nível intermediário entre região e toda a superfície do globo", Frémont (1980, p. 115-17).

Nas palavras de Correa (2003, p.147-166), a Geografia Humanista assenta-se na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência e no simbolismo, privilegiando o singular e não o particular ou o universal. Nesse

contexto, o lugar passa a ser o conceito mais relevante, enquanto que o espaço adquire a conotação de espaço vivido.

Tal vertente do pensamento geográfico encontra na fenomenologia seu suporte filosófico, pois analisa a apreensão das essências através da experiência vivida e adquirida, não considerando o mundo independente do ser humano. O sentimento de pertença, a assimilação e a consequente incorporação da cultura local contribuem para a formação da identidade dos lugares.

Essa concepção geográfica privilegia os significados e valores que os homens atribuem ao espaço. Considera também pertinente o comprometimento do pesquisador com o seu objeto de investigação, no momento em que ele passa a fazer parte da pesquisa, adotando uma atitude de observador participante da realidade que estuda. Por conseguinte, ocorre uma ruptura na oposição sujeito e objeto, bem como entre ator e observador.

Dessa maneira, o espaço, enquanto categoria de dimensão abstrata, deixa de ser a referência central, pois o espaço vivido é a referência, aquele espaço que é construído socialmente a partir da percepção das pessoas. Espaço vivido e interpretado pelos indivíduos.

Frémont (1980, p. 116) dá um destaque espacial ao “local”, colocando essa categoria como ponte entre o “espaço infralocal” e o “espaço social”, como elemento essencial da estruturação do espaço. Segundo o autor, é, no lugar, que a percepção do espaço acontece de forma mais espontânea, mais personalizada, porque suas delimitações e fronteiras apresentam-se mais nítidas, mais perceptíveis.

Sendo assim, pode-se dizer que são as relações que acontecem no espaço, que o caracterizam. Não há como separar as coisas das criaturas humanas, pois as coisas passam a ter significados a partir da importância, do uso, do valor que lhes é dado por alguém. As relações que se estabelecem entre os seres humanos e as coisas, vinculando, ainda, o tempo ao espaço, formam uma rede que preenche e faz a existência do espaço. Um espaço vazio não existe. O que está nele e o que nele acontece é o que dá significado.

Para Bonnemaison, o espaço é em princípio um vazio alienante, incapaz de criar identidades. No espaço o que existe são indivíduos solitários e

confrontados, dissociados de seus lugares de vida, das intimidades que perpassam a vida cotidiana, da segurança e do enraizamento. A humanização deste vazio alienante, bem como a sua metamorfose em território, poderá ocorrer somente nas condições em que houver possibilidades que permitam uma mediação cultural do grupo sobre o espaço. Se assim acontecer, o indivíduo deixará de ser errante (que anda de um lado para o outro sem se fixar) para tornar-se um indivíduo enraizado (BONNEMAISON, 2002, p.83-132).

E completa:

> [...] o território apela para tudo aquilo que no homem se furta ao discurso científico e se aproxima do irracional: ele é vivido, é afetividade, subjetividade e muitas vezes o nó de uma religiosidade terrestre, pagã ou deísta. Enquanto o espaço tende à uniformidade e ao nivelamento, o território lembra as idéias de diferença, de etnia e de identidade cultural [...] (BONNEMAISON, 2002, p.126).

Com essa concepção é que observamos que ao longo do tempo houve uma redução do território da Igreja e como ela reorganiza o espaço das cidades. Primeiro, os cemitérios deixam as Igrejas e sua área circundante e são transferidos para áreas distantes dos aglomerados. Depois, as áreas circundantes das igrejas são transformadas em habitações, praças, áreas de lazer, etc.

Assim, o espaço cemiterial só existe pela chegada da morte do homem, e para conviver com esta realidade, o homem, por meio das mais diversas formas de manifestações culturais, significados e sentidos, símbolos, representa a morte socialmente. A morte está na cultura como o morrer está para o homem. É através destas leituras que observamos a grandiosidade de um indivíduo, sua importância em uma sociedade, de acordo com a magnitude do seu funeral.

A morte se faz representar de forma profunda na cultura, ela se representa socialmente no ato de morrer, invariável e inevitavelmente, só é possível a partir da perspectiva da vida, ou seja, o que se representa na morte vem do que se viveu. E assim, a morte, e, por conseguinte, o morrer será representado socialmente, e o espaço sagrado e espaço de representações que possuem algo em comum: representam um lugar privilegiado no interior de nosso território sagrado (cemitério).

Ao se trabalhar com morte, trabalha-se sobretudo com a memória. Mais do que tudo, a ida ao cemitério é um exercício de autoconhecimento, de busca de identidade. NORA (1981, p. 27) ressalta que “há uma rede articulada dessas identidades diferentes, uma organização inconsciente da memória coletiva que nos cabe tornar consciente de si mesma”.

O homem, desde os tempos mais remotos até os dias atuais, busca entender e explicar a morte. De um modo geral, a produção científica tem ampliado seu universo de pesquisas frente aos desafios do assunto, enfatizando, através da transdisciplinaridade, o resultado da simbiose entre as ciências humanas, as ciências médicas e recentemente as ciências cognitivas.

Cemitérios são espaços sagrados que fazem parte da vida cotidiana. Embora sejam objetos de representações individuais dos vivos e objetos de temor ou de fantasias, inclusive de aparecimento de almas ou visões, são, de fato, pequenas cidades, sendo regidos por lógicas de organização e de planejamento que movimentam negócios e mostram estratificações sociais identificadas sejam pelos enterros, movimentações transitórias, seja pela riqueza, ou pobreza dos jazigos, ou mesmo pelas ruas que separam os túmulos.

Com relação ao espaço de descanso dos mortos, os cemitérios agora são pensados sempre para se localizarem nas periferias das cidades, longe do convívio dos vivos. O novo conceito de construção cemiterial não tem mais a paisagem da sacralidade, túmulos ostentando o poder econômico do falecido, simbolismo que evidenciam seu credo, hoje são pensadas como cidades econômicas, desassociadas da religião, são os cemitérios jardins.

As cidades na atualidade são construídas com muito concreto, com poucas áreas verdes, áreas de lazer, são locais modernos, sem vida, devido a rigidez que se impõe. Isto é, um local que o “antigo” não tem espaço, que a insalubridade é combatida e afastada. Portanto, essa concepção geográfica privilegia os significados e valores que os homens atribuem ao espaço.

Considera também pertinente o comprometimento do pesquisador com o seu objeto de investigação, no momento em que ele passa a fazer parte da pesquisa, adotando uma atitude de observador participante da realidade que

estuda. Por conseguinte, ocorre uma ruptura na oposição sujeito e objeto, bem como entre ator e observador.

De todos os elementos urbanos do município de Itapuã do Oeste/RO, este estudo privilegia o ambiente cemiterial e suas representações sociais e outros representantes da sua paisagem cultural[3] e ambiental. Dentre os vários autores consultados durante o processo, privilegiaram-se aqueles que têm na Geografia sob a abordagem fenomenológica e cultural o seu objeto de estudo. Para a compreensão do espaço enquanto lugar elegeram-se, em especial, as obras de *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* de Yi-Fu Tuan, bem como artigos, teses e dissertações elaboradas por autores brasileiros.

Os espaços em que as pessoas moram, circulam, divertem-se ou trabalham são dotados de familiaridade e de significado, adquirindo o sentido de lugar. O sentido de lugar está associado à apropriação do espaço pelas pessoas, gerando uma identidade (Lévi-Strauss, 1977)[4].

Para Carlos (2007, p.22) "o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado [...] possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos do corpo". Ela ainda ressalta que só existe lugar na medida em que existe a relação das pessoas com o espaço, através dos sentidos. Uma metrópole não pode adquirir as características de lugar, pois não é possível apreender, vivenciar e dar identidade a uma grande cidade como um todo (CARLOS 2007, p. 26).

A rua, a praça, o bairro, estes sim, são os lugares, e são eles (obviamente vinculados ao contexto maior da metrópole) que adquirem significados simbólicos para as pessoas. É a partir do espaço vivenciado que se constrói a experiência de lugar. "O lugar é a base da reprodução da vida, e

---

[3] A paisagem cultural é para Roberto Lobato Correa (2003, 2011) um conjunto de formas materiais dispostas e articuladas entre si no espaço como os campos, as cercas vivas, os caminhos, a casa, a igreja, entre outras, com seus estilos e cores, resultante da ação transformadora do homem sobre a natureza.

[4] Segundo Strauss (1977), a identidade nos remete a uma dialética primordial: a existência do "outro" como condição de afirmação de minha identidade. A identidade é um processo de definição e de classificação social de um nós (grupo), sempre em oposição ao outro (grupo distinto do meu), neste sentido a identidade é sempre definida por oposição e por contraste a outras alteridades. O lugar é um dos sinais diacríticos por meio do qual as pessoas constituem a sua identidade.

pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar" (CARLOS, 2007, p.17).

1.2 Localização do Município de Itapuã do Oeste/Ro

O lugar investigado é o município de Itapuã do Oeste/RO, localizado às margens da BR-364, distante 105 km da capital Porto Velho/RO. Quando se caminha pela cidade, percebe-se que a configuração do seu espaço não difere dos vários municípios criados ao longo da BR 364; o município tem sua ocupação ligada aos ciclos da Borracha e da Mineração. Sua toponímia em língua indígena Tupi significa "pedra bonita", sendo este o primeiro nome atribuído ao povoado localizado às margens da BR-364, cuja área é de 4.081,43 km².

O clima é do tipo "Amwi", segundo classificação de Köppen, quente e úmido, com curta estação seca (tropical com chuvas tipo monção), com temperatura média de 22º C e precipitação variando entre 1750 e 2750 mm/ano (SEDAM, 2003).

A formação vegetal existente na Flona do Jamari pertence ao bioma amazônico, sendo que sua fitofisionomia é composta principalmente por Floresta Ombrófila Aberta (terras baixas e submontana) e com pequenas manchas de Floresta Ombrófila Densa. Além destas florestas, apresenta também formações aluviais (florestas de várzea, baixio e buritizal, em menor proporção). A formação ombrófila ou de terra firme abrange mais de 95% da área da Flona (IBAMA, 2005).

A forma de relevo predominante são as superfícies de aplanamento, com ocorrência de planuras. Há a presença de depressões aluvionares. Os solos da área são predominantemente classificados como Latossolos (RONDÔNIA 2002) sendo:

Latossolos Vermelhos Distróficos (LVd) - solos minerais com teores de Fe_2O_3 entre 8% e 18%, nos solos argilosos ou muito argilosos, e normalmente inferiores a 8% nos solos de textura média. São profundos, bem drenados, friáveis ou muito friáveis, de textura argilosa ou muito argilosa e média.

Latossolos Vermelho-Amarelos (LVA)- *s*olos com teores de Fe2O3 iguais ou inferiores a 11% e, normalmente, acima de 7%, quando os solos são argilosos ou muito argilosos e não concrecionários. São profundos ou muito profundos, bem drenados, com textura argilosa, muito argilosa ou média. Suas principais limitações são a acidez elevada e a fertilidade química baixa.

Latossolos Amarelos (LA) - apresentam baixos teores de Fe2O3, em sua maioria, abaixo de 7%. São solos bem drenados com predominância de textura média, baixa relação textural e pouca diferenciação entre os horizontes. Uma de suas características mais marcantes é a coesão – quando secos, apresentam-se duros ou muito duros. Suas principais limitações decorrem de forte acidez e baixa fertilidade química natural. São, portanto, solos muito pobres em nutrientes, o que exige um investimento inicial bastante alto, com o uso intensivo de adubação fertilizante.

O município alcançou autonomia político-administrativa através de sua criação pela Lei Estadual 364, de 13.02.1992, assinada pelo Governador Oswaldo Piana. Algum tempo depois, devido à população não aceitar o nome de Jamari, ocorreu uma consulta popular e o município voltou a ser chamado de Itapuã do Oeste.

Desde seu surgimento, enquanto povoado às margens da BR 364, já trazia esse nome. Porém por circunstâncias da Constituição Estadual, o relator Amizael Silva, resolveu homenagear com o nome de Jamari, que era conhecido pelos primeiros exploradores como Iamari, que poderia ser alteração de jaumari, que significa semelhante ao umari, uma fruta da região (SILVA FILHO, 1995).

Outra versão para a palavra Jamari é fornecida pelo Plano de Manejo da FLONA do Jamari (2005): “significa, segundo os índios Jupaú, Jamari (*Ypitinga*) rio de águas turvas”.

O significado adotado pelos indígenas parece ser o mais adequado do que aquele descrito por Silva Filho, justamente pela ancestralidade e conhecimento da região do Alto Jamari, área ancestralmente ocupada pelos Jupaú, povo que habita a Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau.

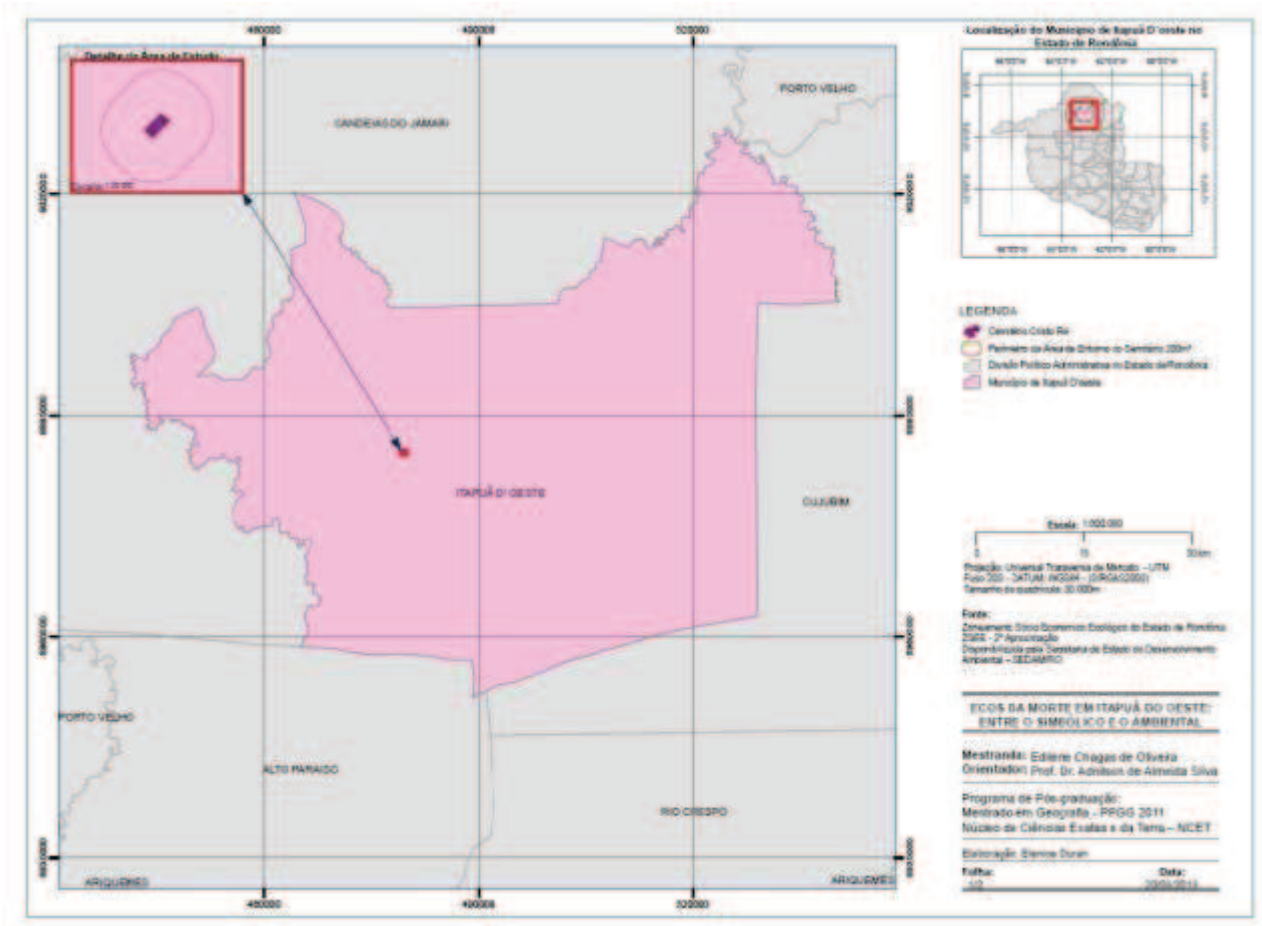


Figura 1: Localização geográfica de Itapuã do Oeste/RO.

Itapuã do Oeste não conta com distritos. A zona rural é formada pelos seringais Nova Vida, São Pedro e Providência; as Glebas São Pedro, Cachoeira de Samuel, Cachoeirinha, Cajueiro, Jacundá e Cujubim; além dos assentamentos Vale do Jamari, Cujubim, Rio Preto Candeias e os imóveis Botica, Aliança do Itapuã do Oeste, Alegria do Rio Preto, Bom Retiro, Cristo Rei e Manoá de acordo com a Agenda 21 municipal. Limita-se ao norte e ao oeste com Candeias do Jamari, ao sul (Alto Paraíso e Cujubim), a leste (Cujubim), (ALMEIDA SILVA, *et al*, 2009, p.28).

O município situa-se ao Oeste da Estação Ecológica - ESEC de Samuel - na mesorregião Madeira-Mamoré e Microrregião Porto Velho, no estado de Rondônia, onde abriga ainda em seu território importantes unidades de conservação Floresta Nacional - Flona do Jamari e ESEC Samuel, apresentando grande biodiversidade fauno-florística. A economia de Itapuã do Oeste/RO é impulsionada principalmente pelo setor primário - agricultura e pecuária - sendo acompanhada pela extração de madeira e outras atividades

geradoras de trabalho e renda. Por ser município recente, criado em 1992, atrai um número considerável de migrantes, ocasionando uma mobilidade populacional grande, o que confere uma identidade em processo de formação.

1.3 A Morte e o Morrer

Recorrendo à origem da palavra morrer, sabemos que deriva do latim, mais precisamente, da palavra *morrere* que significa perder a vida, falecer, expirar, perecer. Outros significados lhe são atribuídos em termos de senso comum e sentido figurado, tais como: apagar, bater a bota, bater a caçoleta, descansar, desaparecer, descer à terra, dizer adeus ao mundo, embarcar, entregar o corpo a Deus, entre outros (FONTINHA, 2010, p. 22).

Schopenhauer (2000, p.14) diz que a morte não é o oposto da vida, mas um acontecimento complementar que a define. O homem com vida é um ser para a morte. Aceita de forma natural esse processo que nos causa horror.

> O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática (MORIN,1997, p.33).

Assim na tentativa de elucidar o significado da morte, o homem vem estudando desde os textos sagrados indianos, os Vedas, escritos há aproximadamente 3 mil anos até o atual movimento existencialista, consistindo numa das tarefas centrais de alguns dos nossos principais sistemas de pensamento filosófico (MARANHÃO, 2008, p. 62).

A morte é cruel, fria, não cede espaço para qualquer tentativa de diálogo, representa um mistério e tal fenômeno aleija o homem de qualquer compreensão humana.

Edgar Morin aborda que o desejo pela vida e imortalidade requer e carrega consigo uma espécie de luta e resistência ao próprio destino ao qual estamos fadados. No nosso mundo, o dos homens contemporâneos, a vida, e mais ainda o ser humano, deve resistir à morte, para tanto conta-se com a

ciência, a medicina e a higiene, que prolongam as vidas individuais e poderão fazê-lo ainda mais, através da reconstituição e regeneração dos órgãos (MORIN, 2007, p. 37-39).

> "A consciência da morte não é algo inato, e sim produto de uma consciência que capta o real. É só "por experiência", como diz Voltaire, que o homem sabe que há de morrer. A morte humana é um conhecimento do indivíduo" (MORIN,1997, p.61).

Na realidade, definir o conceito de morte não é fácil (BARROS, 1998), pois é muito diversificado (RAMOS, 1987, p.163). Este antropólogo analisou diversas sociedades culturas e tribos no Oriente e no Ocidente e verificou que existem diferentes concepções de vida e de morte, diferentes rituais de funeral, diferentes atitudes em relação à morte e aos mortos.

MORIN (1970 *apud* KOVACS, 1992, p.28) diz que é nas atitudes e crenças diante da morte que o homem exprime o que a vida tem de mais fundamental. Para a espécie humana, a morte é presente durante a vida toda e se faz acompanhar de ritos. A morte faz parte do cotidiano, concreta e fundamental. Qualquer grupo, mesmo os mais ancestrais, não abandona seus mortos. A crença na imortalidade sempre acompanhou o homem.

Não é de se surpreender, portanto, que o homem, diante de tanto descontrole sobre a vida, tente se defender psiquicamente, de forma cada vez mais intensa contra a morte. "Diminuindo a cada dia sua capacidade de defesa física, atuam de várias maneiras suas defesas psicológicas" KÜBLER-ROSS (1997, p.13-21).

Ao mesmo tempo, esses conflitos seriam, segundo ponto de vista de Mannoni (1995, p. 98), verdadeiras pulsões de destruição; a dimensão visível da pulsão de morte. MANNONI (1995, p.97), citando Áries, conta que a morte revelou sua correlação com a vida em diversos momentos históricos. As pessoas podiam escolher onde iriam morrer; longe ou perto de tais pessoas, em seu lugar de origem; deixando mensagens a seus descendentes. A possibilidade de escolha deu lugar a uma crescente perda da dignidade ao morrer, como nos afirma KÜBLER-ROSS (1996, p. 32): "...já vão longe os dias em que era permitido a um homem morrer em paz e dignamente em seu próprio lar."

“Apesar de a morte ser o destino de todas as pessoas, indiscriminadamente, a duração da vida e a maneira de morrer são diferentes: dependem da classe socioeconômica em que a pessoa está inserida” (COMBINATO & QUEIROZ, 2005, p.16). Para os que possuem um poder aquisitivo elevado, será suntuoso, e para os relegados a viver de forma simples, uma morte fria e esquecida na simplicidade da vida que se levou.

Segundo Marrone (1999, p.515), muitas são as interpretações que se dão à morte: para uns “a morte é simplesmente o fim da existência, uma parede, e a ideia de uma vida após da morte como ilusória, mística qualidade ”; para outros “a esfera da morte e da vida depois da morte é uma porta – objetiva transição de estados do ser ”; para alguns “ o evento da morte é uma sagrada e magnífica libertação da dor e sofrimento da pesada existência terrestre ” e ainda para outros “a morte é a terrível e lamentável perda da vida ”.

Apesar de apresentarmos várias perspectivas e tentativas de definição da morte, convém não esquecer que possuímos uma herança cultural sobre a morte que define e interfere a visão que cada um de nós tem sobre ela. Mais ainda, segundo a psicóloga César (2002, p.24) “partimos de ideias preconcebidas sobre a morte, formadas a partir da nossa personalidade, da educação familiar e do ambiente sociocultural e religioso em que vivemos”.

Morin lembra que: “não existe nenhum grupo arcaico, por mais ancestral que seja, que abandone seus mortos ou os abandone sem ritos”. (MORIN, 1997, p.25). E isso implica a sobrevivência daqueles. Além da ferramenta, a sepultura passa a fazer parte da humanização do homem ancestral, pois ela indica a preocupação com a morte. Se por um lado é possível saber a idade e as determinações da humanidade através da ferramenta, é somente através da sepultura que se pode encontrar a revelação sobre a morte.

Uma investigação sobre os dados funerários leva a crer que se havia uma preocupação com as práticas funerárias é porque os ancestrais acreditavam na sobrevivência do morto. Do contrário, deixariam os cadáveres insepultos e prosseguiriam. As práticas relativas aos cadáveres ajudam, portanto, a conhecer os fenômenos humanos.

Percebe-se que desde os primeiros tempos o ser humano tem consciência da morte, reconhecendo-a como um fato. Juntamente com esse

reconhecimento vem o horror a ela, que percorrerá toda a história da humanidade.

O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática (MORIN,1997, p.33).

> Mas desde já é notável constatar que nenhuma sociedade, inclusive a nossa, conheceu ainda a vitória absoluta, seja da imortalidade, seja da consciência desmitificada da morte, seja do horror da morte, seja da vitória contra o horror da morte (MORIN, 1997, p. 38).

1.4 Conceitos do Sepultar no contexto Geográfico

O sepultamento ou enterro consiste no ato de colocar o corpo falecido em uma sepultura. Por isso, o sepultamento é um ato distinto de enterro. No primeiro caso o cadáver é sepultado numa sepultura e no segundo o cadáver é enterrado numa cova, sob a terra - donde se origina a etimologia da palavra (em terra - enterrar = colocar sob a terra).

Tanto a palavra “cemitério” quanto a palavra “necrópole” tem origem grega. Cemitério deriva de *koumetèrian*, de *kcmão* (onde eu durmo, dormitório), e necrópole de *necrópolis* (cidade da morte ou dos mortos). Já a palavra “cadáver”, que também está nesse contexto, tem origem latina e significa – “carne dada aos vermes”, o que traduz o destino dessa matéria orgânica. Segundo Bayard (1993, p.221), na terminologia hebraica, o cemitério é designado por termos como: *Berth Olam* (casa da eternidade) e *Beth ha’ hayaim* (casa da vida).

Foi sob a influência do cristianismo que o termo tomou o sentido de “campo de descanso após a morte”, designando mais precisamente o local no qual os cadáveres eram enterrados. Mas segundo Pacheco (1986, p.48) o termo só pode ser corretamente utilizado para os locais em que se sepultam

corpos por *inumação*[5], pois em algumas nações como as do Oriente Médio os sepultamentos ocorriam em sarcófagos em rochas sedimentares ou em sepulcros construídos em rocha.

Desde que o homem começou a se ocupar do cadáver, estão registrados basicamente quatro processos funerários – o da pedra tumular, o do enterro, o do dessecamento e do da cremação, CHIAVENATO (1998, p.12).

Durante a Idade Média, instaurou-se o costume de sepultar os mortos, particularmente aqueles de maior poder sócio-econômico-político, nas igrejas ou nas suas imediações, desenvolvendo-se dessa forma uma relação de aproximação entre vivos e mortos.

> A morte estabelece o vínculo entre passado e futuro e opera de forma estruturante como texto e signo sobre a concepção que cada sociedade faz de sua própria tradição. Nessa tradição, a determinação da existência religiosa depende de como um povo representa seu Deus e, (...), de como ele caracteriza sua morte (WILLIAMS, 1996, p. 131).

O cemitério tem uma importância ímpar, no contexto da medievalidade, pois passou a representar uma nova concepção do espaço sagrado dos mortos, que substituiu a da Antiguidade. Sobre o assunto (ARIÈS, 1989, p.45) diz que: “Os autores medievais perceberam muito depressa que os seus costumes funerários se opunham aos dos Antigos”.

Arqueólogos e antropólogos, através de seus estudos, descobriram que o homem de Neanderthal já se preocupava com seus mortos: “Não somente o homem Neanderthal enterrava seus mortos, mas às vezes os reunia (gruta das crianças, perto de Menton)” (MORIN, 1997, p. 37-39).

Segundo este autor, na pré-história, os mortos dos povos musterenses eram cobertos por pedras, principalmente sobre o rosto e a cabeça, tanto para proteger o cadáver dos animais, quanto para evitar que retornassem ao mundo dos vivos. Mais tarde, eram depositados alimentos e as armas do morto sobre a sepultura de pedras e o esqueleto era pintado com uma substância vermelha.

Segundo Kastenbaum e Aisenberg (1983, p.151), os egípcios da Antiguidade, em sua sociedade bastante desenvolvida do ponto de vista

---

[5] Sepultamento em covas simples cuja profundidade varia de 1,1 a 1,6 m, sem revestimento de alvenaria, com simples recobrimento de solo.

intelectual e tecnológico, consideravam a morte como uma ocorrência dentro da esfera de ação. Eles possuíam um sistema que tinha como objetivo ensinar cada indivíduo a pensar, sentir e agir em relação à morte.

Só a partir do século XVII é que se adotou o costume de enterrar os mortos fora dos muros da cidade em sepulcros familiares ou comuns, devido principalmente as primeiras ideias higienistas que surgiam. Toda família rica ou remediada possuía seu túmulo, e os monumentos se alinhavam, ordinariamente, ao longo das estradas, nos subúrbios da cidade.

A partir do século XVIII as placas de identificação, algumas com epitáfios, se tornavam cada vez mais comuns. Philippe Ariès relaciona esse fato ao aumento da classe média, representada pelo numeroso índice de artesãos, que se empenhavam por sair do anonimato, e inclusive se preocupando em conservar sua identidade após a morte (ARIÈS, 2003, p.62).

Desde o Iluminismo do século XVIII, mediante todo seu caráter científico e racional, ocorria um movimento nos países europeus de reprovação das práticas de inumação em ambientes fechados, no caso, no interior das igrejas. Essa forma de sepultamento era considerada imprópria e não recomendada pelos padrões de higiene e de saúde pública à população da época.

Chiavenato (1998, p.13) ressalta que:

> Ao surgir a crença de que o homem era corpo e alma, as covas ficaram mais fundas, para que os fantasmas não saíssem da sepultura. Os famosos “sete palmos” não tem outro sentido e origem senão este: o defunto está “seguro” embaixo de sete palmos de terra – na verdade eram os vivos que se sentiam garantidos com tanta terra aprisionando o morto.

Sabe-se que no Brasil os sepultamentos durante o período colonial e parte do Império eram do mesmo modo realizados *ad sanctus,* ou seja, nas igrejas; nesse tempo, a ideia da “boa morte” ainda estava vinculada ao momento da morte da pessoa e o seu local de enterramento (REIS, 1997). Nesse sentido, dentro de uma mentalidade ainda marcada pela época medieval, estar enterrado em uma igreja era estar perto de Deus, o que significava uma maior possibilidade de uma vida feliz no além.

Assim, as igrejas no Brasil, recebiam os corpos de seus fiéis desde que tivessem sido na vida secular pessoas de certa posição social, e que os seus pudessem arcar com as despesas do sepultamento. Desta feita, quanto mais alta a posição social do defunto, maior sua proximidade com o templo, quando não do próprio altar (REIS, 1997).

Contudo, os escravos inseridos no mesmo contexto sócio cultural da época almejavam também ser enterrados nos templos. Muito embora esse ritual para eles pudesse ter outra conotação, somente conseguiam ser sepultados em igrejas por intermédio das Irmandades, as quais propiciavam aos seus membros um sepultamento dentro dos padrões tidos como dignos.

Todavia, os corpos dos escravos chamados pretos novos, os quais ainda não haviam sido inseridos no contexto social – a despeito de, no mais das vezes, já terem recebido o batismo cristão ocidental, quer fosse na África ou nos porões dos navios negreiros – eram simplesmente lançados à terra, em covas rasas.

No Brasil, os cemitérios fora da igreja surgiram no início do século XIX, quando os médicos, influenciados pelas ideias higienistas europeias, começam a intervir nos setores da saúde pública. Conforme elucida a historiadora Amanda Pagoto:

> Os corpos mortos eram considerados os principais causadores das várias epidemias que assolavam as cidades ao longo dos anos, portanto, era prioridade afastá-los do convívio dos vivos (PAGOTO, 2004, p. 19).

Até a peste negra da era medieval, os corpos dos clérigos e dos nobres eram sepultados no interior das igrejas cristãs europeias, mas devido ao medo da desconhecida peste, passaram a ser sepultados do lado de fora, ao lado das construções religiosas, o que ainda lhes respaldava o velo divino. Aos poucos, os homens, ainda vivos, perceberam que seus antes iguais, agora mortos, poderiam lhes causar ainda algum mal, e resolveram que estes deveriam ser sepultados a certa profundidade. Deram-lhes então sete palmos de chão sobre suas inertes cabeças. Ainda insatisfeitos resolveram, mais tarde, afastar este local de inertes para longe do local dos vivos, os cemitérios foram então marginalizados (MELCHIOR, 2011, p. 2-8).

Verifica-se que apesar das questões culturais, religiosa e simbólica que havia em torno da morte, as questões ambientais na manutenção do bem estar da população era um fato que requeria medidas drásticas para conter a epidemia e que assolava o Brasil no período.

Foram as preocupações de parte dos médicos (higienistas) que acusavam os problemas causados pelos corpos que estavam em processo de decomposição, uma vez que emanavam das sepulturas vapores ou fumaça que transtornava o ar que interferiam diretamente na saúde do ser humano, causando alguns tipos de doenças. Por esta nova perspectiva, a presença do morto se tornava inconveniente e representava perigo aos vivos. A partir de então, os cemitérios têm, cada vez mais, sido pensados como espaços que devem ser isolados da presença humana e, esteticamente, tornados mais bonitos.

Desse modo, os mortos passam a ter uma importância significativa, pois servem de modelo para os vivos, sendo necessários para a manutenção da ideia de imortalidade dos feitos grandiosos. Os cemitérios passam então a concepção de que o túmulo é a última morada dos mortos e como tal deve reproduzir sua morada quando vivo, pois: A última residência era uma representação de sua maneira de viver a vida e do qual o defunto pertenceu (DEFFONTAINES *apud* BELLOMO, 1988, p.18).

> A cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos. Num sentido, aliás, a cidade dos mortos é a precursora, quase o núcleo, de todas as cidades vivas. A vida urbana cobre o espaço histórico entre o mais remoto campo sepulcral da aurora do homem e o cemitério final, a Necrópolis em que uma após outra civilização tem encontrado o seu fim. Em tudo isso, há fortes matizes de ironia. A primeira coisa que saudava o viajante que se aproximava de uma cidade grega ou romana era a fila de sepulturas e lápides que ladeavam as suas estradas. Quanto ao Egito, a maior parte do que restou daquela grande civilização, com sua alegre saturação em todas as manifestações da vida orgânica, são seus templos e túmulos. Até mesmo na apinhada cidade moderna, o primeiro êxodo geral para um lugar de morada mais desejável no campo foi a migração dos mortos para o romântico Eliseu de um cemitério suburbano (MUNFORD, 1998, p.13).

Àries (1989, p. 34) arrola que os antigos temiam a vizinhança dos mortos e os mantinham distante dos vilarejos. Os mortos enterrados ou incinerados

eram considerados impuros e podiam poluir os vivos. Já no século V d.C., na época de predomínio da religião católica no Ocidente, estabeleceu-se uma aproximação entre a cidade dos vivos e a cidade dos mortos, com a penetração dos cemitérios no meio das habitações dos homens, relação que, no final do século XVII, gradualmente, desaparecerá.

Ainda segundo Philippe Ariès (1990, p.48) ele explana que até o começo do século XX, a função atribuída à morte e a atitude diante da morte eram praticamente as mesmas em toda a extensão da civilização ocidental. Esta unidade foi rompida após a Primeira Guerra Mundial.

As atitudes tradicionais foram abandonadas pelos Estados Unidos e pelo noroeste da Europa industrial, sendo substituídas por um novo modelo do qual a morte foi como que expulsa. Em contrapartida, os países predominantemente rurais, que, aliás, eram muitas vezes católicos, permaneceram-lhes fiéis.

“O não abandono dos mortos implica a sobrevivência deles. Não existe relato de praticamente nenhum grupo arcaico que abandone seus mortos ou que os abandone sem ritos” (MORIN, 1997 p.37-39). Ainda hoje, nos planaltos de Madagascar, durante toda a vida, os kiboris constroem uma casa de alvenaria, lugar onde seu corpo permanecerá após a morte.

Um indivíduo ateu, mesmo não se importando com os dogmas cristãos, não entrará em uma igreja de maneira desrespeitosa. Ele sabe que os valores presentes em uma sociedade, ou em menor grau, em uma comunidade, o impedem que ele o faça. Isso, claro, considerando em termos gerais. Sempre haverá exceções. O homem ainda é um animal, apesar de considerado o mais racional deles. Quando o animal em questão perece, lhe é reservado um espaço físico onde possam ser depositados seus restos mortais.

Eduardo Rezende destaca que com o processo de desvinculação dos cemitérios das igrejas para os novos cemitérios, as marcas foram soerguidas acima do solo. Apesar de serem símbolos do catolicismo, as cruzes acima do solo começam a representar o fim do poder de ocupação no subterrâneo, tanto em termos simbólicos como reais; “o Céu aberto na Terra pelo cemitério” como ele nomina, agora prejudica a Igreja; com a cova ao ar livre, o mistério do destino do corpo é enfraquecido e se amplia o céu para além do espaço e domínio da igreja (REZENDE, 2006, p. 49).

Temos ainda o interdito da morte que parece ser solidário com a modernidade, acompanhando os progressos da industrialização, da urbanização e da racionalidade. A sociedade produziu os meios eficazes para se proteger das tragédias cotidianas da morte, a fim de ficar livre para prosseguir em suas tarefas sem emoções nem obstáculos (TAMURA. 2006 p. 146).

Hoje, os cemitérios têm o trabalho de acomodar os mortos a fim de não importunar os vivos. Os vivos frequentam o cemitério, cuidam de seus túmulos e mantêm viva sua memória, como se eles ainda estivessem vivos. Os mortos têm uma fronteira biológica intransponível, mas os vivos ultrapassam a fronteira entre o seu local e o deles com muita facilidade e o fazem quando lhes convém. Edificam o local dos mortos, dando-lhes morada enfeitada, lápide suntuosa, jazigo gigantesco, afresco e flor e parafina.

Solé (2003, p 88) comenta que “Como na época dos faraós, muitos egípcios fazem longas visitas os seus defuntos, e até moram com eles num fim de semana ou por ocasião de certas festas”. Aproximando-nos do exemplo egípcio, temos em nossas comunidades locais o hábito de visitar os mortos, a considerar, o dia de finados, segundo dia do mês de novembro, como data sagrada, sendo inclusive feriado.

De maneira geral, cristãos, islâmicos e judeus acreditam que após a morte há a ressurreição. Já os espíritas creem na reencarnação: o espírito retorna à vida material através de um novo corpo humano para continuar o processo de evolução. Algumas doutrinas acreditam que as pessoas podem renascer no corpo de algum animal ou vegetal. Em algumas religiões orientais, o conceito de reencarnação ganha outro sentido: é a continuação de um processo de purificação.

Nas diversas religiões, o homem encara a morte como uma passagem ou viagem de um mundo para outro. E para cada religião existe um ritual, um simbolismo e uma maneira de lidar com seus mortos, seja na forma como enterram ou como constroem seus túmulos.

CAPITULO 2 - METODOLOGIA

Que o teu trabalho seja perfeito para que, mesmo depois da tua morte, ele permaneça. Leonardo da Vinci (1512 - 1514)

2.1 Método Fenomenológico, Representativo no Espaço Cemiterial e Ambiental

Abordar os fenômenos intrínsecos do ser humano, tais como o sentimento, a emoção, a subjetividade como tema central das aspirações, desejos, enfim as "coisas" que são inerentes ao ser humano em sua relação com o outro e com a natureza, com o lugar, onde se desenvolve suas experiências de vida, é nosso intuito no cemitério de Itapuã do Oeste/RO.

A metodologia desenvolvida no trabalho ocorreu de forma interdisciplinar, isto é com o aporte teórico de várias áreas do conhecimento humano, como a sociologia, antropologia e a psicologia, embora a base esteja assentada na geografia fenomenológica, sua aplicação inicia-se com Sauer e vai ganhando mais identidade com Edward Relph e Yi-Fu Tuan. Para o primeiro, a fenomenologia consiste em ser um método, que possui um caráter cultural inscrito dentro de uma perspectiva prática e ambiental, ativa ou potencial de modo que a explicação é centrada sobre experiências vividas no cotidiano e contextualizadas culturalmente como uma fonte legítima de conhecimento.

A fenomenologia, embora possua raízes mais antigas nos filósofos alemães Kant (1724-1804) e Friedrich Hegel (1770-1831), tem no igualmente filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) o seu criador. Esse é um movimento filosófico erigido ao final do século XIX, pautado na busca da superação dicotômica existente entre o racionalismo e o empirismo, entre o sujeito e o abjeto.

Para Relph (1995, p. 11), existem tantas geografias quantas são as percepções de mundo, no entanto, é possível observar um ponto de vista mais ou menos geral ou consensual nas várias percepções. Servindo em último caso como um poderoso instrumento de crítica ao racionalismo.

O referido autor possui a compreensão de que a Fenomenologia tem a ver com princípios, com as origens do significado e da experiência. É concernente a fenômenos tais como ansiedade, comportamento, religião, lugar e topofilia, que não podem ser compreendidos somente através da observação e medição, mas que “devem primeiro ser vividos para serem compreendidos como eles realmente são” (WILD, 1963, p.20).

Em linhas gerais, a Geografia fenomenológica propõe uma orientação metodológica que utiliza técnicas de observação, questionário, entrevista, depoimentos, entre outros; que enfatize o estudo de eventos únicos, contrariamente aos estudos de eventos gerais; que incorpore o indivíduo no processo de construção do conhecimento, sendo que cada indivíduo apresenta especificidades para apreensão e avaliação do espaço; que resgate as noções de espaço e de lugar, uma vez que ambos trazem consigo a ideia de percepção, valores, comportamentos, atitudes e motivações; e que priorize aspectos relacionados a subjetividade, intuição, simbolismo, sentimentos e experiências e o espaço torna-se concebido pelo espaço presente (Pereira 2003)

Na fenomenologia ocorrem discussões das representações, do imaginário, como representação e apreensão espaço. Neste sentido, Lencionini (2003, p. 142) afirma que a geografia inspirada na fenomenologia enfoca de forma subjetiva a realidade na qual a intuição constitui um elemento importante no processo de conhecimento.

Nesse processo, tem-se a fenomenologia e as várias perspectivas do conhecimento, a saber: o espaço, as representações, lugar, a paisagem. Assim nossa visão da perspectiva passa ser global diante da configuração do estudo.

Kozel (2004, p.170-171) infere que a Geografia das Representações busca o entendimento dos processos relacionados às ações dos grupos humanos, tendo como premissa que este é construído através de experiências (temporal e espacial), destacando a relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas.

Neste sentido, a Geografia das Representações permite a compreensão da diversidade inerente às práticas sociais e dos espaços que são ‘vividos’ por homens e sociedades. Este entendimento espacial ocorre por intermédio da

leitura do que é objetivo, do que é subjetivo e das relações históricas, culturais, sociais, econômicas e ideológicas.

As representações sociais, desta forma, fundamentam as ligações e dependências humanas em relação ao meio, e sua acepção volta-se muito mais ao senso comum que ao discurso científico e institucionalizado sem, no entanto, que esse seja descartado. Podemos dizer que nas representações sociais, ainda que formada das relações objetivas, está bastante presente a subjetividade, isto é, não se vê o sujeito, nem suas ideias como meros produtos de determinação científica, mas a sua participação nas reuniões públicas, nos locais de encontros populares e sociais, nos meios de comunicação, nas instituições sociais e nos movimentos da coletividade.

A realidade manifesta-se na consciência do indivíduo, porém tem sentido comunitário e, segundo Domingues (1999, p.63), revela “a própria construção da identidade coletiva e passa por processos de identificação”, com traços históricos e culturais que se apresentam por força da identificação do lugar, o que, aliás: O mundo em que vivo é aquele que construo e do qual me aproprio pelos discursos que pronuncio e que recebo e pelas interlocuções das quais participo.

O mundo em que vivo é aquele falado por mim e pela coletividade da qual faço parte. (...). É nesse universo de interlocução e de ações dos homens, que é o terreno da experiência; através da constituição e utilização dos sentidos dos homens que vivem no mundo na qualidade de sujeitos desse mundo – sujeitos de ação, sujeitos de fala – que esses mesmos homens convivem, estabelecem suas diferenças, marcam seus lugares (SILVA e SOUZA, 2002, p. 38).

O termo espaço é utilizado todos os dias nas diversas áreas das ciências e cada área interpreta o espaço de uma maneira. Na Geografia, é perceptível que cada corrente geográfica também possui e interpreta e compreenda distintamente acerca do conceito de espaço. A corrente fenomenológica na Geografia define-o como: O espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos. Uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço.

Essa geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço (LENCIONI, 2003, p.152).

No campo do espaço fenomenológico, o espaço tornou-se um objeto muito importante para análise da pesquisa geográfica. Nesse processo, as categorias geográficas são interdependentes e isso resulta num campo fértil para estudo do espaço a partir de sua interação, a paisagem, a região e o território, visando manter as relações entre fenômenos que se manifestam a todo instante no espaço.

Assim, a paisagem, a região e o lugar são portadores de qualidades espaciais que dizem respeito a vivencia, a experiências a partir das quais cada pessoa ou sociedade compreende os símbolos e representações que estão impregnadas em sua cultura e em suas subjetividades, de modo que a compreensão acerca do espaço passa a ser dotada de significados e códigos que são compreendidos e exercitados após suas vivências.

O cemitério, então, tornou-se um dos componentes indispensáveis à compreensão que cada grupo humano faz de seu espaço, visto que para cada um deles sua representação tem distintos significados.

Devido sua especificidade, o trabalho buscou interconectar-se aos aspectos da Antropologia Cultural, da Sociologia e outras áreas do conhecimento considerando o caráter de sua complexidade do tema, o que se torna uma análise espacial, representativa, simbólica e ambiental do cemitério.

Os estudos desenvolvidos por Tuan (1983) ressaltam a importância de investigar as paisagens valorizadas como forma de identificá-las por meio dos sentimentos de afetividade (topofilia) ou de aversão (topofobia) do ser humano pelos lugares, já que estes sentimentos podem contribuir significativamente na formação de juízos, valores, atitudes e ações sobre a paisagem, sendo estas associadas às percepções e memórias relacionadas a um determinado ambiente (FERREIRA, 2002).

O espaço vivido, segundo RELPH (1976, p.16):

> "[...] espaço significante de uma cultura particular que é humanizado pela nomeação dos lugares, por suas qualidades para o homem, e por refazê-lo para que sirva melhor às necessidades da humanidade". Segundo esta concepção, o lugar tem uma personalidade e um sentido.

Como parte do processo investigativo, o convívio com os moradores do entorno do Cemitério Cristo Rei se deu com a participação da pesquisadora em seu cotidiano, em que se discutiu por inúmeras vezes os problemas gerados pela ausência do poder público quanto às questões sanitárias e legislação ambiental, assim como os conflitos internos, as dificuldades de trabalho, a tristeza da vida sem perspectiva, a saudade dos entes queridos e de outros tempos melhores, os problemas familiares, e assuntos prosaicos, brincadeiras, e de como os períodos de chuva têm-se alterado, e influenciado os moradores do entorno daquele espaço sagrado.

Esta pode parecer uma etapa mais tranquila aos olhos de um leigo, mas não é. O pesquisador tem de estar atento, não perder o foco da sua investigação, e ao mesmo tempo se envolver com as pessoas e com as atividades propostas, expor-se como pessoa. A separação entre uma postura e outra é muito tênue, muito sutil, conforme observa MARTINS (2003, p. 12):

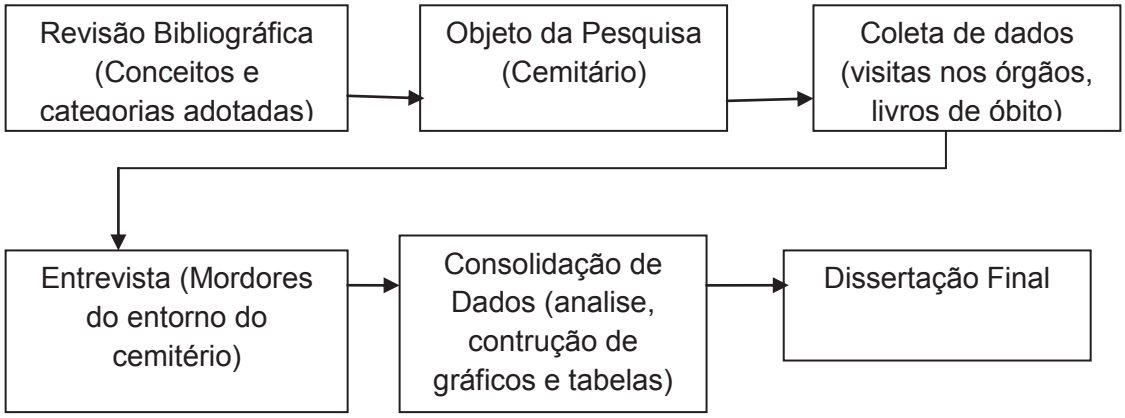
> "É preciso inverter a perspectiva. Essas populações têm vivido e sofrido o impacto do estranho, que não só invade territórios tribais e terras camponesas, confinando ou expulsando, mas também quebra a linhagem de família, destroem relações sociais, clandestiniza concepções culturais, valores, regras – vitais para a sobrevivência de tribos indígenas e comunidades rurais. No mínimo, repositórios de concepções alternativas do humano, que nossa sociedade, em seu conjunto, belicosa e violenta, vem perdendo ou já perdeu".

É importante que o pesquisador tenha a perspectiva de que é o estranho quando se propõe a trabalhar com comunidades humanas. Sua sensibilidade e humildade com relação a essa questão são essenciais para aproximá-lo ou distanciá-lo do grupo, sendo necessárias autenticidade e verdade em sua postura no trato com o próximo.

Da mesma maneira o pesquisador tem que ter a clareza que ele jamais será igual aos membros do grupo que pesquisa. Não se pode ignorar a diferença, deve-se, sim, buscar a neutralidade na observação e clareza no discernimento. Mesmo porque a comunidade sabe que o pesquisador é diferente e vai aceitá-lo como tal, ou então, vai repudiá-lo sendo parecido ou diferente deles.

A pesquisa tem a seguinte configuração, como mostra o fluxograma abaixo, que serviu de norte para que não houvesse a fuga da meta inicial, bem como no que se refere às fases de elaboração.

Sequenciamento Metodológico



Organizado por: Oliveira, Edilene Chagas, 2013

Essa contextualização faz-se necessária para se compreender o empirismo que existe na metodologia fenomenológica, uma vez que *o problema e a compreensão social da morte é especialmente difícil para descrever porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos* (ELIAS, 2001, p.09), e ao mesmo tempo está entrelaçado com o morto. Assim, a morte é integrante da "vida humana".

Logo, o pesquisador, de certo modo, também é "pesquisado" pela sociedade, onde desenvolve seu trabalho, isto é, sem perceber, ele é igualmente avaliado e sua postura poderá beneficiá-lo ou prejudicá-lo em sua atividade.

A produção ou um perfil do espaço geográfico, compõem-se dos elementos da natureza: relevo, clima, solo, vegetação, etc., que são transformados e modificados pelo jogo de interesses públicos e privados em construir, destruir e reconstruir novos espaços sociais, dotados de novas representações e revelam momentos específicos de determinada sociedade.

É com esse intuito que a Geografia se apropria do método fenomenológico, que tem como desdobramento da compreensão antropológica, cultural e geográfica para a compreensão do espaço. Ao

considerar o mundo percebido, vivido e imaginado pelos indivíduos, estes se tornam contato com o “mundo exterior” por via da percepção.

Para a fenomenologia, compreender o espaço é considerar o vivido e o percebido inspirado na subjetividade da realidade, que faz com que a intuição se torne um elemento importante no processo do conhecimento, na qual a representação subjetiva do espaço por meio da percepção faz o ser humano recuperar o humanismo que transporta significados e valores para o espaço vivido, que é construído pela percepção dos indivíduos através das práticas sociais.

A representação gráfica de escala é o significado mais usual e mais simples para representar áreas. Mas a simplicidade da matemática esconde a complexidade da representação do termo quando trata de recorte espacial. Mesmo que o recorte escolhido seja consciente ou inconsciente existe uma percepção do espaço total e/ou fragmentação espacial.

Sendo assim, a representação do espaço na escala nos remete a percepção, a configuração, a projeção e o significado do que é visível e invisível nas relações espaciais. Tudo isso para que possamos ter um entendimento da relação de espaço-vivido, percepção, territorialidade, cemitério e morte, e, assim compreendermos como o crescimento urbano tem tratado dos seus mortos.

Com relação à representação da morte no imaginário social é como mesclar o simbólico e o imaginário como fazendo parte da formação das relações e aparecem nas vivências das pessoas e grupos (SARRIERA *et al*, 2000, p. 36).

2.2 Procedimentos

O método utilizado consiste também na pesquisa bibliográfica, que abrange a temática já tornada pública, desde publicações avulsas, boletins, artigos, teses, dissertações, até meios de comunicação oral: entrevista (OLIVEIRA, 1997, p. 86).

Na avaliação deste autor, a pesquisa bibliográfica tem a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com tudo que foi escrito sobre

determinado assunto e com isto aprofundar o assunto, de modo que possibilite contribuir com uma nova abordagem sobre o tema.

Não existem regras fixas para a realização de pesquisa bibliográfica; que, no entanto, é importante arrolar tarefas como: exploração das fontes bibliográficas, leitura do material, elaboração das fichas, ordenação e analise das fichas e finalmente, a conclusão (GIL.1996, p.44)

Sendo assim, a pesquisa bibliográfica propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras e não como mera repetição de algo que fora escrito.

Com base nessa afirmação, os trabalhos de coleta de dados do cemitério foram iniciados via entrevista com o Senhor Sílvio, administrador (coveiro) do cemitério e com acesso à cópia ao livro de registro, além de visitar os órgãos municipais (Prefeitura, Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Secretaria Municipal da Saúde) para que soubessem quanto à realização do projeto no referido município e levantamento de documentos relacionados ao cemitério Cristo Rei quanto a sua instalação e implantação, para em seguida sistematizar os dados para a materialização da dissertação.

Utilizamos também dentro da metodologia a pesquisa qualitativa e exploratória, que responde, conforme Minayo (1994, p. 11), a questões subjetivas e tem como foco as pessoas, com suas crenças, significações e valores, em seu contexto e que fazem parte de determinada condição social. Utiliza-se este tipo de pesquisa quando se buscam percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação (NEVES, 1996).

Seguindo as orientações de Queiroz (1988, p.14-43), as entrevistas foram transpostas para o texto de maneira fragmentada e o nome do entrevistado ocultado, isto com o objetivo de preservá-las. Os nomes dos demais atores sociais envolvidos e citados foram transcritos.

Alguns autores optam por dar aos entrevistados nomes fictícios. É o caso de Monteiro (2002, p. 35) e Queiroz (1992, p.29). Outra parcela de pesquisadores nomeia os entrevistados, como Maldonado (2001, p.43) e Melo (2000, p.45). Dentre nossos entrevistados, 6 pessoas se negaram a gravar, porém não se recusaram a conceder entrevista.

A entrevista foi utilizada como um recurso para a construção de vínculos com os entrevistados, já que estabelece a relação social e permite a proximidade real com o tema pesquisado. A entrevista semiestruturada foi utilizada a fim de definir o roteiro temático e tem como vantagens possibilitar maior profundidade e verdade de temas complexos (HAGUETE, 1999).

As respostas referentes aos itens sexo e idade foram organizadas quantitativamente, procedendo-se a média e porcentagem. Já para a identificação e interpretação, foi realizada uma análise qualitativa, através do procedimento metodológico da Análise do Discurso do Sujeito Coletivo - DSC (Lefèvre, 2003). Para isso selecionam-se as palavras ou expressões-chaves semelhantes de todos os depoimentos dos sujeitos investigados, obtendo-se uma ideia central. A partir destas palavras ou expressões-chaves, constrói-se um novo discurso ou DSC, por ser construído a partir das palavras e expressões-chave encontradas nos vários depoimentos dos moradores do entorno do cemitério.

Analisando a totalidade dos depoimentos dos moradores, encontraram-se várias ideias centrais e, consequentemente, foi possível construir vários DSCs. Cada DSC é, dessa forma, uma faceta da representação social do conjunto dos sujeitos investigados em relação ao tema morte. Os conjuntos dos discursos coletivos construídos expressam a representação social do objeto investigado, a morte. Após a identificação das representações sociais como a construção dos DSCs sobre a morte expressas pelos moradores do entorno do cemitério Cristo Rei investigados, buscou-se, através de uma análise comparativa, discutir a heterogeneidade de representações sociais de morte, espaço e as questões ambientais.

Nosso estudo concentrou-se na população do entorno do cemitério, num perímetro de 200m². Estima-se que o setor 3, onde está localizado o cemitério, seja o menos populoso, com algo em torno de 900 (novecentos) moradores. E assim de forma aleatória escolhemos dentro deste perímetro 40 (quarenta) moradores, adultos (18 a 65 anos) de ambos os sexos para compor a pesquisa, que abrangeu uma área pequena do setor 4.

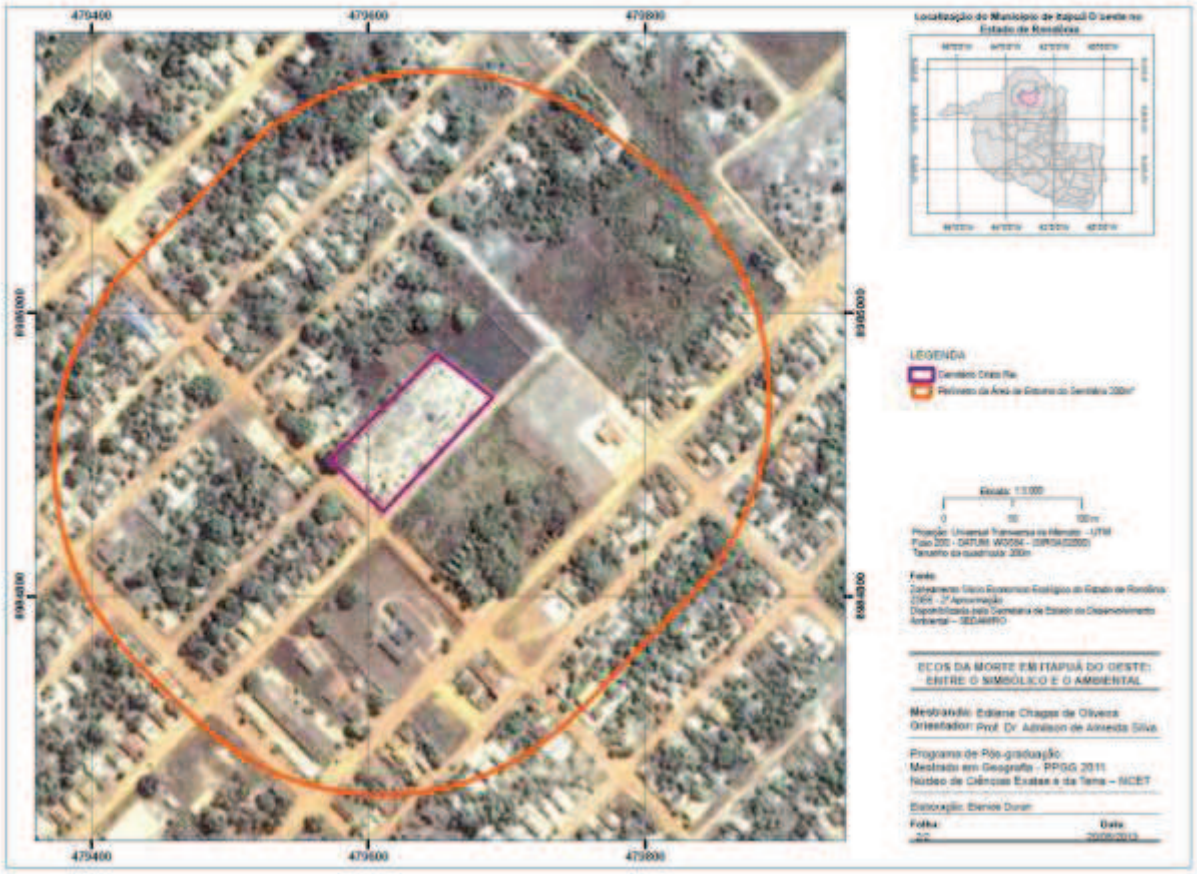


Figura 2: Cemitério Cristo Rei com área de estudo delimitada.

Buscou-se assim responder os objetivos específicos da dissertação, em analisar a área e seu entorno e entender as condições sociais e culturais do município de Itapuã do Oeste, por considerar que o cemitério reproduz os costumes e os interesses comuns da sociedade, e que este também se apresenta contíguo à cidade.

A avaliação dos aspectos legais relativos a esse tipo de atividades contribui para os estudos da sociedade local, seus vínculos, ou seja, como os indivíduos no contexto social, com seus valores e suas crenças, os seus costumes, conseguem apreender essas representações.

Para tanto, esta pesquisa foi desenvolvida a partir de leituras pertinentes ao tema, trabalho de campo (com entrevistas e fotografias), o que formou um conjunto que permite elaborar uma leitura social e cultural das manifestações da sociedade.

Foram estabelecidos roteiros contendo cinco a seis questões que nortearam o tema e variaram durante o processo da entrevista.

A observação livre deu-se através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, com o intuito de obter informações desejadas sobre a totalidade do contexto da realidade dos sujeitos pesquisados, em seus princípios e particularidades (CRUZ NETO, 1995, p.57).

Os dados obtidos através de questionário e entrevista semiestruturada, foram elaborados especificamente para a compreensão de mundo-vivido dos moradores do entorno do cemitério Cristo Rei.

As questões levantadas foram baseadas na percepção dos moradores do entorno do cemitério com relação aos espaços naturais da cidade.

O foco da pesquisa são os moradores atuais e antigos (moradores que estão no município desde sua fundação) do município de Itapuã do Oeste, membros de famílias locais da área, ou que para lá migraram e suas relações com o lugar, com as transformações, com o mundo em que vivem, com a religiosidade e tantos outros aspectos da vida que serão abordados no transcorrer dos capítulos.

As entrevistas ocorreram em dias e horários pertinentes para os entrevistados e nos lugares por eles escolhidos. Todos foram consultados sobre a possibilidade das entrevistas serem gravadas.

2.2.1 Diário de Campo

Nossas percepções passaram por vários níveis de compreensão, até chegar a uma compreensão da localidade em questão. Nossas saídas de campo começaram ainda na fase de elaboração do projeto em 2010, mas não tínhamos a mínima noção de como tratar o tema morte. Sabíamos apenas que se tratava de um tabu, falar da morte e do espaço cemiterial.

Assim, em 2010, tiveram início minhas idas ao município de Itapuã do Oeste com a finalidade da observação livre através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, com o intuito de obter informações desejadas sobre a totalidade do contexto da realidade dos sujeitos pesquisados, em seus princípios e particularidades (CRUZ NETO, 1995, p.57).

A observação permite ao pesquisador um contato com o espaço, com a paisagem e com os sujeitos a serem investigados, podendo ser direta ou

indireta, sendo respectivamente, quando o pesquisador se dispõe a observar o objeto de estudo e os sujeitos da pesquisa, e quando o pesquisador dirige-se ao sujeito para obter a informação desejada. Tanto a forma direta quanto a indireta podem ser utilizadas numa mesma pesquisa, também de forma complementar. (MATOS; PESSÔA, 2009, p. 279-291).

Tais procedimentos oportunizam a construção de um conhecimento geográfico mais próximo da realidade percebida, no sentido de suas categorias espaciais, ou através da tecnologia, fotos de satélite e o computador como articulador de massa de dados: surgem o que é vivenciado pelo pesquisador dando um sentido para este conhecimento, essa perspectiva trouxe uma nova forma de se interpretar as categorias de espaço geográfico, território e paisagem.

CAPÍTULO 3 - O CEMITERIO E SUAS REPRESENTAÇÕES

Lembrar que estarei morto em breve é a ferramenta mais importante que eu encontrei para me ajudar a fazer grandes escolhas na vida. Porque quase tudo – todas as expectativas externas, todo o orgulho, todo o medo de errar – cai diante da face da morte. (Steve Jobs, 2005)

3.1 Representações Sociais

As representações sociais podem ser definidas como "*imagens construídas sobre o real"* (MINAYO, 1994, p. 108). Elas são elaboradas na relação dos indivíduos em seu grupo social, na ação no espaço coletivo comum a todos, sendo assim, diferente da ação individual. O espaço público é o lugar onde o grupo social pode desenvolver e sustentar saberes sobre si próprio, saberes consensuais, isto é, representações sociais.

A investigação em representações sociais objetiva entender a forma como os indivíduos captam e apreendem o mundo envolvente, num esforço para compreendê-lo e resolver os seus problemas (relacionais, emocionais, existenciais, etc.). Estudam-se pessoas que pensam, questionam e que tentam encontrar respostas. Daí afirmar-se que os indivíduos e os grupos movem-se no contexto de uma "sociedade pensante" – *Thinking Society* – que eles próprios produzem através das comunicações que estabelecem entre si (MOSCOVICI, 1984).

Sendo assim, as representações sociais têm um caráter dinâmico e relacional à trajetória do grupo que as elaborou. Elas são fruto de um processo sempre atuante, desencadeado pelas ações coletivas dos indivíduos, mas implicam um reflexo nas relações estabelecidas dentro e fora do grupo, no encontro com outros indivíduos ou outros grupos sociais. Como resultante, a ação dos indivíduos é caracterizada pelas representações sociais que seu grupo elaborou.

Segundo Malrieu *apud* Lane e Godo (1997, p. 35), a representação social é construída através da comunicação, na qual o sujeito se põe à prova através de suas ações, "o valor – vantagens e desvantagens – do posicionamento dos que se comunica com ele, objetivando e selecionando

seus comportamentos e coordenando-os em função de uma procura de personalização".

Nesse processo de comunicação o mundo vai se estruturando. A comunicação e a personalização determinam e são determinadas pelas representações sociais. Podem-se conhecer as representações sociais de uma comunidade através dos discursos individuais de cada ator social e é neste contexto que o mito se configura como uma representação social.

Moscovici (1986) acrescenta dizendo que as representações sociais são verdadeiras "teorias do senso comum", "ciências" *sui generis* pelas quais se procede à interpretação e à construção das realidades sociais. São "sistemas cognitivos que detêm uma lógica e uma linguagem próprias (MOSCOVICI, 1984) e não correspondem apenas a opiniões ou atitudes, mas a "teorias" do senso comum sobre a realidade, com duas funções: estabelecer uma ordem, orientando o comportamento dos sujeitos; e permitir a comunicação entre estes através dum "código" comum para denominar e classificar situações sociais" (OLIVEIRA, 1995, p. 106).

> "As representações sociais são sistemas de valores, ideias, praticas, com uma dupla função: primeiro estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo, e em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para renomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos do seu mundo e da sua história individual e social" (MOSCOVICI, 2001, p.12).

No intuito de conhecer e analisar as representações sociais dos moradores de Itapuã do Oeste sobre a morte, morar perto do cemitério, faz-se necessário revisar como as representações sociais da morte/cemitério foram se constituindo dentro de um contexto histórico-sócio-cultural local.

Para diferentes indivíduos, os espaços e os lugares podem não coincidir. O espaço, que para alguns adquiriu um *status* de lugar, para outros poderá nada representar. De outra maneira, o que era há alguns segundos um espaço, poderá assumir a posição definitiva de lugar, na representação que um indivíduo faz desse espaço. E vice-versa. O que um dia foi um lugar carregado de boas impressões, poderá se tornar um espaço, ou um lugar topofóbico[6], por

---

[6] Conforme Amorim Filho (1996, p.142), em sua análise sobre os estudos de Tuan, define topofobia como sendo os sentimentos negativos do ser humano em relação ao seu meio, ou seja, ela conduz a noção de "paisagem do medo".

associação com eventos traumáticos ou desagradáveis ao indivíduo (TUAN, 1983, p. 155).

Almeida (2006, p.122-138) afirma que investigar um objeto no campo da teoria das representações sociais implica três questões fundamentais: O que pensam os indivíduos? Por que pensam? E como pensam? Nesse caso em particular, sustentar esse objeto nesse campo de estudo significa investigar o que pensam os moradores sobre a morte/cemitério (natureza da representação), por que pensam (que funções as representações da morte assumem nessa dinâmica social) e como pensam (quais são os processos ou os mecanismos psicológicos que permitam a construção e/ou criação desse fato).

Outro aspecto importante na compreensão do conceito de representações sociais é o papel na formação de conduta, o qual modela o comportamento e justifica sua impressão. O que pode parecer inaceitável para alguns pode ser naturalmente justificado por outros. Esse fato pode ser visto claramente em algumas pesquisas de representações sociais. Neste sentido, ANDRADE (1996, p. 25) afirma:

> "Representar um objeto significa criá-lo simbolicamente, fazer com que ele tenha um sentido para quem o representa, passando assim a fazer parte de seu mundo. Os objetos não são captados totalmente pelos sujeitos, mas em determinados contextos e relações, portanto o sentido da representação de um objeto advém das relações com outras representações que formam um campo de representação".

Não se trata de um estudo simples, sua complexidade está em reconhecer um saber popular que nos possibilita conhecer e entender como a dinâmica dos processos que envolvem a morte e a arte cemiterial, ao longo da história, foram se construindo e se transformando.

O homem é o único ser que reconhece suas próprias condições de vida, seus limites e adquire a consciência da morte. Normalmente, ao reconhecer a morte do próximo, o sobrevivente tem a consciência do próprio destino. Embora não tenha como *experienciar* a morte do outro, o homem chega ao estado de angústia e de apreensão, pois essa morte ajuda-o a penetrar na dimensão do fenômeno. Na definição clássica, a morte é tratada como "um fato natural, assim como o nascimento, a sexualidade, o risco, a fome, a sede, e, como tal, é transclassista" (MARANHÃO, 1986, p. 20).

Admite-se, num primeiro instante, a igualdade pré-social do homem diante da morte; todavia, existe a desigualdade que se assenta na organização da sociedade de classe a que pertence o morto. Os sobreviventes buscam uma “morte cultural” para os seus entes queridos, expressa por meio do ritual fúnebre, do sepultamento e do luto. Pode-se avaliar uma sociedade e definir sua cultura à medida que se conhece o seu sistema de morte (VOVELLE, 1987, p.129).

Sendo assim, apenas a dimensão biológica da morte remete à absoluta igualdade entre os homens, nivelando-os ao mesmo destino. Desse modo, a arte funerária, embora seja considerada por muitos como documentos “indiretos”, possui, sem dúvida, um discurso simbólico, metafórico, de grande valia para a compreensão da morte.

O que o homem faz durante a vida está diretamente ligado aos seus laços sociais e familiares, bem como de sua comunidade. Portanto, as representações sociais e mesmo fúnebres estão relacionadas à manutenção da memória individual e coletiva do morto, tanto para fins políticos, culturais, religiosos e ideológicos. Daí a necessidade do culto aos mortos.

O horror da morte é a emoção, o sentimento ou a consciência da perda de sua individualidade. Emoção-choque, de dor, de terror ou horror. Sentimento que é de uma ruptura, de um mal, de um desastre, isto é, sentimento traumático. Consciência, enfim, de um vazio, de um nada, que se abre onde havia plenitude individual, ou seja, consciência traumática (MORIN, 1997, p.33).

Kovásc (1992, p.14) afirma que o medo é a resposta mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso. A humanidade encontra-se, paradoxalmente, diante de um problema com o qual se defrontou somente nos primórdios do estágio de desenvolvimento do “Homo Sapiens”, a sobrevivência da espécie. A sobrecarga nos diversos ecossistemas do planeta é geral e, nem mesmo nos países mais afortunados em extensão, ela pode ser evitada em um futuro não muito distante.

Silva (2002,p.16) diz que a própria presença do homem tem contribuído para aumentar consideravelmente o desequilíbrio ecológico. Compete à atual

geração proporcionar os meios, o conhecimento científico e a oportunidade para que em nossos ambientes ecológicos não ocorra a deterioração inevitável e irreversível. Essa responsabilidade é tão grande quanta aquela de desenvolver economicamente o país, a de educar e a de produzir e consumir bens e serviços, dentre outros.

Para Corr (1998, p.31-40) o homem parece ser o único, entre todos os seres vivos, a ter uma consciência da morte como algo que o fere pessoalmente, ao criar limites à duração temporal da sua vida e dos que o rodeiam. É o único a tentar continuadamente encontrar uma forma de contornar persistentemente a morte, ao longo de gerações.

Morin (1970, p.31), na sua clássica obra *O Homem e a morte*, afirma que: “A dor provocada por uma morte só existe se a individualidade do morto tiver sido presente e reconhecida: quanto mais o morto for chegado, íntimo, familiar, amado e respeitado, isto é, “único”, mais a dor é violenta”. Segue o autor (1970, p. 31) afirmando que “não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anônimo, que não era insubstituível”.

Thomas (1992, p.5-19) coloca que desde tempos remotos e em todos os cantos do Mundo, o Homem, salvo raras exceções, evita que os seus restos mortais sejam entregues a um ciclo natural em que animais necrófagos se beneficiariam dos seus despojos e enterra ritualmente ou constrói túmulos para sepultar os seus mortos.

Também tenta geralmente preservar o corpo, prestar homenagens mais ou menos prolongadas no tempo aos que morreram, estipular regras acerca do comportamento adequado dos enlutados de forma a não perturbar o que possa subsistir da vida de quem morreu e constrói crenças, mais ou menos elaboradas, em torno da vida depois da morte (BOWLBY, 1998, p.35).

3.2 Compreendendo a Morte e suas Representações

A representação social da morte está no sentido da vida. A morte não existe para meter medo na vida, pelo contrário, existe para que a vida seja apreciada. É como pergunta KÜBLER-ROSS (1998, p.19): “Se não houvesse a

morte, apreciaríamos a vida? Se não existisse o ódio, saberíamos que nosso objetivo é o amor?”

Para Elias (2001, p. 43), “o encobrimento e o recalcamento da morte, isto é, da finitude irreparável de cada existência na consciência humana, são muito antigas”. O homem sempre lidou com o morrer, todavia, a forma como este evento é percebido sofre alterações conforme ocorre o processo histórico-social das relações humanas (MARANHÃO, 1998; KÜBLER-ROSS, 2005).

A investigação em representações sociais objetiva entender a forma como os indivíduos captam e apreendem o mundo envolvente, num esforço para compreender e resolver os seus problemas (relacionais, emocionais, existenciais, etc.).

A representação da morte assume um significado diferente, junto dos modos de interpretar e pensar a realidade cotidiana, apoiada num conhecimento construído a partir de experiências individuais, das informações, dos modelos, dos valores que cada indivíduo adquire e transmite (CANASTRA, 2007, p.16).

A morte representa novas características resultantes do avanço científico e tecnológico, que implicam o envolvimento cada vez mais dos profissionais de saúde. A morte tornou-se um tabu, e o ato de morrer converteu-se em doença social (CANASTRA, 2007, p.16).

O homem tem dificuldade em aceitar a inevitabilidade da morte: esta surge como um fantasma a impor-lhe limites, um fim humilhante. A morte deixou de ter expressão social e familiar. Na época atual o morrer em casa, acompanhado pela família, amigos, e assistido pelos últimos ritos religiosos, como acontecia há alguns anos atrás, deixou de existir.

Ao longo dos tempos a morte, com seu simbolismo e representações, sofreu mudanças, *já não se morre em casa, rodeado pela família, mas no hospital, sozinho ou ainda de forma súbita, repentina*. (MARANHÃO, 1998. p. 12 e 13).

Sem dúvida, nas sociedades modernas, os grupos não insistem mais tão apaixonadamente em que apenas sua crença sobrenatural e seus rituais podem garantir a seus membros uma vida eterna depois da vida terrena (ELIAS. 1990, p.13).

Como observamos ao longo do tempo, a arte funerária é uma forma de representação que está ligada à cosmovisão[7] de determinado contexto histórico, ideológico, social e econômico, interpretando a vida e a morte. Neste sentido, Rezende (2008, p. 57) considera que:

> Essa interpretação pode ser feita através de um conjunto de símbolos ou de uma obra narrativa, utilizando-se materiais variados como o mármore, o granito, o ferro fundido, o bronze. No caso dos símbolos, a representação remete a um significado diferente do objeto construído e colocado no tumulo, como, por exemplo, uma tocha com fogo, que remete à purificação da alma após a morte, ou seja, a tocha tem seu significado real transformado em um símbolo de purificação.

A trajetória do espaço cemiterial prova a intenção de romper-se a proximidade entre vivos e mortos, transcendendo e fazendo dos cemitérios locais de História e história, onde as religiões reinam livres, as diferenças sociais acentuam-se, e tornam-se locais de encontro e desencontros, de lágrimas e risos, de tragédia e comédia, locais plenos de vida.

Os simbolismos contidos nos objetos tumulares (vasos, anjos, santos etc.) juntamente com a construção arquitetônica representam simbolicamente a relação de aproximação entre vivos e mortos. É a perpetuação de toda uma comunidade, é a sagração de tudo que eles acreditam.

Bowlby (2002) diz que cada cultura tem sua própria forma de abordar a morte e é nessa diversidade que podemos aprender a reconhecer, respeitar e lidar com a morte através da perspectiva do outro.

Deste modo, ritual/cerimonial é descrito por Ana Cristina Araújo (1997, p. 225) como uma atividade de caráter simbólico orientada por normas, que evoca a atenção dos seus participantes para a reflexão e reprodução de sentimentos, a que se atribui uma interpretação especial. Essa cerimônia remete a uma essência religiosa, distinguindo o profano do sagrado.

Neste sentido, os rituais fúnebres têm dois objetivos: por um lado permitem aperfeiçoar a separação sem crise e, por outro, permitem evitar a separação continuamente. O antropólogo Gennep *apud* Araújo (1997, p.225) evidencia três efeitos distintos das cerimônias da morte: "os ritos comandam o destino do morto, na dupla acepção da pessoa e do cadáver; asseguram a sobrevivência dos enlutados, que carecem de apoio da comunidade e realizam a revitalização do grupo afetado pela perda de alguém".

---

[7] Variação oriundo do conceito de cosmogonia, visão de mundo (Almeida Silva, 2010).

Isto implica o entendimento da representação social relacionando o homem com o seu ambiente de vida, sendo possível complementar que a representação interage com a construção de visão do mundo apregoada entre as classes sociais e com a visão com que cada um contribui para a formatação desse mundo (CASTRO FILHO, 2007, p.30).

Bowlby (2002) diz que cada cultura tem sua própria forma de abordar a morte e é nessa diversidade que podemos aprender a reconhecer, respeitar e lidar com a morte através da perspectiva do outro. Na sociedade atual existem pessoas que creem na representação da boa morte e da má morte. A boa morte é aquela sob a qual as pessoas têm algum controle, as múltiplas representações de que uma “boa morte” é uma morte preparada, controlada e anunciada, se for mediada por profissionais habilitados pode se transformar em um evento natural e aceito socialmente (VITORINO, 2013, p.4).

A “má morte” representa o incontrolável, acontece no local e momento inoportunos e ainda pode ser recriminada pela sociedade, como por exemplo, um acidente do qual não se espera e o leva a morte. Parece que morrer mal é não ter alguém junto. Em experiência vivenciada, por exemplo, na qual uma filha ficou traumatizada quando a mãe veio visitá-la de outra cidade e, quando retorna, teve que deixá-la morando sozinha. Isto lhe causou muita culpa e tristeza, pois a mãe veio convidá-la para ficar com ela e a mesma, por compromissos, não pôde ir (VITORINO, 2013, p.5).

No momento que a filha liga para ver se chegou bem, a mãe morre falando ao telefone com ela, causando-lhe um trauma, ressentimento e culpa. Isto foi morrer mal para aquela pessoa, porque a filha estava com ela algumas horas atrás e tudo parecia estar bem, mas na hora em que a mãe precisou da filha, isto não foi possível. Considerando esta morte inesperada, a sensação para esta mulher é de que ela ficou com um débito que nunca poderá ser pago (CATERINA, 2009, p.21).

O processo de morrer ou estar morto, a saudade que fica e a ideia do não existir ou a ideia de ser um cadáver é ameaçador e muita vezes inimaginável. Sendo assim na fenomenologia, a percepção é: [...] um modo de nossa consciência relacionar-se com o mundo exterior pela mediação de nosso corpo [...] é um certo modo de consciência relacionar-se com as coisas, quando

as toma como realidades qualitativas [...] é uma vivência. (CHAUÍ, 1995, p. 236).

Desse modo, pode-se dizer que a percepção é a forma como, através dos sentidos, as coisas do mundo natural ou humano chegam à consciência. É a forma como as pessoas se relacionam com as coisas de um modo geral. E em pequenas cidades, com poucos milhares de habitantes, onde “tudo é perto”, a identidade de lugar pode se constituir em relação à cidade como um todo.

Todos se conhecem, todos passam, em algum momento, por todas as ruas e todos podem apreender, através dos sentidos, a cidade, construindo, assim, sua relação com a cidade-lugar.

No contexto sociocultural atual, a família continua a desempenhar um papel fundamental e a ser a unidade básica em que nos desenvolvemos e socializamos. É essencialmente nela e com ela, que cada indivíduo procura o apoio necessário para ultrapassar os momentos de crise que surgem ao longo da vida. E se o cemitério faz parte do contexto de qualquer cidade. Em uma religião com representações, simbolismos, crenças, misticismo e predominância Cristã (evangélica), os mortos desempenham funções simbólicas muito importantes.

Como cada grupo social tem suas próprias características, sentimentos e interesses próprios do lugar onde vivem e convivem, os jovens, por exemplo, mesmo fazendo parte de uma sociedade rural, com pouco acesso aos computadores e a mídia, possuem aparelhos celulares, fato que os permite acessar, mesmo que precariamente, o mundo midiático.

3.3 Práticas e Rituais Fúnebres

Em toda organização humana de que se tem registro nota-se a preocupação com o fim da vida. A necessidade de preencher o hiato deixado pela morte é uma das principais questões para os agrupamentos humanos.

O homem sempre buscou meios de transcender a perecibilidade da vida terrena. Assim, pode-se entender a crença em outro mundo após a morte, o respeito pelos ancestrais e a reverência aos mortos. Os rituais fúnebres surgiram não somente como forma de dar continuidade à vida, transformando

aquele que faleceu em um imortal, por meio do culto a sua pessoa, mas também de tentar encontrar respostas para grandes questões filosóficas tais como a origem.

Esses rituais tornaram-se fundamentais para a compreensão da memória coletiva. A imortalidade é alcançada por meio da celebração dos mortos. Os fragmentos arqueológicos permitem captar informações das especificidades de determinados grupos, auxiliando o entendimento dos processos culturais de outrora, que muitas vezes indicam hierarquias e estruturas sociais complexas.

Um traço característico da cultura indígena brasileira é a espiritualidade expressa na reverência aos mortos e aos seus espíritos (ALMEIDA SILVA, 2010). Esses atos podem ser reconhecidos nas relações sociais de diferentes comunidades. O estudo dos rituais fúnebres possibilita perceber as diferenças culturais dessas comunidades pela variedade de suas manifestações.

A prática dos rituais ocorre desde os primórdios. Sua importância reside no seu desenvolvimento e imposição silenciosa aos participantes nas mais distintas sociedades. Sua aceitação e repetição é uma demonstração da própria necessidade de sua existência, sendo que a polissêmica significação desses eventos pode ser explicada pelas características, necessidades e evolução de cada sociedade.

Não se pode negar a eficácia do ritual para demonstrar sentimentos coletivos, como símbolos míticos, ou determinadores de alguma essência religiosa. Sabe-se, entretanto, que as crenças, ritos, rituais e cultos são efetivados e sentidos de diferentes formas e contribuem essencialmente para a formação e educação das pessoas. Através deles, elaboram-se conhecimentos, ampliam-se representações.

A morte e os rituais a ela concernentes constituem importante objeto de interesse e de pesquisa. As relações entre o cadáver, a alma e as práticas após o estudo pioneiro de Hertz (2008 [1907]), que demonstrou que a morte não coincide com a destruição de uma vida individual.

Para este autor, a morte é um evento social, marcando o início de um processo cerimonial no qual o falecido pode se tornar um ancestral. Uma extensa produção antropológica (CUNHA, 1978; DOUGLAS, 1991; REIS, 1991;

HOWARTH & JUPP, 1996; ALBERY & WIENRICH, 2000; LAQUEUR, 2001; HOWARTH, 2007, entre outros) dos enlutados são de utilidade para o desenvolvimento de reflexões e análises culturais.

Os rituais de sepultamento tornam-se cada vez mais curtos e inicia-se a substituição do enterro do corpo pela cremação em alguns grupos sociais. Este fato torna ainda mais rápido o "desaparecimento" da morte ou a possibilidade desconfortável de ver cemitérios na paisagem urbana que tanto pretende refletir a alegria e encantamento de uma sociedade de consumo narcísica, feliz, saudável e bela. Todos os demais elementos, excedentes desta sociedade asséptica foram varridos para debaixo do tapete, ou seja, o feio, o diferente, o doente e a morte, dentre outros, não têm mais lugar neste mundo da vida. A este respeito, Certeau (2000, p.293-294) afirma:

> Os moribundos são proscritos porque são os desviantes da instituição por e para a conservação da vida. Um luto antecipado, fenômeno de rejeição institucional, os coloca de antemão na câmara da morte. Envolve-os de silêncio ou, pior ainda, de mentiras que protegem os vivos contra a voz que poderia quebrar essa clausura para gritar: "estou morrendo!". Este grito produziria uma morte de aborrecedora deselegância. A mentira ("não, o doente vai melhorar!") é uma garantia contra a comunicação. Pois a palavra proibida, caso se fizesse ouvir, trairia a luta que mobiliza o hospital e que, supondo que cuidar quer dizer curar, não quer saber do fracasso: seria uma blasfêmia.

Por sua vez, o rito funciona como um conjunto de regras estabelecidas pelo culto, sendo esse último a expressão coletiva de adoração e veneração de uma divindade (LIMA MESQUITELA, 1991, p.141); religião e magia são fenômenos inventados pelos humanos numa tentativa de controlar o Universo, porque as religiões apresentam uma série de tabus irrecusáveis aos seus seguidores. A religião seria uma forma de reconciliação, pois é uma expressão de desejo, ou de agradecimento e a magia tende a forçar a natureza e seus efeitos (LIMA MESQUITELA, 1991, p.140).

Mesquitela (1991, p.141) e seus coautores afirmam que, para o funcionamento harmônico da sociedade e da cultura, as simbologias são repetidas por seus integrantes, época após época. Ritos e rituais diferentes para conviver com situações naturais. Entretanto, sentimentos tão inerentes e

comuns a todos nós são explicitados por meio de rituais de passagem da vida carnal para espiritual.

Outras significações são trazidas para os rituais por intermédio de tarefas, como danças e adivinhações, lendas, enigmas, provérbios, sentenças e mitos. O que delega aos ritos não apenas dor, como no caso da circuncisão (incisão) ou no caso da tatuagem, do *piercing*, dos alargadores de orelhas, mas também (....) Todavia, sob outras leituras e teorias, teóricos podem estabelecer conexões diferenciadas sobre os rituais. Segundo MCLaren:

> Os cientistas sociais da linha dominante tendem a assemelhar ritualista a uma conceituação pálida de alguém que executa gestos exteriores mecânica e perfuntoriamente – sem um comprometimento interior com os valores e idéias que estão sendo expressos. [...] Ao banalizar os rituais, relegando-os a um aspecto superficial, eles continuam a subestimar a primazia do ritual na sociedade contemporânea. Tal perspectiva, se não for impedida, poderá varrer o conceito de ritual para fora do campo de consideração científica (MCLAREN, 1992, p. 50-51).

Não se trata de combinar gestos mecânicos sem uma interiorização, mas sim a partir de ações hereditárias do grupo ao qual o indivíduo é integrado socialmente para compreender que aqueles gestos são importantes para a própria sobrevivência do grupo. Por sua vez, os gestos e atitudes, por não serem aleatórios, obedecem a determinadas regras e arranjos. Nesse sentido, o rito ultrapassa as barreiras sociais e invade o terreno religioso e das crenças, ao se aproximar do culto.

As raízes para as representações e práticas mórbidas[8] presentes na cultura popular brasileira são múltiplas, algumas das quais derivadas de campos religiosos eruditos, como a própria Igreja Católica, dado o peso do imaginário cristão nas concepções relativas ao *post-mortem*, como o Purgatório e a sofisticada dualidade entre corpo e alma, que está longe de constituir um *a priori*.

Por outro lado, percebe-se também a influência do Catolicismo popular, presente, principalmente, na crença referente à intercessão de santos, no apelo

---

[8] Por representações e práticas mórbidas compreendem-se o conjunto de noções e ritos relacionados à morte, tais como as concepções de bem morrer, os velórios, os funerais e, entre outros, as posteriores liturgias.

às confrarias e na sobrevivência sorrateira e contraditória da noção segundo a qual os mortos dormem à espera do Juízo Final, revelando uma visão não-dualista corpo/alma, em oposição ao que foi sugerido.

É preciso ressaltar, aqui, a necessidade de proceder a certa generalização, uma vez que as matrizes culturais são complexas, fragmentárias e descontínuas: nem se mencionaram, por exemplo, as levas de imigrantes de distintas etnias que se intensificaram em território brasileiro a partir da segunda metade do século XIX.

Não cabe aqui mapear exaustivamente as raízes das práticas e representações em questão e detectar suas origens (o "mito das origens", segundo o historiador francês Marc Bloch). Antes, é preciso "[...] encontrar as razões por que [determinada tradição] se manteve [...]" (BLOCH, 1997, p. 92 - 93), o que remete às ressignificações em novos contextos: não importam tanto os discursos, mas os seus usos.

Outro aspecto importante nas representações e práticas mortuárias no interior da cultura popular é que a morte não diz respeito a um evento individual ou reduzido às famílias, mas a um episódio que marca a coletividade. Como sugerido, durante os últimos momentos do moribundo, a residência ou, mais especificamente, o leito de morte deixaria de ser um espaço privado para tornar-se lugar público. Familiares, amigos, curiosos e o padre reuniam-se para dar assistência ao indivíduo prestes a falecer, já que era preciso dar-lhe uma "boa morte", isto é, a passagem para o outro mundo cercado pela coletividade.

Cascudo (1971, p.94) menciona a Vulgata segundo a qual "Na casa onde tem defunto não se fecha a porta", aludindo aos idosos de braguilha aberta. Apesar da piada, o dito do povo alude ao fato de que a casa de um morto ou agonizante encontra-se de portas abertas à visita de todo tipo de gente. Portanto, não se morria só (REIS, 1991, p. 100-101), situação que deveria ser evitada e reservada à "má morte", voltada às vítimas de acidentes e maus repentinos, o que gerava, como mencionado, espíritos instáveis que poderiam causar incômodo aos viventes.

Os rituais envolvem desde a preparação e tratamento do corpo, mais restrito a familiares e íntimos até o velório, o funeral, o enterro propriamente dito. Para Lima-Mesquitela, Martinez e Lopes-Filho (1991, p.137-138), são

funções dos ritos manter a cultura integrada e estabelecer ligações com o passado dos indivíduos envolvidos, para que eles possam reviver determinadas experiências já vividas por seus antepassados.

Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetirem, mantêm e estabelecem uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajudam-na a funcionar harmonicamente. Afirmam, também, que os sistemas de rituais existem em todas as culturas, e, entre todos os significados, o mais importante será aquele gerado na cultura de origem do indivíduo.

Segundo Van Gennep (1960, p. 148), a morte gera um período de desordem periódica em meio à sociedade, variando o tempo de acordo com o tamanho da comunidade e o poder do morto, seja político, econômico e/ou espiritual. Ainda de acordo com Cascudo (1971, p. 95), citando um dito popular, “[...] Defunto rico, pranto longo.” Por outro lado, “[...] Defunto sem ouro, defunto sem choro”.

Não cabe buscar as origens do gesto, provavelmente inseridas numa longa duração, mas perceber que a sua sobrevivência em distintos contextos foi possível graças à importância direta ou indireta atribuída aos mortos que, embora “ausentes”, encontravam-se social e culturalmente “presentes”, já que sua representação era constantemente remanejada de acordo com finalidades historicamente específicas. “Abaixo dos santos e acima dos vivos”, citando Freyre (2000, p. 52), “ficavam, na hierarquia patriarcal, os mortos, governando e vigiando o mais possível a vida dos filhos, netos, bisnetos [...]” Ou seja, a relação hierárquica vivos/mortos e homens/santos poderiam representar, em esfera sagrada, as relações pais/filhos e escravos/senhores.

Como visto, os defuntos, mesmo a sete palmos, ainda sobreviviam como mecanismos de manutenção dos liames sociais. Trata-se de um uso da “tradição”, cuja aparência estática dá lugar à complexidade das apropriações, mas pode haver outros, tais como o recurso aos mortos como forma de obter benefícios mais ou menos imediatos, como proteção, cura de doenças, resolução de rixas com vizinhos, instrumento de sorte no amor, no jogo e outros fins distantes das formas mais abstratas e moralizadas da religião. Por

isso, na troca com o sagrado, eram realizadas oferendas, tais como queima de velas, festas e romarias (ANDRÉ, 2009).

Os rituais e suas significações são de natureza emocional, pois provocam reações semelhantes nos indivíduos de um mesmo grupo, se configurando em maneiras próprias de ver o mundo, de agir e pensar coletivamente. No entanto, os sistemas de sinais na sociedade não podem ser confundidos unicamente com mudanças corporais e psicológicas, pois fazem parte da individualidade das pessoas (LIMA-MESQUITELA; MARTINEZ; LOPESFILHO,1991, p. 137-138).

Hoje não se vê mais manifestações de luto: tocar de sinos, cortejos, velas queimando, cenas de choro, etc. Os terríveis miasmas, motivo do afastamento dos mortos, que prejudicavam a saúde da população diminuem, as pessoas passam a temer a morte, independente da forma que ela ocorra.

Um cadáver é cheio de sentidos que são expressos pelas relações culturais. As relações que a sociedade estabelece com o corpo (enquanto vivo) e consequentemente com o cadáver, é contraditória. Ele (o corpo (vivo) e o cadáver) significa ora pureza, ora perigo (DOUGLAS, 1986). Há então uma atitude dúbia em relação ao corpo do vivo e ao cadáver, revelada através da tendência de preservar o corpo mantendo intacta sua forma ou retendo-se parte dele, ao mesmo tempo em que ocorre o desejo de livrar-se do corpo morto, de tirá-lo do caminho e de aniquilá-lo completamente (MALINOWSKI, 1984).

Numa sociedade onde existe o culto ao corpo e a busca pela eterna juventude, o corpo morto simboliza aquilo que uma sociedade não quer ser. Nas sociedades onde predomina a sensação de imortalidade (ELIAS, 2001), um cadáver trai a ilusão de que o corpo não está condenado ao desaparecimento (CATROGA, 2002).

Dessa forma, procura-se dar ao cadáver uma aparência mais natural possível, como se não estivesse morto, mas apenas dormindo. Essa aparência natural é realizada através do desenvolvimento das técnicas de embalsamento e necromaquiagem, que permite que o morto não aprece morto, dando ao morto a ilusão de vida (URBAIN, 1989).

3.4 Tipos de Cemitérios e Legislação

Os cemitérios são monumentos à memória daqueles que morreram e que os vivos fazem questão de perpetuar. Consequentemente, este tipo de construção adquiriu a condição de inviolabilidade no que tange à pesquisa científica nos seus diferentes aspectos. Entretanto, sociólogos, antropólogos, geógrafos e outros têm dado excelentes contribuições para um melhor conhecimento dos hábitos, costumes e práticas funerárias (MATOS, 2001, p.87).

O cemitério como "cidade dos mortos" é um espaço de memória social, de comunicação entre vivos e mortos, e mais, um espaço de esperança, que faz acreditar que a morte não é mais que um divisor de mundos. Os túmulos, por sua vez, tornam pulsantes e reais essa morada, eternizando um lugar para o morto (FRANCO, 2008, p. 91).

A simplicidade dos padrões tradicionais e primitivos continuou caracterizando a sepultura coletiva enquanto o fausto e a arrogância da tumulária individual se desenvolveram espantosamente. Portanto, a verdadeira razão da grande mudança de atitude e gosto já existia há longos tempos no anseio de monumentalizar-se perante a comunidade.

Era e sempre foi o desejo dos mais abastados, distinguir-se através de uma marca perene, de um objeto de consagração - o túmulo - pela atração de comparar-se aos grandes personagens da História, sem a menor cerimônia, incluindo nesta leva os soberanos, os faraós, os reis, os papas e os príncipes, que mereceram sepulcros diferenciados dos demais.

Sendo assim, cemitérios traduzem a sensibilidade de uma época refletida na materialidade, no espaço construído para retratar o real e o imaginário do ser humano, frente ao que ele sabe e desconhece da vida. Cemitérios é, no fundo, uma expressão do relacionamento do homem com a morte, daí que tem sofrido variações ao longo da história, revelando, assim, sua cultura através de suas práticas funerárias.

A legislação atual define os tipos de cemitérios e túmulos, a Resolução nº 355 de 3 de abril de 2003, define os dois tipos principais de cemitérios: os horizontais, parques ou jardins e verticais.

Pela Resolução CONAMA (Conselho Nacional de Meio Ambiente) de 28 de maio de 2003, os cemitérios horizontais e verticais a serem implantados no Brasil terão que requerer licença ambiental para funcionarem. A Resolução estabelece critérios mínimos que devem ser integralmente cumpridos na confecção dos projetos de implantação, como forma de garantir a decomposição normal do corpo e proteger as águas subterrâneas da infiltração do necrochorume. Poucos cemitérios atenderam à solicitação do CONAMA. Cabe informar que o não cumprimento da Resolução implicará em sanções penais e administrativas.

De acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988, no seu Art. 225, ficou estabelecido que: “Todos têm direito ao Meio Ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para os presentes e futuras gerações”.

A lei 6.938 (BRASIL, 1981), que dispõe sobre a política nacional do Meio Ambiente, especifica que toda obra potencialmente poluidora devera ter a avaliação de impactos ambientais e o licenciamento ambiental. A resolução 001 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA, 1986) exige a elaboração do Estudo de Impacto Ambiental - EIA e respectivo Relatório de Impacto Ambiental - RIMA, para a avaliação e aprovação pelo órgão estadual competente, e do IBAMA em caráter supletivo.

De acordo as resoluções 335 e 368 (CONAMA, 2003 e 2006), os cemitérios por serem consideradas fontes altamente poluidoras, para sua instalação e funcionamento, essa atividade dependerá do licenciamento ambiental nos termos dessas resoluções, sem que haja prejuízo de outras normas e técnicas, aplicáveis para o controle de toda atividade, incluindo os cemitérios horizontais e verticais, inclusive para cemitérios de animais, compreendendo no licenciamento todas as atividades e etapas do processo.

Ainda de acordo com a resolução 368 (CONAMA, 2006), a atividade não pode ser implantada em Áreas de Preservação Permanente (APP), unidades de conservação, em locais que exigem a retirada de vegetação ou desmatamento, em terreno com restrições geológicas e hidrogeológicas ou do ponto de vista legal. Em qualquer situação, a implantação do cemitério deverá

atender os estudos realizados na área e os critérios adotados pelo órgão fiscalizador.

Não há registro de que foi realizado Estudo de Impacto Ambiental - EIA e respectivo Relatório de Impacto Ambiental - RIMA da área do cemitério Cristo Rei em Itapuã do Oeste, relatório técnicos do CPRM relatam contaminação nos poços localizados do perímetro dos estudos em questão, mesmo que a população do entorno alegue não utilizar a água para consumo, mas utiliza para serviços domésticos.

Verificamos que o nível dos poços amazônicos do entorno do cemitério varia de 7 a 12 metros e todos começam a minar água com 2 a 4 metros de profundidade, sendo que não se obedece à distância mínima entre poços amazônicos e as fossas sépticas. Também se verificou que realmente no período amazônico há um interligamento das águas submersas.

O Cemitério vertical é um edifício de um ou mais pavimentos dotados de compartimentos destinados a sepultamentos, conforme descrito na Resolução nº 355, de 3 de abril de 2003. As vantagens dos cemitérios verticais sobre os cemitérios horizontais são diversas. Uma delas está no próprio licenciamento. No cemitério vertical vigoram exigências mínimas de instalação enquanto nos horizontais as preocupações com o solo, lençol freático, plantas, memoriais e nível natural do terreno são fatores essenciais para o licenciamento e permissão de funcionamento do mesmo.

A falta de espaço nas grandes cidades obrigou os cemitérios a se instalarem em regiões cada vez mais distantes. Os cemitérios verticais surgiram como uma solução para este problema e são uma tendência em várias cidades dos Estados Unidos, Canadá e Europa. Mantendo os costumes tradicionais, o sepultamento é feito em jazigos horizontais, estanques de concreto armado e, no Brasil, já são encontrados em São Paulo, Santos, Porto Alegre e Curitiba (MATOS, 2001, p.24-60).

As maiores vantagens dos cemitérios verticais são: conforto para os familiares, acesso rápido, segurança e a limpeza. Outra vantagem seria que os planejamentos de espaço e tempo ficam facilitados e o custo é reduzido.

Os lóculos[9] devem ser constituídos de materiais que impeçam a passagem de gases para os locais de circulação dos visitantes e trabalhadores. Devem conter características construtivas que impeçam o vazamento dos líquidos oriundos da coliquação e um dispositivo que permita a troca gasosa, em todos os lóculos, proporcionando as condições adequadas para a decomposição dos corpos.

O tratamento ambientalmente adequado para os eventuais efluentes gasosos é importante nos cemitérios verticais, para manter assim um aspecto de limpeza na área destinada a sepultamentos. Pois se não tratados, além de serem considerados uma irregularidade para o licenciamento ambiental, o cheiro pode ser insuportável e pode causar danos ao meio ambiente (MATOS, 2001, p.24-60).

> Desde os primeiros tempos que foram práticas supersticiosa, aceita por toda a coletividade, fazerem-se inumações dentro das igrejas, fossem na espessura das suas grossas paredes, fossem abaixo do seu piso. Toda gente fazia questão de ser enterrada no sagrado, em cova da fábrica, abertas umas ou cavadas em outro, abaixo do assoalho, junto aos altares da sua crença, esperando o chamado Juízo Final. Rico ou pobre, ninguém admitia outra forma de ser enterrado. (CABRAL, 1972, p.209).

Segundo Campos (2007) os tipos de cemitérios existentes no Brasil e no mundo com suas vantagens e desvantagens são:

1. **Os cemitérios tradicionais**: são compostos por alamedas pavimentadas, túmulos semienterrados, mausoléus, capelas com altar, crucifixos e imagens, monumentos funerários revestidos de mármores e granitos, com pouca ou nenhuma arborização. Geralmente os corpos são enterrados diretamente no solo.

Vantagem: em função do contato do corpo inumado com o solo, e facilitada a decomposição. Desvantagem: possibilidade de contaminação de águas superficiais e subterrâneas, ocupação de grandes áreas, alto custo, devido à preocupação com ostentação, necessidade de solo adequado para esta finalidade, ambiente acinzentado que afeta a estética urbana e pode gerar impactos psicológicos em pessoas sensíveis, possível proliferação de insetos

---

[9] Lóculos são pequenas cavidades onde são depositadas as urnas funerárias que estão dispostas de maneira horizontal. Costuma ser chamado de “cemitério vertical”.

como os mosquitos transmissores de dengue e febre amarela, e artrópode como escorpiões encontrados em locais escuros, úmidos e abrigados.

2. **Cemitério-Parque ou Jardim**: são compostos por gavetas no solo, cobertos por gramados e árvores, isentos de construções tumulares.

Os sepultamentos são feitos por tubulação e as sepulturas são identificadas por uma lápide de pequenas dimensões, ao nível do chão.

Vantagens: Independente da classe social, a apresentação das sepulturas e uniforme, com aspecto menos austero que as necrópoles tradicionais, na maioria das vezes com belos gramados e muitas árvores. E um dos tipos de cemitérios mais utilizados nas cidades atualmente, como forma de integração dos cemitérios no ambiente urbano. Desvantagens: falta de tratamento do necrochurume e dos gases, a influência nas águas subterrâneas e a utilização de varias gavetas a baixas profundidades

3. **Cemitério Vertical**: São construídos de forma vertical acima do nível do solo, sem contato com a terra; os corpos são sepultados separadamente em gavetas, um do lado do outro, formando andares, a circulação de visitantes e feita por meio de escadas ou elevadores e corredores.

Vantagens: a utilização do espaço físico menor, ausência de interferência do necrochorume e resíduos nas águas subterrâneas, baixa exigência quanto ao tipo de solo, facilidade de sepultamento e visitas em dias chuvosos.

Desvantagens: a liberação de gás sem tratamento e a necessidade de maiores cuidados na construção, para evitar vazamento de necrochorume e eventual emissão de odor.

4. **Crematórios**: destinam-se à incineração de cadáveres. Composto por fornos com filtros para a retenção de material particulado, que cremam corpos em compartimentos isolados. Cada corpo permanece durante uma hora no local, e após esse período restam apenas cinzas, que são entregues aos familiares depois de sete dias, em urna apropriada.

Vantagens: a não interferência do necrochorume nas águas subterrâneas, a destruição de microorganismos que poderiam interferir no ambiente e a ocupação de pequena área.

Desvantagens: na instalação de crematórios, como a produção de resíduos na combustão de corpos e também a pouca aceitação por questões sociais, religiosas e culturais.

De acordo com a resolução CONAMA 355/2003, fica explícito que em qualquer situação de sepultamento, (seja no solo ou verticalmente), é necessário adotar técnicas e práticas que permitam a troca gasosa e criando dispositivos adequados, de modo a proporcionar a decomposição dos corpos, exceto nos casos específicos previstos na legislação (artigos 5°-III e. 6° Ice). Esta troca de gases com o exterior deve ser efetuada de forma sanitária e ambientalmente adequada.

A questão da necessidade ou não de tratamento do necrochorume ou dos gases provenientes do processo de decomposição dos corpos tem se tornado uma polêmica no meio sanitário e ambiental. Com o intuito de eliminar os maus odores alguns cemitérios instalam filtros de carvão ativado pelos quais passam os gases antes de serem eliminados na atmosfera.

PINHEIRO *et al*. (2006, p.125-146), diz que em geral, as fontes contaminantes estão associadas à deficiência ou ausência de sistema de esgotamento sanitário, a despejo de efluentes domésticos e industriais bem como à implantação inadequada de aterros sanitários e lixões, para disposição de resíduos sólidos, de cemitérios, de postos de gasolina, dentre outras.

Os cemitérios, quando implantados sem consideração dos aspectos técnicos necessários à proteção das águas subterrâneas, nomeadamente as do aquífero freático, poderão causar impactos ao meio ambiente, como a contaminação dessas águas em decorrência do processo de decomposição dos corpos Pacheco *et al*., 1991, quando prolifera uma infinidade de microrganismos. A esse processo, somam-se a permeabilidade dos terrenos, a ocorrência de períodos de maior precipitação pluviométrica, que propiciam o transporte desses microrganismos e a elevação do nível freático do aquífero, podendo expor suas águas ao contato direto com as sepulturas ou com camadas contaminadas do solo.

CERTEAU (2000, p.293-294) afirma: Os rituais de sepultamento tornam-se cada vez mais curtos e inicia-se a substituição do enterro do corpo ou pela cremação em alguns grupos sociais. Este fato torna ainda mais rápido o

“desaparecimento” da morte ou a possibilidade desconfortável de ver cemitérios na paisagem urbana que tanto pretende refletir a alegria e encantamento de uma sociedade de consumo narcísica, feliz, saudável e bela. Todos os demais elementos, excedentes desta sociedade asséptica, foram varridos para debaixo do tapete, ou seja, o feio, o diferente, o doente e a morte, dentre outros, não têm mais lugar neste mundo da vida.

MATOS (2001, p.161) diz ainda que o corpo humano se transforma. Passa ser um ecossistema de populações por artrópodes, bactérias, microrganismos patogênicos e destruidores de matéria orgânica e outros, podendo por em risco o meio ambiente e a saúde pública. Sendo os cemitérios repositório de cadáveres e laboratório de decomposição, apresentam riscos que exigem cuidados técnicos e científicos na sua implantação e operação.

SILVA (2002, p.41-45) completa dizendo que ao longo do tempo, aumentam as dimensões geográficas e ambientais em função da forma como vem se realizando o desenvolvimento das cidades. Desenvolvimento este que é retratado pelas formas de apropriação do espaço, normalmente de caráter eminentemente imediatista, e que se realiza ao longo do processo de intervenção do homem no espaço, sem ponderar as devidas consequências.

Sendo assim, os cemitérios podem ser comparados a aterros controlados para lixos domésticos, compostos basicamente por matéria orgânica que irá liberar diversos tipos de gases. Porém, é importante considerar que metais pesados, advindo de próteses, materiais das urnas e outros, vão dar também sua contribuição poluidora, visto que os ácidos orgânicos gerados na composição cadavérica irão reagir com esses metais, considerando ainda os resíduos nucleares advindos das aplicações recebidas pelo ser em vida. Contudo isso, o solo, que recebe esses ingredientes de uma forma direta ou indireta, irá se saturar e apesar de sua capacidade de autodepuração (resiliência) propiciando que neles se infiltrem tais ingredientes.

Para alguns, a morte é um desaparecimento; para outros, uma transformação, pura e simples, porém a ideia que tem prevalecido na história da humanidade, daí porque terem os rituais funerários por finalidade resolver questões que a morte provoca e “a necessidade lógica de separar o morto e

transportá-lo para outro mundo", pois é preciso fazer algo com o resíduo que a morte deixou (CAROLLO, 1995, p. 3-4).

Segundo Bergamo (1965, p.334) esses fenômenos são devidos a bactérias, fungos, protozoários, etc., que vivem no próprio organismo. Para o autor há duas fases na decomposição e transformação dos cadáveres bem distintos:

a) Uma primeira fase, de duração normal de quatro meses, durante a qual se desenvolvem germes anaeróbicos e os cadáveres, a começar pela cavidade intestinal, onde é maior a concentração desses germes, começam a putrefazer-se, graças ao grandioso processo de natureza bioquímica. Neste processo, pela ação de determinadas bactérias são quebradas as cadeias de aminoácidos e transformadas em aminas, com libertação de anidrido carbônico, amônia, gás sulfídrico, hidrogênio fosforado, metano, etc. É nesta fase que se exalam os gases malcheirosos.

b) Na segunda fase, de longa duração, isto é, de cinco a seis anos, desenvolvem-se os germes aeróbios e mineralizantes ou nitrificadores. Após esta fase, restam somente as partes ósseas e uma pequena quantidade de húmus.

3.5 Medidas Preventivas para a construção do novo Cemitério em Itapuã do Oeste/RO

A resolução vigente (CONAMA 335) que normaliza cemitérios cria regras que tem o intuito de conter o necrochorume dentro da sepultura para que não atinja o meio externo e dessa forma, coloque em risco o meio ambiente, tendo em vista sua alta concentração de microorganismos e substâncias nocivas à saúde pública.

São preferíveis locais com solos menos argilosos – pois nesses, o corpo pode demorar a se desfazer. Além disso, o CONAMA estabelece que o nível inferior das sepulturas deva estar a uma distância mínima de 1,5m (um metro e meio) acima do mais alto nível do lençol freático, devendo os fundos dos jazigos possuir uma contenção para o necrochorume.

Alguns cemitérios do tipo "parque" e "vertical" desenvolveram tubulações que em tese conduziriam o necrochorume a um filtro biológico que através da ação de microorganismos possa ser decomposto, no entanto, segundo Rodrigues (2011) esta tentativa de tratamento é eficaz apenas em teoria, mas na prática não se viabiliza porque o necrochorume além de viscoso, o seu volume (cerca de 30 litros) é fracionado num período de tempo que pode passar de um ano e assim ele fica na sepultura e na tubulação sem alcançar o referido filtro biológico.

3.6 Medidas para o Tratamento do Necrochorume

Pastilhas contendo uma imensa quantidade de bactérias selecionadas (2 bilhões de U.F.C por grama) que possuem alta capacidade de digerir matéria orgânica. Essas bactérias vêm em forma de esporos e são ativadas gradativamente na medida em que entram em contato com líquido contendo alimento (necrochorume), transformando compostos orgânicos de difícil metabolização (gorduras, óleos, graxas e lipídeos) em dióxido de carbono e água. As pastilhas são colocadas dentro da urna funerária, na região lombar, e na medida em que o corpo vai liberando o necrochorume elas são ativadas e vão digerindo essas substâncias. Essas bactérias vêm também na forma líquida, granulada e cubos (RODRIGUES, 2011).

Manta Absorvente de Necrochorume também é um recurso eficiente. A manta é fabricada com um plástico resistente e possui uma camada de celulose e um pó que em contato com líquido se transforma num gel. Nas bordas tem um fio de náilon que na ocasião da exumação ele é puxado transformando a manta num saco de ossos. É colocada dentro da urna revestindo todo o seu interior e na medida em que o corpo vai liberando líquidos, a celulose vai absorvendo impedindo que o mesmo extravase e fazendo com que ele permaneça na urna pelo tempo necessário a decomposição sem contaminar a urna, a sepultura e o meio ambiente como um todo, cumprindo desta forma a normativa 335 do CONAMA (RODRIGUES, 2011).

O Brasil desenvolve caixões de papelão reciclado. Já existem empresas atuando no ramo dos funerais ecológicos, enquanto um caixão comum é feito com cerca de três árvores, estes caixões utilizam apenas papelão reciclado. Urnas que suportam até 200 kg e são mais baratas por serem feitas de material reutilizado, tem custo em torno de 500 reais. Outra solução seria a utilização de caixões feitos com materiais biodegradáveis como bambu ou papel machê (massa feita com papel amassado, cola e gesso) e sem alças ou crucifixos de metal, pois estes levam anos para se decompor, enquanto o papel leva meses (PLANETA SUSTENTAVEL, 2010).

Geralmente os elementos preponderantes no processo de decomposição progressiva da matéria são a natureza do meio em que se encontra o cadáver (terra, água e ar) e a presença da flora intestinal. Por isso, a escolha da localização dos cemitérios deveria ser extremamente criteriosa, pois a natureza geológica do terreno além de poder favorecer a possibilidade de poluição ou contaminação das águas superficiais ou dos lençóis freáticos pode provocar alterações no processo de decomposição dos cadáveres.

No que diz respeito ao cemitério de Cristo rei em Itapuã do Oeste, ele não atende ao que reza a legislação em vigor, sua implantação ocorreu sem observação de critério algum e até hoje se encontra irregular não só quanto ao local, mas como na forma de sepultamentos.

CAPÍTULO 4 – CEMITÉRIO CRISTO REI E SEUS SEPULTAMENTOS

Aos "outros", a morte paralisa-os e espanta-os. – A nós, a morte – a Vida – dá-nos ânimo e impulso. Para eles, é o fim; para nós, o princípio. (Josemaria Escrivá)

4.1 Entre o Simbólico e o Ambiental

Nas simbologias dos mitos e dos rituais das mais diferenciadas sociedades os mortos não cessam de existir. Eles apenas se libertam do aspecto terrestre da existência para continuar a existir em outro lugar. Nos mitos e nos ritos de inúmeras culturas, os vivos poderão ser representados como já estando mortos e os mortos como retransformados em vivos. A recusa da morte pela crença na sobrevivência do duplo em outro lugar é talvez tão velha quanto o ser humano, descreve RODRIGUES (2002, p.4).

> O símbolo é muito mais do que um simples signo ou sinal: transcende o significado e depende da interpretação que, por sua vez, depende de certa predisposição. Está carregado de afetividade e de dinamismo. Não apenas representa, como realiza e anula ao mesmo tempo (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1998, XVIII)

Assim, o símbolo é entendido por Bellomo (2000, p.121) no estudo cemiterial "não como objeto concreto, e sim, com o significado que este pode trazer, isto é, a transmissão de culturas e valores sociais". O cemitério, por mais depressivo que seja, nos remete a lembranças de momentos, de afetividades de tempos em que nossos entes queridos encontravam-se entre nós, mas além dessa memória que traz consigo toda uma simbologia, existe algo que vai além das nossas lembranças, que são as questões ambientais que a morte causa ao meio ambiente, em decorrência da prática de sepultamento sem critérios e sem atender as normas vigentes.

O costume de realizarem-se sepultamentos no interior das igrejas remonta à baixa Idade Média, devido, segundo Ariès (1989, p. 25–27 e 37), à popularização da crença de que os mortos dormiriam à espera do Juízo Final,

quando todos despertariam para serem julgados por Deus. Trata-se, de acordo com o historiador, de uma concepção de morte na qual não haveria a dualidade separando corpo e alma, uma construção teológica que ganhou popularidade na Europa ainda que tardiamente.

Elementos como Paraíso e Inferno eram pouco referenciados na passagem do milênio, ganhando destaque apenas por volta do século XII, quando se elaborou a ideia de Purgatório. No imaginário popular europeu, portanto, os falecidos apenas descansariam aguardando a intervenção divina, não sendo casuais expressões ainda hoje populares em epitáfios, tais como "descansa", "repousa" e "dorme", que não são apenas metáforas, mas remissões a uma visão unitária do ser.

Como se pode perceber, vários aspectos apontados do imaginário mórbido[10] presentes na cultura popular brasileira sobreviveram até a atualidade. No entanto, deve-se perguntar sobre o sentido da palavra "sobrevivência" geralmente empregado em relação a fenômenos da cultura, ainda que fragmentada encontramos práticas que remotam aos antepassados (ANDRÉ, 2009, p. 258).

As inúmeras imagens relacionadas à morte são utilizadas por diferentes grupos sociais, sendo que as imagens mais destacadas, persuasivas e propagadas quase sempre estão sob a tutela das elites. Desse modo, costuma-se olhar para a morte e seus rituais a partir de uma perspectiva particular, circunscrita no tempo e no espaço, limitada pelas respostas às grandes questões. Segundo Vovelle (1991, p.128).

> É isso, que torne a historia da morte tão fascinante. Trata-se, para o historiador, de voltar aos dados do problema, de observar pelo avesso essa troca de olhares. Partindo da morte e das atitudes coletivas como essa é acolhida, a história pretende reencontrar os homens e compreender suas reações diante de uma passagem que não admite fraudes.

Por um lado, alguns elementos permaneceram quase sem alteração ao longo dos séculos, como é o caso das cruzes que beiram as estradas ou sinalizando os túmulos nos cemitérios, ou das orações e das histórias nos

---

[10] Por representações e práticas mórbidas compreendem-se o conjunto de noções e ritos relacionados à morte, tais como as concepções de bem morrer, os velórios, os funerais e, entre outros, as posteriores liturgias.

velórios. Como compreender historicamente, isto é, envolvendo transformações espaçais e temporais, objetos aparentemente estáticos no decorrer de uma longa duração?

De qualquer modo, o resultado da fusão cultural permitiu a continuidade desse imaginário mesmo após a expansão do discurso médico no século XIX (na França, este remonta ao XVIII) ao nível das práticas populares, transmitidas por intermédio da oralidade e dos costumes e reconstruídas inconscientemente de sua longa duração (André, 2009, p.247).

Assim, as atitudes do homem com relação aos mortos, mas também as mudanças pelas quais elas passaram no transcorrer da história. Analisar esse processo significa compreender uma parte importante do comportamento social, pois a postura que a sociedade tem em relação à morte determina seu comportamento diante da vida. Segundo Oexle (1996, p. 27), esse processo pode, ainda, ir além:

> [...] vale também, e talvez até mais, para a atitude e o comportamento social dos indivíduos e grupos sociais com relação aos mortos, com os quais eles estiveram ligados durante a vida por laços pessoais, de amizade e de parentesco. São bastante reveladoras as relações que os indivíduos e os grupos travam entre si e com os mortos e o *status* social que atribuem aos mortos.

No mundo antigo e mesmo no medieval, o *status* dos mortos não é determinado por nenhum tipo de memória subjetiva, marcada por uma visita ao cemitério em uma data específica: os mortos de outrora são pessoas no sentido jurídico do termo, sujeitos de direito, que estabelecem relações na sociedade humana. Eles estão presentes entre os vivos, pois, afinal, são os vivos que lhes conferem existência ao pensar em um lugar do além onde os mortos viveriam eternamente. Sobre o assunto, diz Schmitt (1999, p. 15):

> Os mortos têm apenas a existência que os vivos imaginam para eles. Diferentemente segundo sua cultura, suas crenças, sua época, os homens atribuem aos mortos uma vida no além, descrevem os lugares de sua morada e assim representam o que esperam para si próprios. [...], o imaginário da morte e da evolução dos mortos no além constitui universalmente uma parte essencial das crenças religiosas das sociedades. Ele adquire formas diversas, mas muito amplamente atestadas, entre as quais as visões e os sonhos ocupam sempre um lugar de primeiro plano.

Portanto, os rituais são elementos constitutivos da vida social, marcando tanto atos considerados simples no cotidiano (as refeições e a conduta

profissional figuram entre os exemplos), quantos eventos significativos da vida pessoal (nascimento, formatura, casamento, falecimento, entre outros) e da vida coletiva (comemoração de um acontecimento, posse de um chefe de Estado, etc.). Sua indispensabilidade social é decorrente de sua função simbólica: fornecer segurança ao indivíduo e ao grupo. Segurança propiciada através de um "sistema de fórmulas e símbolos" que orienta condutas, dita receitas, expia as culpas, fornece certezas (THOMAS, 1985).

Segundo Hatzfeld (1993, p.111-114), os rituais são indubitavelmente a forma mais arcaica da expressão humana. Não podemos deixar de nos interrogarmos sobre esta matriz da vida religiosa, se não queremos correr o risco de tomar os ritos por aquilo que eles não são - por aquilo em que se tornaram nas nossas sociedades faladoras: uma maneira de ilustrar com alguns gestos verdades melhor desvendadas pela linguagem. Sobretudo, o risco de falsear toda a perspectiva e compreensão que possamos ter da religião.

Assim, os rituais em torno da morte teriam a função de reafirmar os valores de um grupo e, portanto, reafirmar os valores da vida. Como se observa, o papel da morte e o significado atribuído a ela parecem ter sido mais importantes na Antiguidade que na atualidade, na qual aquela é reprimida e lançada à instância sombria. "A sociedade tecnológica enterrou a morte na nossa alma. Perdemos o contato com ela e a transformamos em tabu" (GAMBINI, 2005, p. 140).

Neste novo processo ritualístico tanto o tratamento dos cadáveres, quanto o cuidado com as sepulturas saíram das mãos da família e passaram para as mãos dos especialistas remunerados. O tratamento ao cadáver, os ritos e as cerimônias fúnebres se profissionalizaram. A morte passa a ser empresarializada. Como a morte é um fenômeno natural, a aquisição do produto aparece como essencial (DE LIMA MORAIS, 2008, p. 6).

O discurso do comércio fúnebre é baseado na fragilidade que o momento imputa a família, com a finalidade de ajudar e resolver com praticidade e consequentemente fornecer comodidade aos familiares que o momento exige em resolver como serão os últimos momentos do falecido na terra. As novas tendências fúnebres apontam a organização e a projeção do

próprio enterro como possibilidade de atribuir uma maior comodidade para a família, evitando a tomada de decisões em momentos em que a família se encontra perturbada emocionalmente, além de garantir a “segurança financeira”.

Os velórios deixaram de ser realizados na própria residência e passaram a ser feitos em casas especializadas (funerárias) na lida com a morte, de modo que esta se tornou um assunto privado e desligado da esfera doméstica. É possível que esse processo seja explicado não apenas devido ao êxito do discurso médico, mas também ao crescimento da cidade moderna, regido por relações capitalistas e individualistas, nas quais o papel da vizinhança como suporte nos momentos cotidianos e também difíceis praticamente desapareceu nos centros urbanos, segundo André (2009, p. 249). Desse modo, costuma-se olhar para a morte e seus rituais a partir de uma perspectiva particular, circunscrita no tempo e no espaço, limitada pelas respostas às grandes questões.

Para Ariès (2003, p.25), por longos períodos o homem mantém o mesmo olhar sobre o fenômeno morte, mas lentamente vão aparecendo mudanças, às vezes quase despercebidas, mas que na atualidade estão sendo atingidas a uma velocidade cada vez maior, cabendo ao historiador estar sensível tanto às permanências, às inércias, quanto às mudanças, lentas ou rápidas.

O comportamento do homem diante da morte, ainda hoje, mesmo em menor grau do que em épocas anteriores, permanece eivado da ideia de continuação da vida após a morte, e com a recusa do aniquilamento total. Esse entendimento constitui “um fundo comum a todas as religiões antigas e ao cristianismo” (2000, p.117). Para Coulanges (1987, p.8), as crenças antigas, segundo as quais os mortos eram sagrados, sempre influenciaram a conduta dos homens, estabelecendo verdadeiras religiões da morte, cujos ritos sobreviveram aos dogmas, até o triunfo do cristianismo.

Muitas atitudes relacionadas à morte são atemporais, persistem desde os tempos primordiais. As representações feitas a partir do morto são uma delas. Hoje é quase consenso, entre os estudiosos da morte, que as religiões começaram pela recusa da morte. Nesse sentido, no que se refere à escatologia, a religião cristã é herdeira de crenças mais antigas.

Em contrapartida, observam-se essas manifestações de solidariedade e participações coletivas em cidades de porte pequeno, nas quais ainda se veem velórios sendo realizados em residências, onde os ritos e outros tipos de manifestações ao moribundo são realizados com frequência, nos quais os velórios são realizados domesticamente e a portas abertas em grande maioria, como é o caso no município de Itapuã do Oeste.

Tal como indicado anteriormente, a questão não é buscar as origens e indicar a imutabilidade dos artefatos culturais, mas demonstrar como eles, ainda que formalmente “inertes”, sugerem diferentes usos individuais e sociais que respondem a contextos históricos específicos.

No fundo, universalmente, ou quase, os ritos fúnebres são solidários com os sistemas míticos e com eles supõem uma crença comum: a morte não é jamais o aniquilamento total do homem, ela é uma passagem para outra vida. Por toda parte, de algum modo o morto ainda vive, tanto que se acredita ser possível a comunicação com ele e receber dele as suas mensagens. Assim, invariavelmente os sistemas míticos e rituais tratam de dar vida aos mortos. A morte de fato só advém quando os mortos morrem e isso só acontece se os vivos deixarem de praticar suas obrigações com relação a eles. Nesse sentido, então, muito mais do que da morte, as mitologias e os rituais fúnebres tratam dos mortos, diz Rodrigues (2010, p.6).

Desta forma, a cultura mórbida brasileira pode ter sido transmitida, em grande parte, por intermédio da oralidade e reconstruída em lugares diferentes, inclusive em meio ao ambiente urbano. Embora haja indivíduos privilegiados na manutenção cultural, como é o caso das avós, das amas de leite ou dos “contadores de causos”, na prática todos os indivíduos de uma comunidade podem agir como instrumentos de transmissão. Como sugerido, as estórias (que se pretendem histórias) de fantasmas constituem narrativas que, contadas e recontadas em determinadas circunstâncias, oferecem elementos de identidade para determinados grupos, como famílias ou comunidades, geralmente em âmbito regional (ANDRÉ, 2009, p. 261).

Sendo assim, apesar de todo mundo saber que nada varia tanto como os povos, a idade, o sexo, a posição social do indivíduo quanto os ritos

funerários. Entretanto, é possível descobrir na extraordinária multiplicidade das variações de detalhes traços dominantes (GENNEP, 2011, p. 128).

Além de todo esse simbolismo que existe em torno da morte e do cemitério através de suas formas de sepultar, de seus ritos, existem as questões ambientais que surgem como pautas de grandes discussões. Sabe-se que os cemitérios são alvo de grande produção de contaminantes, que podem causar danos à saúde pública.

Hoje uma das maiores preocupações dos ambientalistas está ligada ao necrochorume - líquido que é liberado pelo corpo em decomposição, processo que leva em média dois anos e meio. Este composto é eliminado durante o primeiro ano após o sepultamento, e trata-se de um escoamento viscoso, com a coloração acinzentada.

Os cemitérios, como qualquer outra instalação que afete as condições naturais do solo e das águas subterrâneas, são classificados como atividade com risco de contaminação ambiental. A razão disso é que o solo em que estão instalados funciona como um filtro das impurezas depositadas sobre ele. O processo de decomposição de corpos libera diversos metais que formam o organismo humano, sem falar nos diferentes utensílios que acompanham o corpo e o caixão em que ele é sepultado. O principal contaminante na decomposição dos corpos é um líquido conhecido como necrochorume, de aparência viscosa e coloração castanho-acinzentada, contendo aproximadamente 60% de água, 30% de sais minerais e 10% de substâncias orgânicas degradáveis (KEMERICH, P. D. C.; UCKER, F. E.; BORBA, W. F, 2012.

Em solos com alta umidade há um processo conhecido como saponificação, pelo qual ocorre a quebra das gorduras corporais e a liberação de ácidos graxos. Esse composto liberado exibe alta acidez, o que inibe a ação de bactérias putrefativas, retardando assim o mecanismo de decomposição do cadáver e tornando o mecanismo tanto mais duradouro quanto mais contaminante (KEMERICH, P. D. C.; UCKER, F. E.; BORBA, W. F, 2012).

Durante o processo de decomposição orgânica, além dos líquidos liberados, há emissão também de alguns tipos de gases, entre eles principalmente os característicos da decomposição anaeróbica, como o gás

sulfídrico (H2S), identificado popularmente como cheiro de “ovo podre”, incluindo dióxido de carbono, gás carbônico (CO2), metano (CH4), amônia (NH3) e hidrato de fósforo, a fosfina (PH3). Além desses elementos característicos, outros gases são emitidos, caso dos óxidos metálicos (titânio, cromo, cádmio, chumbo, ferro, manganês, mercúrio e níquel entre outros) lixiviados dos adereços das urnas mortuárias, incluindo formaldeído e metanol utilizados na prática do embalsamento (PACHECO A., 1986).

Entre os riscos de contaminação das águas por cemitérios, estão presentes aqueles causados por compostos nitrogenados, responsáveis por doenças como a metaemoglobinemia (síndrome do bebê azul). Esta doença foi verificada especialmente em crianças, em quem a ingestão de nitrato em excesso provoca a transformação da hemoglobina em metaemoglobina, forma sob a qual esta molécula é incapaz de transportar oxigênio (GOODMAN & GILMAN, 1947, *apud* MIGLIORINI, 1994).

Túmulos em ruínas, com rachaduras que permitem infiltração em especial das águas de chuva, problemas provocados pela compactação do solo por raízes de árvores de maior porte, além de negligência de proprietários de jazigos em cemitérios também favorecem de maneira específica a contaminação do lençol freático com impactos ambientais capazes de afetar a saúde pública.

O necrochorume, produzido no processo de decomposição orgânica, por exemplo, é liberado de forma constante por cadáveres em decomposição e apresenta um grau variado de patogenicidade. Grande parte dos organismos patogênicos não tolera a presença de oxigênio disponível na zona insaturada do solo e acaba eliminada. Mas a uma maior profundidade, nos aquíferos, por exemplo, a escassez de oxigênio permite abundante desenvolvimento de microrganismos. No caso de a captação de água para consumo humano ou animal ser feita a partir de poços com pequena profundidade, pessoas e animais que se servirem dela estão sob risco de doenças provocadas pela presença desses organismos (PACHECO, A.; BATELLO, E, 2000).

Outra ameaça produzida por cemitérios é a ineficiente gestão de resíduos como as vestimentas que envolvem os corpos, incluindo restos de caixões. Esses resíduos geralmente são depositados nas proximidades das

áreas de sepultamento e, em contato com a água da chuva, podem fazer com que diversas substâncias indesejáveis se infiltrem no solo e também atinjam as fontes hídricas (PACHECO, A.; BATELLO, E, 2000).

A contaminação microbiológica das águas subterrâneas constitui um sério problema de saúde pública, principalmente nos países em desenvolvimento. Esta contaminação pode ser produzida por bactérias, vírus e protozoários. Entre as bactérias, as do gênero salmonela são as causadoras mais frequentes de doenças transmitidas pela água. De uma maneira geral, a maioria dos microorganismos patogênicos encontrados em águas contaminadas provoca várias doenças, sendo comuns fortes distúrbios gastrointestinais, tais como vômitos, cólicas e diarreias (MIGLIORINI, 1994). No que se refere ao caso específico de contaminação das águas subterrâneas por cemitérios, embora os estudos a respeito sejam relativamente escassos existem alguns casos históricos.

Da complexidade ambiental envolvendo os cemitérios, no entanto, emergem alternativas que acenam com menores impactos, como a prática de cremação. O costume de cremar os mortos tem origens tanto religiosas quanto de higiene ou até mesmo carência de espaços físicos. Nesse contexto entende-se por cremar o ato de reduzir o corpo a cinzas. Relatos históricos evidenciam que o ato de cremar os mortos era comum, por exemplo, na Grécia antiga, em especial como resultado de guerras, quando a maioria das vítimas fatais em batalhas passava por esse processo. Já os escandinavos adotaram essa prática por motivos religiosos. Para esses povos, apenas com a cremação a alma do morto estaria em liberdade (PACHECO A., 1986).

4.2 O Sagrado e o Profano

O ser humano, nas diversas culturas e épocas da história, desenvolveu maneiras singulares de conceituar as atitudes relativas à morte. Em alguns períodos, temia-se a proximidade dos mortos mantendo-os à distância. Os cultos funerários eram realizados para evitar que os defuntos voltassem para assombrar os vivos. Já em outras épocas, morrer era algo visto de forma positiva, como forma de libertar a alma que ficara durante a vida aprisionada ao

corpo. Para cada período e cultura, uma crença diferente, mas basicamente uma em comum: a consideração dos locais em que se enterram os mortos serem sagrados. Um local que garantiria proteção extra contra entidades maléficas – elas não teriam acesso para adentrar ou perturbar o “sono” de quem lá estivesse sepultado ou a dor dos vivos que ali entrassem para lamentar seus mortos. Um lugar que deixaria seus entes queridos mais perto e sob a guarda de Deus (MORENO,1992).

Eliade (1995, p.17) refere-se ao espaço sagrado como poderoso e significativo e como tal estruturado e consistente. Em contrapartida, o espaço não sagrado é amorfo e vazio. No que tange ao homem religioso, o espaço é pleno de rupturas qualitativas. Mais precisamente, é na experiência do sagrado que o homem descobre a realidade do mundo dos significados e a ambiguidade de todo o resto.

Para o autor, a experiência religiosa do espaço se apresenta como primordial e, deste modo, é o marco referencial da própria origem do mundo. Quando o sagrado se manifesta, ele expressa o absoluto em meio à completa relatividade da extensão que o envolve.

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania. Este termo é cômodo, pois não implica precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela (ELIADE, 1992, p. 13).

Poder-se-ia dizer que a história das religiões é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas. A partir da mais elementar hierofania – por exemplo, a manifestação do sagrado num objeto qualquer, urna pedra ou uma árvore – e até a hierofania suprema, que é, para um cristão, a encarnação de Deus em Jesus Cristo, não existe solução de continuidade. Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano” (ELIADE, 1992, p. 13).

É no embate entre o sagrado e o profano que o *religare* se manifesta. A vivência e a observação humanas desses contatos e contrastes sacro-seculares geram uma série de interpretações que, por conseguinte, converge em diferentes e diversos ritos e expressões de discurso religioso (MORENO, 1992).

Portanto, a morte representa a base radical da espacialidade do sagrado. Ela nos demonstra a plena consciência do transitório, do material, do contingente. A concretude da morte do homem edifica as relações de transcendência próprias da religião. Um aspecto determinante da representação social da religião é a superação da morte, sendo suas expressões presentes na espacialidade do sagrado (GIL, 2005, p.11).

Podemos dizer que esse solo sagrado é quando se transpõe a porta de entrada e as sepulturas convidam a uma meditação dos vivos sobre a morte; as ruas alinhadas, as árvores perfiladas, as flores, as fotos, as epígrafes, tudo tem um significado único e os mortos são assim santificados e, a capela representa a igreja na qual todo indivíduo almejava estar quando morresse. Segundo Otto:

> O sagrado é uma categoria composta pela idéia do numinoso, tem sentimentos racionais e irracionais, não sendo dependentes de dados exteriores. São objetos excitadores que começa a se manifestar de modo originário, inserindo no mundo sensível até se separar por uma purificação gradual. (OTTO, 2005, p. 150).

As cidades dos mortos ou os cemitérios caracterizam-se por ser o local da última morada dos seres humanos. Na Idade Média os mortos eram enterrados fora do perímetro urbano, mas como a Igreja passou a ser definida como “espaço sagrado”, muitos passaram a ser depositados em seu solo.

A partir do século XIX passam a ser considerados como “uma instituição cultural [...] um sentido de continuidade histórica e raízes sociais” (FRENCH *apud* ARIÈS, 1982, p. 570 e 579). Muito mais que o último lugar de descanso passa a ser um museu a céu aberto, repleto de significados e representações que nutrem a imaginação daqueles que o visitam.

A concepção atual e oficial de cemitério continua sendo a de um lugar reservado ao sepultamento de seus mortos e de homenagem à sua memória. Os túmulos do século XX e XXI caracterizam-se pela simplicidade, podendo ter

a forma de monte de terra, às vezes com cerca, ou receber a pedra sepulcral de mármore, de granito ou até concreto, buscando atingir um estado emocional de austeridade e não apenas a beleza estrutural (MORENO, 1992).

O Sagrado é referência para a construção das outras instâncias, no qual faz parte do *ethos*, do símbolo, da identidade refletindo dessa maneira a prática social da comunidade. O sagrado é determinante para a representação da comunidade, com um determinado espaço delimitado e que também se refere à outra espacialidade sua residência quando vivo (GIL, 2005).

A visita ao túmulo é uma maneira de manifestar a lembrança do espírito ausente. É a representação da memória. É a imagem que, por meio da prece, santifica o ato da lembrança e a representação do sagrado e do profano para o indivíduo.

4.3 Cemitério Cristo Rei

O Cemitério Municipal Cristo Rei está localizado na área urbana do município de Itapuã do Oeste/RO, com uma área de 6.000 m² e uma área de 160 m² de área de reserva, e com uma ocupação de 480 (até setembro de 2012) túmulos requer uma intervenção urgente dos órgãos fiscalizadores, uma vez que há uma possível iminência de danos ambientais não só na área de ocupação mas em todo seu entorno.

Foto 1: Fachada Central
Fonte: Grevsmuehl 2011

Foto 2 : Interior do Cemitério
Fonte: Grevsmuehl 2011

Está cercado por residências, por um núcleo de educação do município e pequenos pontos comerciais, que fazem parte do cotidiano da vida das

pessoas, moradoras da localidade. A foto 1 mostra a fachada de entrada do cemitério e a foto 2 mostra o seu interior.

O Relatório técnico elaborado pela CPRM (Serviço Geológico do Brasil), no ano de 2010, sugere e adverte sobre o ponto de vista de potabilidade da água explotada de poços tubulares. Segundo os resultados apresentados, os valores excedem ao Padrão Microbiológico de Potabilidade e de valores máximos permitidos para nitrato e PH, isto é, os poços não podem ser utilizados para consumo humano.

Cemitérios podem ser fontes geradoras de impactos ambientais. A localização e operação inadequadas de sepultamentos em meios urbanos podem provocar a contaminação de mananciais hídricos por microorganismos que se proliferam do processo de decomposição dos corpos. Se o aquífero for contaminado na área interna do cemitério, esta contaminação poderá fluir para regiões próximas, aumentando o risco para a saúde das pessoas que venham a utilizar da água captada dos poços rasos e poços tubulares.

Depois de morto, o corpo humano se transforma. Passa a ser um ecossistema de populações formado por artrópodes, bactérias e outros microorganismos patogênicos, degradadores de matéria orgânica e outros, podendo pôr em risco o meio ambiente e a saúde pública (MATOS, 2001, p.86).

No período das chuvas, todo o perímetro do cemitério fica submerso pelas águas, o que comprova a contaminação dos poços, tanto pela atividade cemiterial como pelas fossas sépticas, verificou-se que a maioria dos poços amazônicos não tem mais que 7 (sete) metros de profundidade, sendo que com 4 (quatro) metros já se obtém água, poços esse que ficam no entorno do cemitério, até o perímetro de 200 metros.

O cemitério é simples e sem nenhum tipo de pretensão artística ou arquitetônica, composto de um cruzeiro no centro e as sepulturas são em sua maioria de tijolos, mas com um número significativo de simples cruzes de madeira, ou seja, nos sepultamentos feitos diretamente no solo, onde após o sepultamento, sobre a terra recém-escavada acendem-se velas e depositam-se flores.

Algumas possuem uma pequena tabuleta de madeira com a grafia pintada com tinta óleo contendo o nome e os dados de nascimento e morte da pessoa acrescida ao crucifixo. Nos casos de sepultamentos de indivíduos com maiores recursos são construídos jazigos, porém simples e pequenos.

A rusticidade do cemitério, da sede administrativa e dos objetos como o caixão, a mesa de velório e a ausência de mobília revelam a simplicidade da vida local do município de Itapuã do Oeste.

A capela para cultos ecumênicos está localizada fora do espaço cemiterial, a aproximadamente uns 100 metros. Observa-se com isso a simplicidade tanto do município como de sua população local, que é predominantemente de evangélicos, onde os rituais fúnebres ficam em segundo plano.

A arte cemiterial varia com a época e a região, a partir daí podemos entender as estruturas sociais e culturais dos meios, mesmo quando tal se acha restrita a uma parcela da população. Aliás, restrição esta relacionada diretamente com o tipo de economia da sociedade, que neste caso essencialmente rural, estando deste modo a arte cemiterial condicionada a fatores de caráter sociológico, econômico e cultural.

O cemitério existe há 25 anos, mas somente a partir de 2000 foi que se passou a registrar seus óbitos, ainda que de forma simples e sem cuidado nenhum, a média de óbitos é de 40 sepultamentos mensais, o cemitério é administrado pelo Senhor Sílvio que trabalha há 14 anos na construção de túmulos no Cristo Rei.

O que mais nos chamou a atenção foi que no período de chuvas, o município procura não realizar nenhum sepultamento, uma vez que em decorrência das grandes precipitações há um alagamento de toda a área do cemitério, ficando impróprio para sepultamento. Mas quando não é possível enterrar fora do cemitério é feito o sepultamento assim mesmo, realizando verdadeiras artimanhas para que o caixão permaneça sob o solo. As fotos 3 e 4 mostram um sepultamente realizado no período das chuvas.

Foto 3: Cova alagada
Fonte: www.gentedeopiniao.com.br

Foto 4: Sepultamento no período das chuvas
Fonte: www.gentedeopiniao.com.br

Toda a infraestrutura do cemitério é conduzida e realizada pelo Senhor Sílvio, que além da manutenção é quem abre as covas e constrói conforme solicitado. Se a família tem uma condição financeira melhor, faz-se um jazigo de alvenaria e se não o sepultamento é realizado conforme na foto 4.

Podemos observar a dificuldade em sepultar. Segundo o Senhor Sílvio, em muitos casos é realizada a drenagem da cova ou na medida em que se tenta manter o caixão no fundo da cova colocam-se duas travessas de madeira em sentido contrário ao caixão para que se mantenha submerso. Para quem pode pagar o sepultamento é realizado com sepulturas construídas acima do solo como verificamos na foto 6.

Itapuã do Oeste está localizada entre a ESEC de Samuel e a FLONA do Jamari. No período chuvoso, devido à criação da barragem da UHE de Samuel, há inundações de porções consideráveis das áreas, influenciando diretamente a rede de drenagem e o meio ambiente. Uma situação que preocupa é a relação da distância entre as fossas e os cursos d'água (rios e igarapés) e os poços amazônicos. Devido às condições de clima e solo da região, o que se pode concluir é que a maioria das propriedades contribui em maior ou menor grau com a contaminação das águas por coliformes fecais, como nos relata o Relatório da CPRM de 2010.

No período da seca o Senhor Sílvio abre as covas e constrói em alvenaria as covas acima do solo para o período das chuvas que podem ser para um ou dois caixões, pois como ele diz: "fica muito difícil enterrar e se o

defunto não morrer de alguma coisa, ele morre afogado" (as fotos 5 e 6 mostram os tipos de covas).

Foto 5: Cova aberta
Fonte: Grevsmuehl 2011

Foto 6: Cova construída acima do solo
Fonte: Grevsmuehl 2011

Informações levantadas junto à Prefeitura nos colocaram a par de que o cemitério Cristo Rei já sofreu intervenção por parte do Ministério Público do Estado de Rondônia em 2008, sendo que desde então ele passa por acompanhamento, mas ainda assim são realizados sepultamentos, por não haver outro local para realizar o enterramento.

As famílias que têm condições levam seus mortos para ser enterrados no município de Candeias do Jamari, que fica a 92 km de distância de Itapuã do Oeste.

A dinâmica da natureza e a sua organização sofreram modificações no município de Itapuã do Oeste, em um grau e ritmo nunca antes observado, numa sincronia perversa, resultantes do acirramento das relações sociais de produção do modo capitalista. Com a implantação da Usina de Samuel toda essa dinâmica sofreu consequências e reconfigurou o espaço geográfico do município. Não houve a preocupação em realizar uma avaliação do local e muito menos das condições onde está implantado o cemitério.

Quanto a documentos do cemitério, não tivemos acesso, sob a alegação de que muitos documentos foram extraviados ou perdidos por ocasião da implantação da Usina de Samuel. Sabemos que as fontes históricas a respeito da necrópole municipal suscitam a implicação de abstração do espaço, à ligação pessoal com o ponto, o local, o limite territorial.

Muito embora, digamos que a morte é igual para todos, devemos considerá-la como discriminadora entre os vivos, dos que enterram os seus mortos, já que estes representam o significado da condição humana, seja no interesse da ciência ou nas representações sociais que revelam e provocam o discernimento da divisão de classes.

Pelo que consta nos registros tanto do cemitério quanto da Prefeitura, o cemitério existe há pelo menos 25 anos, sendo que no início não havia a preocupação em registrar seus mortos, o que nos impossibilita realizar um estudo mais aprofundado dos fundadores de Itapuã do Oeste. No cemitério, temos sepulturas da época, mas em péssimas condições, não sendo possível observar registro nenhum em suas lápides.

A legislação vigente é clara quanto ao processo de implantação e operação dos cemitérios e até hoje não houve a preocupação em realizar um método que amenizasse o alagamento do cemitério. A contaminação por necrochorume pode causar sérios problemas sanitários e ambientais. Sendo assim, até mesmo os cemitérios que foram implantados com todas as medidas de proteção ambiental, não podem ser considerados como locais perfeitamente individualizados do meio ambiente.

CAPÍTULO 5 - ECOS DA MORTE - ITAPUÃ DO OESTE

Uma pátria compõe-se dos mortos que a fundaram assim como dos vivos que a continuam - Ernest Renan

5.1 Ecos do Cemitério

Os cemitérios reproduzem a geografia social das comunidades e definem classes locais. Existe a área dos ricos, onde estão os grandes mausoléus; a área da classe média, em geral com catacumbas na parede, e a parte dos pobres e marginais. A morte igualitária só existe no discurso. A sociedade projeta nos cemitérios seus valores, crenças, estruturas socioeconômicas e ideologias. Deste modo, a análise permite conhecer múltiplos aspectos da comunidade, constituindo-se em grandes fontes para conhecimento histórico (BELLOMO, 2008, p. 13).

Ao longo de nossa existência nos deparamos por várias vezes com a morte, seja ela de ente querido, de um amigo ou desconhecido. Somos arrebatados por ela, tornando-nos frios e distantes, nos aproximamos pelo espaço, lugar e os territorializamos dentro das projeções dos vivos. Pretende-se a partir desta concepção visualizar nesta comunidade a significação da morte a partir de depoimentos considerados relevantes dos moradores e funcionário do cemitério local. Analisar como esta comunidade lida com esta representação da morte, pois estes moradores assistem aos velórios realizados, e verificar como trabalham a perda, pois as pessoas veladas não mais farão parte da comunidade.

Num primeiro momento, parece um tanto desrespeitoso tratar do morto desta forma, mas as raízes, as representações e práticas fúnebres presentes na cultura popular brasileira são múltiplas, algumas das quais derivadas de campos religiosos como a própria Igreja Católica, dado o peso do imaginário cristão nas concepções relativas ao *post-mortem*.

Assim também postulam alguns seguimentos das igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais, a saber: Assembleia de Deus, Igreja Cristã do Brasil, Igreja Pentecostal Deus é Amor e as neopentecostais: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial da Fé.

Informações coletadas do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. A pesquisa indica também o aumento do total de espíritas, dos que se declararam sem religião, ainda que em ritmo inferior ao da década anterior, e do conjunto pertencente às outras religiosidades.

Os dados de cor, sexo, faixa etária e grau de instrução revelam que os católicos romanos e o grupo dos sem religião são os que apresentaram percentagens mais elevadas de pessoas do sexo masculino. Os espíritas apresentaram os mais elevados indicadores de educação e de rendimentos, (IBGE 2010).

Temos ainda no Brasil as ideias cristãs associadas a religiosidade africanista, representadas pelo Candomblé e todas as suas ramificações, aliadas a um sincretismo, como a Umbanda, que vem em função da complexa associação entre orixás e santos e as práticas de exortação dos espíritos, como sugere o sociólogo Renato Ortiz (1983, p.192 – 195 e 198).

Dentro desse paradoxo, encontramos influências das mais diversas culturas e religiões, mesmo com traços pequenos desse simbolismo, os aspectos de ancestralidade são visíveis dentro da comunidade estudada.

Observa-se nas fotos 7 e 8 a simplicidade dos seus túmulos e os tipos de sepultamento sem critério nenhum. Percebem-se pequenos traços do catolicismo em suas coroas de flores de plásticos. Sepulturas pobres revelam fases menos prosperas; sepulturas ricas revelam fases de crescimento econômico. Mas de modo geral o cemitério em questão caracteriza muito bem o que estudiosos vêm ressaltando sobre a representação que os vivos levam para o espaço dos mortos.

Foto 7: Interior do cemitério
Fonte: Grevsmuehl, 2011

Foto 8: Interior do cemitério
Fonte: Grevsmuehl, 2011

Poder-se-ia dizer que a morte está hoje menos criativa, menos permeada de símbolos? Segundo Martins (2005, p. 74), existe uma "falta de rito" na atualidade, em torno da morte, o que gera um vazio incômodo nesse contato. Não há espaço para a linguagem simbólica, que tem a função de dar significado e sentido a uma realidade. Sem isso, a morte fica sem representação e sem elaboração, tanto coletivamente quanto no âmbito íntimo de cada ser humano.

A execução dos ritos seria fundamental para tirar a alma do Purgatório e enviá-la ao Paraíso. Na pior das hipóteses, caso os rituais não fossem adequadamente executados, temia-se que o morto voltasse para cobrar seus votos, o que poderia ser assustador e ameaçador. É justamente por isso que a "má morte" era temida: sendo súbita, violenta, faltando um túmulo adequado ou alguém para recitar uma oração, o falecido simplesmente não poderia "partir" para a viagem, permanecendo e ameaçando o mundo dos vivos.

O cumprimento das diversas etapas dos rituais reflete a maneira de viver da sociedade e representa uma forma de agregação. Os gestos são constitutivos do *modus* de passagem para o além, propiciam segurança para os mortos rumo ao paraíso e garantem aos vivos a paz e a certeza de não serem incomodados por aqueles.

> É justo dizer que os mortos, encurralados e separados dos vivos, nos condenam, a nós vivos, a uma morte equivalente: porque a lei fundamental da obrigação simbólica opera de todas as maneiras, para o bem ou para o mal... Assim ocorre com a morte. A morte nada mais é, afinal, do que a linha demarcação social que separa os "mortos" dos "vivos"; logo, ela afeta igualmente uns e outros. (BAUDRILLARD, 1996, p. 174)

Segundo Baudrillard, a fim de nos "aliviar" desse peso que são os mortos e da "presença" da morte, realizamos os ritos. Morte e vida não estão

dissociadas: a primeira é um detalhe da segunda. Isso porque no plano simbólico não existem diferenças entre vivos e mortos, pois têm condições diferentes, surgindo daí a necessidade de medidas preventivas ritualísticas, cujo objetivo é assegurar mecanismos de domínio das ações (BAUDRILLARD. 1996, p. 181).

> O simbólico não é um conceito, nem uma instância ou categoria e tampouco uma "estrutura". É um ato de troca e uma relação social que leva o real ao fim, que resolve o real e, ao mesmo tempo, a oposição entre o real e o imaginário... O simbólico é o que leva ao fim esse código da disjunção e aos termos separados. É a utopia que leva ao fim as tópicas da alma e do corpo, do homem e da natureza, do real e do não real, do nascimento e da morte. Na operação simbólica, os dois termos perdem seu princípio de realidade. Mas esse princípio de realidade nunca deixa de ser o imaginário do outro termo. (BAUDRILLARD, 1996, p. 181-182).

Os símbolos substituem ou sugerem algo, "resolvem" as oposições entre real e não real entre vida e morte. A trama sobre a morte passa pela compreensão das relações entre estes dois mundos distintos: material (vida) e celestial (morte), duas situações muito presentes em nosso meio e por isso mesmo cheias de interrogações, principalmente por causa de nossas dúvidas e expectativas sobre a vida no além-túmulo.

As fotos 9 e 10 nos mostram que o símbolo mais utilizado é a CRUZ: Um dos símbolos mais antigos da humanidade, seus quatro pontos cardeais derivam dos símbolos de observação e orientação, nos diversos níveis da existência do homem, orientação espacial, com relação aos pontos cardeais terrestres e orientação temporal.

A cruz põe o homem em ressonância com o mundo terrestre. Síntese de medida, tempo e espaço, intermediário e mediador do universo, comunicando a terra com o céu, é a cruz que recorta, ordena e mede os espaços sagrados, como os templos, a interseção cruzada de seus braços marca uma encruzilhada. Na tradição cristã simbolizou a cruz a salvação, o crucificado, e o salvador (Cristo), o filho de Deus, o início e o fim, vida, morte e renascimento.

Foto 9: Maior simbologia - Cruz
Fonte: Grevsmuehl, 2011

Foto 10: Maior simbologia - Cruz
Fonte: Grevsmuehl, 2011

No caso de Itapuã do Oeste verificou-se a existência de 36,6% católicos, 40,5% evangélicos, 22,6% sem religião e 0,3% outras (IBGE 2010). Verificamos que em função da predominância dos evangélicos, os símbolos e as representações da morte são colocados como invisíveis.

Diante desta temática, elencaram-se na fenomenologia os recursos para identificarmos os objetivos desta pesquisa, compreender os processos de significação morte/espaço/representações desta comunidade.

A cultura forja as identidades e, por consequência, a incorporação de outras culturas e de seus valores; assim entendida, não está pronta, nem é definitiva, mas está em permanente construção; a sociedade, mais do que o próprio indivíduo, é a unidade principal em que se luta pela existência e, desta forma, a cultura permanece em transformação por gerações sucessivas, enriquecendo constantemente o seu conteúdo.

Funari (1996, p.12) acrescenta que “Sob o termo cultura inclui-se o sistema de meios e mecanismos elaborados extra-biologicamente, graças aos quais se motiva, orienta, coordena, realiza e garante a atividade do homem”.

Há, partindo disso, uma interação sócio-espacial do homem e sua inclusão no processo de consenso costumeiro; Corrêa (2003, p. 171) escreve que “a análise de técnicas e crenças de um determinado grupo, traduzida em representações e práticas, dão sentido à vida do grupo.”

> O mundo em que vivo é aquele que construo e do qual me aproprio pelos discursos que pronuncio e que recebo e pelas interlocuções das quais participo. O mundo em que vivo é aquele falado por mim e pela coletividade da qual faço parte. (...) É nesse universo de interlocução e de ação dos homens, que é o terreno da experiência;

> através da constituição e utilização dos quadros de sentidos por homens que vivem no mundo na qualidade de sujeitos desse mundo – sujeitos de ação, sujeitos de fala – que esses mesmos homens convivem, estabelecem suas diferenças, marcam seus lugares. (SILVA, SOUZA. 2002, p. 38).

Sendo assim, das marcas deixadas pelos primeiros construtores não se têm dados e nem registros e não se sabe quem ao certo foram, hoje se tem uma população pequena no entorno do cemitério, a qual chegou na medida em que o município foi crescendo e a morte faz parte do cotidiano não existindo um medo predominante nos seus moradores.

A Tabela a seguir corrobora com o argumento de que o município dispõe de uma população inferior a 10 mil habitantes, e que possivelmente, devido ao fato de vários mortos serem sepultados em outros municípios, não se tem uma estatística que expresse a realidade.

TABELA 1 - POPULAÇÃO DE ITAPUÃ DO OESTE

População Urbana	População Rural
5.220	3.341
Total	**8.561**

Fonte: Censo IBGE 2010.

Os dados caracterizam uma população pequena e em processo de ascensão econômica, mas que mantém traços da sua rusticidade e simplicidade não somente em suas sepulturas, mas na distribuição em toda área interna do cemitério, como podemos observar nas fotos 11e 12, a simplicidade, a disposição das sepulturas sem uma ordenação com ruas, quadras ou mesmo identificação de quem ali foi sepultado.

Foto 11: Precariedade e Rusticidade
Fonte: Grevsmuehl, 2011

Foto 12: Simplicidade
Fonte: Grevsmuehl, 2011

O Senhor Sílvio, administrador do cemitério Cristo Rei, que trabalha há 14 anos (na época da nossa entrevista), nos relatou que ao chegar ao cemitério ele já contava com 11 (onze) anos de existência e que possuía 10 (dez) túmulos, dos fundadores do município, mas que já se encontrava em péssimo estado de conservação (foto 13). Não constam dados e nenhuma informação destes.

A construção dos túmulos no período chuvoso é realizada acima do solo, como vemos na foto 6. Mas ainda se verifica que aqueles que não podem pagar pela construção realizam o sepultamento em cova tradicional, com 1,5m de profundidade.

Durante as observações de campo, acompanhei a construção de novos jazigos, onde se pôde também verificar cada parte do desenvolvimento realizado para futuro recebimento de corpos diretamente no solo. Ali foram observadas as fases de preparação dos jazigos, quando se percebeu que não são vedados para reter o necrochorume. E que não existe a impermeabilização antes e após a construção do jazigo, como medida de segurança, para evitar a percolação no solo, conforme fotos 5 e 6.

Alguns impactos ambientais relacionados a águas subterrâneas podem ser provenientes de cemitérios, considerando que na construção da maioria destas necrópoles não são levados em conta estudos geológicos e hidrogeológicos. Dessa forma, essas instalações podem representar alto risco de contaminação durante a decomposição dos corpos.

O abastecimento de água potável não atende a toda a população urbana do município e se dá através de fornecimento pela Companhia de Águas e Esgoto de Rondônia (CAERD), para o consumo humano. A população do entorno do cemitério faz uso de poços amazônico, construídos sem critérios nenhum e sem manilha.

Com relação a manutenção e conservação dos referidos túmulos dos pioneiros, enfatizo o tempo como categoria de memória, buscando abordar a relação do tempo passado com a preservação dos aspectos culturais tradicionais, tanto orais como arquitetônicos.

Nosso entendimento inicia-se no âmbito da preservação da memória e das diversas formas de patrimônio e suas diferenciações nos lugares, denominados por Halbwachs (1990, p.68) como sendo "ilhas de passado conservadas". O que percebemos foi o não cuidado da preservação da memória histórica da localidade.

Segundo o autor, a preservação dos "tempos antigos" ou "época antiga", quer materialmente e ou culturalmente esbarra não só em fatores econômicos, mas também na preservação de um determinado grupo de habitantes que cultiva a memória do lugar, devido às suas histórias de vida estarem relacionadas a este ou aquele quarteirão, a esta ou aquela casa, a esta ou aquela capoeira, praça, cachoeira, etc. Assim, o lugar recebe a marca do grupo e vice-versa, e este grupo possuindo maior durabilidade e coesão contribui para dificultar mudança no aspecto material e cultural do lugar.

Com relação às percepções e representações que o Senhor Sílvio tem do seu local de trabalho, ele nos relatou que sua chegada ao cemitério se deu porque estava desempregado e começou a ajudar nos sepultamentos, até que o Prefeito da época o contratou, já que não havia ninguém que fizesse as covas.

Relatou histórias do que considera ser assombração: "que certa vez estava sozinho no cemitério e começou a ouvir um barulho diferente vindo de uma sepultura que continha um buraco. Ficou imaginando que o defunto queria sair e ficou olhando e ouvindo o barulho e viu uma mãozinha saindo do buraco e ficou ali conversando com o falecido e imaginando que ele queria algo e viu

que se tratava de uma mucura[11] que havia achado o buraco e fez de ninho para ter ali seus filhotes. A mucura colocou a cabeça para fora do buraco e conversou com ele e ele deixou a mucura ter os bebês ali".

Para ele "a morte é algo natural e que faz parte da vida, mas que tem muita gente que tem medo dos mortos". Sendo sua representação da morte contida no medo de que algo poderia sair do túmulo.

Quanto ao fato do cemitério ser um agente poluidor, ele (Senhor Sílvio) não tem consciência do fato, tanto é que ele plantou um pé de caju, do qual se alimenta (foto 12), bebe da água que chega a uma torneira enferrujada e percebe apenas que no período chuvoso tudo fica alagado e difícil de enterrar, que precisa de ajuda para fazer o caixão ficar no fundo da cova.

Foto 13: Senhor Sílvio sentado na sepultura em
Que viu a mãozinha da mucura saindo pelo orifício.
Fonte: Grevsmuehl 2011

Foto 14: Senhor Sílvio com seu caju
Fonte: Grevsmuehl 2011

Perguntado sobre qual cerimonial de enterro mais lhe impressionou, respondeu que: "nenhum, depois de tanto ver morto e enterrar, nada mais o impressiona. Mas que morte de criança sempre o deixa sensibilizado". Para ele: "a morte é coisa natural, faz parte da vida e para algumas pessoas dolorosas e pra outras necessárias, mas a morte é isso, simplório em suas palavras, mas intenso em seus significados é a constatação do seu mundo-vivido expresso em falas simples e sem floreios".

---

[11] *Didelphis marsupialis* - Na Amazônia: mucura; na Bahia: suruê ou sarigüê; no Nordeste: cassac ou timbuo; no Mato Grosso e Paraguai: micurê e no resto do Brasil recebe o nome de Gambá.

Observa-se a importância atribuída para esse trabalhador, pois é ele que mantém a limpeza do cemitério, constrói as sepulturas e cava as covas, é ele que mantém os registros em ordem na medida do possível e relata para quem for ao cemitério suas necessidades e as condições precárias que realiza suas atividades e assim percebemos que o místico ocupa lugar importante na construção da identidade social dos moradores desta comunidade. Nos velórios, enterros e devoção com seus mortos percebe-se o lugar das religiões, dos rituais, das flores, das velas, o respeito ao morto.

De modo geral, o cemitério não possui nenhuma ostentação dos seus túmulos (foto 14), a preocupação maior é somente quanto ao sepultamento, se é no período das chuvas é realizado de um jeito; no período da seca, é de outro modo, não tem problema como diz o Senhor Sílvio: - a gente faz conforme a necessidade, verificamos que a representação através de sua distribuição espacial retrata bem a comunidade de Itapuã do Oeste.

Foto 15: Túmulos dos pioneiros, abandonados em péssima conservação.
Fonte: Grevsmuehl 2011

Foto 16: Simplicidade dos Túmulos
Fonte: Grevsmuehl 2011

Ainda, segundo ele, somente no ano de 2004 foi que se passou a registrar os óbitos no Livro de Registro de Óbito e Sepultamento do Cemitério Cristo Rei. Ainda que precariamente, foram registrados alguns óbitos de anos anteriores. Observamos a falta de orientação quanto aos dados para que ele desse continuidade. Houve boa vontade do Senhor Sílvio em registrar os óbitos, dentro do que pudemos extrair do livro temos:

No registro óbitos do Cemitério Cristo Rei nos deparamos com a seguinte configuração em causa mortes num período de 8 anos de registros. Limitamo-nos apenas às 10 (dez) causas mais relevantes, acreditando que

com elas se pode traçar um panorama através dos óbitos do município quanto à maneira como sua população vive, conforme tabela abaixo:

TABELA 02 - CAUSA MORTES

Causa Mortes	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	**Total**
Esfaq/Baleado/Assassinado	1	2	2	4	2	3	6	2	22
Natimorto	3			1		1	1	1	7
Afogamento	1	1		4	1	3			10
Acid. De Trabalho	1	4	1	1			2		9
Parada Cardíaca	1	4	9	6	15	2	2	7	46
Pneumonia		5		1	1		3	2	12
Acid. Transito			3	1	4	5		4	17
Câncer		2	4	2	4	5	5	1	23
Diabetes		1	1	1		1		1	5
Eletrocutado			1		3			2	6
AVC			3	3	2	1	3	1	13
Morte Desconhecida				1		1	2	3	7
Septicemia						1	2	1	4
TOTAL	7	19	24	25	32	23	26	25	**181**

Fonte: Livro de Óbito do Cemitério - 10 causas de maior incidência de óbitos.
Organizado por: Oliveira, Edilene Chagas, 2013

A representatividade dos óbitos nos mostra que mesmo tendo uma vida simples sem maiores perspectivas de vida, o sedentarismo pode levar uma comunidade estritamente ruralista a problemas de saúde de cidade grande. Seguido de acidentes de trânsito, pois, em decorrência do município localizar-se à margem da BR 364, o número de vítimas é considerado alto.

Outro fator verificado foi que mesmo o município estando distante a 105 km da capital, os crimes vêm gradativamente aumentando em Itapuã do Oeste, por sua vez, crime deve ser entendido como qualquer atividade contrária à lei e passível de punição legal.

É possível traçar um perfil dos criminosos, como faz a polícia investigativa, ou das vítimas, quando estudamos os óbitos ou realizamos pesquisas de opinião sobre a segurança pública. Também é possível investigar quais ambientes e períodos oferecem maiores chances e oportunidades aos criminosos.

Mas como não é nosso foco, buscamos apenas comentar o aumento significativo e comentar algumas características. O mesmo se pode dizer de algumas características sociais como o grau de organização da sociedade civil, os vínculos sociais, ou a existência ou não de programas de melhoria da qualidade de vida do cidadão, fatores que podem levar a um aumento da criminalidade.

A Tabela 2 diz que as doenças cardiovasculares aparecem em primeiro lugar entre as causas de morte no Brasil e representam quase um terço dos óbitos totais e 65% do total de mortes na faixa etária de 30 a 69 anos de idade, atingindo a população adulta em plena fase produtiva. No Sistema Único de Saúde (SUS), essas doenças foram responsáveis, em 2002, por mais de 1,2 milhões de internações, representaram 10,3% do total de internações e 17% dos gastos financeiros.

Segundo a pesquisa, enquanto a taxa de mortalidade por essas doenças se manteve estável no Brasil todo, o índice caiu até 25% no Sul e Sudeste e aumentou no Norte e Nordeste. Entre homens nordestinos, por exemplo, a alta foi de 34% no número de mortes por 100 mil habitantes. No Norte houve um aumento de 77% no número de óbitos em dez anos.

O município de Itapuã do Oeste, com uma população pequena, faz parte desta estatística. Dados mostram através da Tabela 2 que no período escolhido de nossas observações a causa de morte mais frequente foram doenças cardiovasculares.

Pesquisa realizada pela PUC-PR ressalta que o aumento da renda nesses Estados, associado ao consumo de alimentos industrializados, hipercalóricos e ricos em sódio - que agravam os fatores de risco cardíaco, como hipertensão, colesterol e obesidade - é uma das explicações para o fenômeno.

“As pessoas estão deixando de morrer por doenças infectocontagiosas e passando a morrer de infarto”, disse o pesquisador José Rocha Faria Neto, cardiologista e professor da PUC-PR.

Para o estudo, foram usados os dados sociodemográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dados de óbito do Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (Data SUS) e dados de renda do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Foram cruzadas informações de 2000 a 2010.

O estudo da PUC-PR mostrou que desse período em diante houve uma estagnação. A análise por renda mostrou que esse comportamento se deve ao aumento dos óbitos na região Norte e Nordeste, compensada pela regressão na região Sul e Sudeste.

TABELA 3 - QUANTITATIVO DE HOMENS E MULHERES

MUNICÍPIO	Homens	Mulheres	Total
Itapuã do Oeste	4.563	3.998	8.561

Fonte: IBGE 2010

TABELA 4 - ÓBITOS POR SEXO

ANO	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	TOTAL
H	22	26	22	21	21	25	22	19	**228**
M	11	14	9	10	14	10	14	8	**127**
TOTAL	33	40	32	31	35	35	36	27	**355**

Fonte: Organizado por: Oliveira, Edilene Chagas, 2013

Os dados levantados através do livro de óbito em relação aos itens sexo e ano têm a finalidade de traçarmos um perfil da maior incidência de óbitos e verificar o crescimento gradativo do número de óbitos do sexo masculino, que caracteriza que a mão de obra ativa do município é predominantemente formada por homens e que por sua vez está em maior risco.

Dados do Censo (IBGE, 2010) comprovam isso e de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a probabilidade de um habitante do Brasil morrer com idade entre 15 e 60 anos em 2009 era de 154/1.000

habitantes (na Suíça, essa probabilidade era de 58/1.000 habitantes e, na Suazilândia, de 613/1.000 habitantes). Entre os 193 países para os quais a OMS estima esta probabilidade, o Brasil ocupava a 81ª posição. Na referida faixa etária, o risco de morte para o sexo masculino é mais alto do que para o feminino: a probabilidade de morte entre os 15 e os 60 anos é maior para homens em todos os países pesquisado pelo IBGE.

Caso não seja tomada nenhuma atitude, a mortalidade no Norte e Nordeste tende a aumentar ainda mais. Isso alargará a discrepância entre as regiões, ampliando as desigualdades em saúde no País. Desta forma, este estudo mostra a necessidade de soluções regionalizadas para o enfrentamento das doenças cardíacas.

Essas características levantadas dentro da territorialidade do Cemitério Cristo Rei nos fazem pensar que precisamos adotar mudanças de comportamento, a comunidade de forma geral de Itapuã do Oeste sofre o estresse das grandes metrópoles e mesmo sendo uma cidade tipicamente de interior, com rotina de vida tida pacata, chama nossa atenção por estar vivendo essa realidade.

5.2 Ecos da Morte - Entorno do Cemitério

A percepção do entorno foi observada em nossas saídas de campo, visitando e interagindo com a população local, nos tornando membro da comunidade conforme aumentava nossa proximidade com os moradores da localidade, construímos questionários que aplicávamos na medida em que ganhávamos a confiança da vizinhança do entorno do cemitério.

Nossas entrevistas ou nossos diálogos com a população local nos fizeram ter a noção exata de toda a simplicidade da localidade, sendo que a hospitalidade e a aceitação da nossa pessoa junto a eles foi o que mais nos chamou a atenção. As entrevistas ocorreram de forma aleatória dentro do perímetro de 200m² e abrangendo os 40 moradores, para a obtenção das nossas impressões e percepções dos moradores quanto a sua visão das questões ambientais e o que o morar perto do cemitério representaria. Os questionários começaram com o preenchimento dos itens sexo e idade.

Uma pesquisa com abordagem qualitativa pode ser entendida, em linhas gerais, como uma pesquisa em que se procura compreender um determinado fenômeno em profundidade. Nesse caso para melhor compreensão apresentamos tabelas e quadros com informações obtidas a partir das respostas dos moradores, o que propiciou as descrições, análises e interpretações de caráter subjetivo. Dessa forma, a Pesquisa Qualitativa caracteriza-se por ser mais participativa e menos controlável, já que os elementos participantes podem orientar os caminhos da pesquisa mediante suas interações com o pesquisador.

Obtivemos a proporção do sexo e média de idade dos moradores do entorno. Iniciamos as entrevistas para aplicação do questionário com as primeiras perguntas abordando aspectos gerais para o levantamento das representações sociais que os moradores têm da morte. As questões seguintes foram formuladas para identificação e compreensão das crenças religiosas dos moradores do entorno do cemitério Cristo Rei e suas respectivas representações sociais. Observou-se que esse item compõe a cultura e que crenças religiosas podem influenciar crenças e atitudes em relação à morte e fazer parte da cultura brasileira.

Os dados levantados, através do questionário aplicado aos moradores, permitem enfoque de diferentes faces do tema morte entre os moradores, entretanto os resultados aqui apresentados serão generalizados. Nosso intuito é a identificação das representações sociais de morte de ambos os sexos investigados e estabelecendo análise comparativa entre eles.

Nossa concentração maior neste questionário é em cima da pergunta: O que é a Morte? E naquelas relacionadas às expectativas sobre a morte.

Vamos ao item que mostra qual foi nosso maior número de morador no entorno do cemitério, quanto a sexo e idade dos moradores entrevistados distribuídos da seguinte forma:

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO POR IDADE

Idade	20-30	31-40	41-50	51-60	61-70	Total
Homem			2	2	9	13
Mulher	7	5	5	5	5	27

Elaborado por: Oliveira, Edilene Chagas, 2013.

Observa-se que, em relação a sexo, a predominância do sexo feminino é superior (acima de 50%) ao sexo masculino. Esta redução do público masculino é por ser a mão de obra ativa das famílias e o horário que passamos na realização das entrevistas ou das visitas foi no período da tarde para que não atrapalhássemos os afazeres domésticos.

Quanto ao item idade, caracteriza-se a mesma frente de trabalho ficando a cargo dos homens e a mulher sendo dona de casa e no caso das mulheres que se encontram na terceira idade, elas têm a responsabilidade de cuidar dos netos, além da manutenção do lar de forma geral.

Detectamos algumas diferenças de expressão verbal nos diferentes depoimentos, mas basicamente as ideias centrais neles resgatados são as mesmas, o que indica um repertório grupal comum de percepção em relação à morte.

A análise das respostas à pergunta "Em sua opinião, o que é a morte?", permitiu a identificação de cinco ideias centrais, conforme tabela abaixo:

TABELA 6 - IDEIAS CENTRAIS IDENTIFICADAS SOBRE A MORTE

Idéias Centrais	Quantidade e Porcentagem
1. A morte é inevitável (evento natural)	21 - 52%
2. Foi Deus quem quis (evento religioso)	36 - 90%
3. A morte é um mistério (evento inexplicável)	19 - 46,15 %
4. A morte é sofrimento (doloroso)	26 - 65 %
5. Fim da vida, do corpo (evento carnal)	35 - 87,5%

Elaborado por: Oliveira, Edilene Chagas, 2013

A primeira ideia, "a morte é inevitável", entende-se a morte como parte do destino de todos os seres vivos, isto é, sendo algo irreversível. Está ideia central pôde ser observada no relato de 21 moradores do entorno do cemitério.

A segunda ideia, "foi Deus quem quis", denota que a morte faz parte dos planos de Deus, sendo uma passagem para uma vida espiritual. Este sentido religioso atribuído à morte relaciona-se principalmente pela predominância da

religião evangélica no município. Esta ideia central pôde ser observada em 90% dos moradores entrevistados.

A terceira ideia é inexplicável, "a morte é um mistério", causando uma grande dúvida sobre a existência de uma continuidade após a morte. Ninguém sabe ao certo o que ocorre com a morte. Não se sabe para onde vamos, se é que vamos para algum lugar. Esta ideia central pôde ser observada no relato de 46,15% dos moradores entrevistados.

A quarta ideia central atribui à morte "o sentido de sofrimento", pois traz saudades das pessoas que partiram, sendo algo muito difícil de aceitar, por isso é "doloroso e faz a gente sofrer". Esta ideia central pôde ser observada no relato de 26 moradores do entorno do cemitério.

A quinta ideia, " fim da vida, do corpo", que remete à finitude orgânica, segundo a qual a morte é o fim da vida carnal, o fim da existência. Alguns acreditam na continuidade da alma, outros não, mas, de fato, é o fim do corpo na terra. Esta ideia de finitude pôde ser observada em 87,5% dos entrevistados.

Com base nestas ideias centrais e suas respectivas expressões-chave, foram construídos seis respectivos discursos do sujeito coletivo (DSC), em ambas as escolas. A seguir serão apresentados os DSC construídos (Quadro I) a partir dos depoimentos dos moradores.

Quadro I - Discurso do Sujeito Coletivo - DSC

DSCs	Morador do entorno
DSCs 1 A morte é inevitável (evento natural)	A morte é natural da vida. O ser humano nasce, vive e morre. Faz parte de um ciclo que todos nós passamos. Se um dia nascemos, um dia morreremos. Ninguém vivi para sempre. A morte é a única certeza que temos, fazendo parte do nosso destino. Sabemos que tudo isso tem que acontecer na vida. É algo normal e todos temos que estar preparados quando essa hora chegar. É a lei natural dos de todo ser vivo. É um caminho sem volta que todos nós enfrentaremos. Como dizem: ‘para morrer, basta estar vivo’”.
DSCs 2. Foi Deus quem quis (evento religioso)	“Como sabemos, nós seres humanos só estamos na terra de passagem. A morte foi feita por Deus para dar espaço para que nasçam novos seres. É

	a passagem da vida para um outro plano, sendo enfim, o início de uma coisa melhor. A morte é quando as pessoas têm o descanso da alma e do corpo. Iremos, então, encontrar a paz que tanto buscamos e estaremos ao lado de Deus. A morte é o fim de uma vida aqui na Terra, e vamos nascer para outra vida eterna ou não. É uma passagem para o paraíso onde o senhor está nos esperando".
DSCs 3. A morte é um mistério (evento inexplicável)	"A morte é o começo de algo desconhecido. É uma passagem incerta e duvidosa, pois ninguém sabe ao certo como é, o que se passa, para onde vamos, o que seremos ou se não seremos mais nada. É algo inexplicável. Ninguém pode afirmar com certeza o que é a morte, a não ser quem já tenha morrido, e isto é impossível. Temos que nos agarrar em alguma crença para tentarmos entender a morte, pois o homem não conseguiu descobrir o que há do outro lado da vida. "Creio que na morte há revelações das coisas questionadas em vida, mas é algo que não conheço".
DSCs 4. A morte é sofrimento (doloroso)	"É um assunto triste que temos que encarar. A morte dói e até às vezes é má, pesando muito para o ser humano. É um momento triste e de dor que ninguém deveria passar. A morte nos traz tristezas e saudades das pessoas que partiram. Sabemos que tudo isso tem que acontecer um dia, mas nunca que o ser humano quer aceitar.
DSCs 5. Fim da vida, do corpo (evento carnal)	"A morte é o fim da vida em carne. É o fim de tudo, não é renascimento, não é o começo de nada em nenhum lugar. A morte é simplesmente o fim de tudo o que existe. É o fim do nosso ciclo de vida na Terra. No entanto, há quem acredite que o espírito continua em outro plano, mas é o fim do corpo. Assim como tudo começa um dia, tudo tem que terminar. Com o ser humano não poderia ser diferente".

Elaborado por: Oliveira, Edilene Chagas, 2013

Os DSCs revelam muitas semelhanças e pequenas diferenças, as ideias centrais são as mesmas, o que caracteriza um mesmo repertório de representações sociais quanto a este fenômeno.

Quando os moradores tentaram descrever o fenômeno natural da morte através de seus entendimentos ou conceitos e terminologias científicas, usos distorcidos de alguns conceitos foram identificados em vários moradores.

Como exemplos, a morte foi descrita como o “envelhecimento do corpo” ao invés da “transformação da matéria” e também foi descrita como “parte da vida” em vez do “ciclo de vida” dos seres.

O aumento dos discursos que expressam um sentido religioso para a morte para os moradores pode estar relacionado ao fato de a religião oferecer uma explicação mais articulada com a espiritualidade dos indivíduos, baseando-se principalmente em conceitos bíblicos (que não são passíveis exclusivamente de processo investigativo à luz da ciência). Ancorado nessas explicações religiosas muitos encontram um caminho para aliviar a angústia do conhecimento da finitude através da imortalidade. Dessa forma, a religião torna-se uma aliada para eliminar um dos maiores temores da sociedade: o medo da morte, como abordamos anteriormente nas pesquisas relatadas por Kovács (1992, p.32).

Os discursos de finitude orgânica são bastante reduzidos. As referências bibliográficas selecionadas neste trabalho ajudam na compreensão deste resultado: nunca o medo da degradação do corpo, na história da humanidade, foi tão ocultado e os moribundos tão isolados.

A visão de corpos humanos em decomposição já foi considerada algo comum, porém hoje a morbidez com que o tema é discutido faz com que a ideia de finitude seja esquecida de nosso cotidiano. Este ocultamento social da ideia de decomposição e finitude orgânica faz com que isso seja ocultado também entre os jovens, que, possivelmente, distanciam-se cada vez mais da consciência da finitude. Este distanciamento pode estar relacionado com o medo da perda da vitalidade e da beleza da juventude.

A ideia de sofrimento com a morte nos depoimentos aparece numa proporção bem menor que a esperada. Isso não indica que os moradores não se preocupam e/ou sofram com o fenômeno, mas indica que no repertório

grupal, a percepção da morte como um tema doloroso não é tão destacada nos moradores investigados. Essa ideia reduzida do sofrimento também pode estar diretamente relacionada com a segurança e o conforto causado pelas doutrinas religiosas, projetando a morte como um momento de alívio para o corpo. Esta hipótese explicaria a redução nos discursos de sofrimento entre os moradores.

Analisando os discursos de finitude orgânica e de sofrimento, poderíamos relacionar também a redução de ambos os discursos se levarmos em conta que o aumento das ideias religiosas serve de suporte explicativo mais imediato para homeostase mental e social dos grupos na sociedade. A religião, nesse caso, parece ser o campo cultural mais explicativo no que se refere à finitude da vida humana.

5.3 Ecos da Morte - Questões Ambientais

Além dos aspectos das representações sociais, verificamos as questões ambientais. Questionamos se os moradores têm conhecimento da existência de contaminação do lençol freático e a resposta foi unânime no sentido de que "não sabem". Assim, nossos diálogos ficaram mais intensos, pois alegam que o poder público municipal nunca os informou de nada.

Questionados quanto ao uso da água dos poços, a maioria alegou fazer uso doméstico, sendo que a água da CAERD não chega para todas as casas. Informaram também não seguirem uma disposição para instalação das fossas sépticas e dos poços amazônicos, o que permite a contaminação dos poços pelas fossas e pelo necrochorume do cemitério.

Como já abordado anteriormente, Relatório Técnico da CPRM comprovou através de exames laboratoriais a contaminação do lençol freático e consequentemente os poços amazônicos estão com índices de coliformes fecais acima do permitido (dado conforme o anexo presente em nossa dissertação).

Outro dado levantado foi com relação à proximidade do cemitério. Questionou-se se eles tinham conhecimento de que essa atividade fosse mecanismo de contaminação. Alegaram total desconhecimento. Conforme relatório da CPRM, mesmo os poços artesianos que têm 12 metros de

profundidade, principalmente os que estão dentro do perímetro estudado, estão contaminados.

Foto 17: Poço construído do lado esquerdo do Cemitério. Fonte: Grevsmuehl 2011

Foto 18: Poço com 4m de profundidade Fonte: Grevsmuehl 2011

Este fato nos preocupa, pois a maioria dos entrevistados eram mulheres, donas de casa e avós que cuidam dos netos, onde a média de crianças por família é de 4 (quatro) crianças entre a faixa etária de 0 a 5 anos, o que nos permite pensar como a saúde pública trata do referente problema, cabendo inclusive outro estudo.

As residências visitadas dentro do perímetro estudado mostraram as reais condições dos poços. Os mais próximos do cemitério têm em média 6 metros de profundidade, sendo que com 4 metros já se obtém água (Foto 17 e 18).

Na medida em que a conversa avançava eles iam falando das condições em que se encontravam e que nada é feito por eles, que no período das chuvas eles ficam a mercê dos vizinhos que estão longe da área alagada, para conseguir água potável. Alguns compram mas os que não podem ficam pedindo água para cozinhar, beber e tomar banho.

A questão ambiental também é uma relação simbólica da morte, à medida que a população não é devidamente esclarecida quanto aos perigos dos contaminantes provenientes da atividade cemiterial, continua levando uma vida sem esclarecimento, o que mantém a ideia dos Ecos do Cemitério de Itapuã do Oeste: entre o simbólico e ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço cemiterial só existe pela chegada da morte do homem, e para conviver com esta realidade, o homem, por meio das diversas formas de manifestações culturais, significados e sentidos, representa a morte socialmente e busca um alento para seu sofrimento.

O tempo do “luto” traduz um período onde a morte representava um verdadeiro acontecimento social, que promovia interação e reforçava os laços de solidariedade entre os membros da comunidade. As transformações nas práticas rituais e na manifestação do luto, perceptíveis principalmente nas últimas décadas, são consequências da gradativa interdição e dessocialização da morte presente na sociedade atual. Uma sociedade que nega e escamoteia a morte, os rituais são simplificados e acelerados, sem, no entanto, perderem a função simbólica de garantir a passagem de uma situação determinada para outra igualmente determinada.

Nosso intento neste trabalho foi efetuar uma revisão ao longo da história sociocultural da morte, da complexidade do seu conceito e da forma como ela é percebida ao longo vida. A partir daí foi-nos possível detectar a complexidade através da fenomenologia e dos muitos aspectos que lhe estão associados. Debruçamo-nos, por isso, essencialmente, sobre esta temática, tentando definir, perceber e explicar as suas causas e efeitos na comunidade do entorno do cemitério Cristo Rei no município de Itapuã do Oeste.

No que diz respeito às discussões sobre os espaços dos cemitérios, acabam sendo fortemente influenciadas pelas abordagens muitas vezes disjuntas que levam em consideração preferencialmente os conteúdos artísticos e sociais, ou históricos e patrimoniais, desconsiderando as concepções de morte, como uma tentativa de abordar e levar em consideração ao mesmo tempo as diferentes concepções de morte, as disposições históricas dos cemitérios e a verificação deste quadros em uma sociedade e realidade específica, no caso a do Cemitério Municipal de Itapuã do Oeste, com base nas dimensões das diferenciações sociais, aspectos artísticos e culturais.

A representação da morte assume um significado diferente, junto dos modos de interpretar e pensar a realidade cotidiana, apoiada num

conhecimento construído a partir de experiências individuais, das informações, dos modelos, dos valores que cada indivíduo adquire e transmite.

O Cemitério Cristo Rei tem em seu espaço a representação simples e sem muitos simbolismos verificados em tantos outros cemitérios da capital, mas retrata claramente uma realidade vivida da comunidade.

Faz-se necessária uma intervenção por parte das autoridades locais no tocante a uma nova localidade para instalação do cemitério, uma vez que o atual não possui condições de permanecer no local e muito menos receber mais sepultamentos. Haja vista que no período das chuvas a área e todo o entorno do cemitério fica submerso, além de se ter dados comprovando a contaminação do lençol freático.

Os objetivos elencados como analisar a área, o entorno e entender as condições sociais e culturais da comunidade, analisar e conhecer as representações da sociedade em relação ao cemitério e o que faz parte do senso geral ou cotidiano e os aspectos ambientais, bem como avaliar os aspectos legais relativos a esse tipo de atividades, foram alcançados e podemos compartilhar os estudos para uma melhor compreensão da sociedade local e seus vínculos, seus valores e suas crenças, os seus costumes e como suas representações se apresentam .

Temos consciência de que não é um trabalho realmente pronto, que ainda está aberto para mais pesquisas e que as lacunas que deixamos poderão ser supridas por novas frentes de investigação e novas abordagens, pois a temática envolve um universo cultural bastante vasto, privilégio das características regionais, com suas diversas histórias e questões locais.

Concluímos que o Cemitério Municipal Cristo Rei é uma importante fonte de estudos sobre a integração de significados e das experiências da sociedade, bem como permite reflexão teórica da história e dos costumes do município de Itapuã do Oeste.

O homem foi capaz de reconhecer a morte e é o único ser que possui consciência sobre ela, porém não conseguiu encará-la e conciliá-la dignamente no horizonte de suas experiências e acabou por conduzi-la à categoria de tabu. Desta forma, a morte é escamoteada e negligenciada no cotidiano das populações, perdurando o sentimento de vazio, medo e mal-estar na intimidade

da existência, que por sua vez, serve de alimento a angústia e ao desespero, nas mais diversas situações e experiências de proximidade com este fenômeno.

Deixamos sugestões para trabalhos futuros: Novos estudos devem ser realizados com foco na ocorrência e quantificação de bactérias proteolíticas e lipolíticas, degradadoras de proteínas e lipídios, respectivamente, consideradas indicadoras mais específicas de contaminação ambiental por necrochorume. Perfuração de poços de amostragem, no interior dos cemitérios e nas áreas adjacentes, também deve ser realizada, com objetivo de monitorar a profundidade do lençol freático, a pluma do necrochorume e a qualidade da água subterrânea.

Concluindo, é importante sublinhar que todas essas mudanças em torno da morte e do morrer podem ser compreendidas com mais nitidez a partir das relações de interdependência entre indivíduo e sociedade, passado e presente, vivos e mortos. O trabalho com o simbólico e o ambiental é uma das possibilidades de reflexão desse processo que, não obstante, apresentaria resultados diferentes se fossem estabelecidos outros critérios (como, por exemplo, espacial, econômico e religioso).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA, A. de. **Territorialidades e identidade dos coletivos *Kawahib* da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**: "*Orevaki Are*" (reencontro) dos "marcadores territoriais" (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Paraná - UFPR, Curitiba, 2010, 301 p.

ALMEIDA SILVA, A.; BASTOS, F; BASTOS, A; GOMES, F.B. **Análise socioeconômica da área de concessão pública da Floresta Nacional do Jamari**. Porto Velho: Centro de Estudos da Cultura e do Meio Ambiente da Amazônia - RIOTERRA, 2009. 214pp.

ALMEIDA, A.M.O. **A Pesquisa em Representações Sociais**. Fundamentos Teóricos – Metodológicos. v.10, n.23, p-122 a 138. jul/dez, 20034.

AMORIM FILHO, Oswaldo B. Topofilia, Topofobia, e Topocídio em Minas Gerais. *In*: RID, Vicente Del & OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira, São Paulo: Editora da UFSCAR, 1996.

ANDRÉ. Richard Gonçalves. **Representações e práticas mortuárias na cultura popular. Brasileira: influências e apropriações**. Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano II, n. 4, Mai. 2009 - ISSN 1983-2850

ARIÈS, P. **O Homem Diante da Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

AZEVEDO, T. **Avisos Fúnebres e Ritos Funerários**: uma Leitura Sócio-Antropológica. Religião e Sociedade, 15, 2/3, 1990.

BARBOSA, F. A. R.; NÓBREGA, M. **Relatório técnico análise físico-química e bacteriológica da água na zona urbana do município de Itapuã do Oeste-RO nos poços comuns e na estação de tratamento e captação de água**. Porto Velho: CPRM, Novembro de 2010.

BARROS, J. H. **Viver a Morte**: abordagem antropológica e psicológica. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

BAUDRILLARD, J. **A troca simbólica e a morte**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BAYARD, JP. **Sentido oculto dos ritos mortuários-morrer é morrer?** São Paulo: Paulus, 1996.

BELLOMO, H. **Cemitérios do Rio Grande do Sul**: arte, sociedade, ideologia. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUC, 2008.

BLOCH, M. **A Terra e seus Homens**: Agricultura e Vida Rural nos Séculos XVII e XVIII. Bauru: EDUSC, 2001.

BONNEMAISON, J. et CAMBRÉZY, L. **Le lien territorial entre frontières et identités**. Revista Géographie et Cultures. Editions l'Harmattan, n. 20, 2006. p. 7-18.

BOWLBY, J. **Perda - Tristeza e Depressão**. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes. 1985.

CABRAL, O. R. **Nossa Senhora do Desterro** – Notícia I. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CABRAL, O. R. **Nossa Senhora do Desterro** – Notícia II. Florianópolis: Lunardelli, 1972.

CANASTRA, C.C. C. A Morte: abordagem interdisciplinar. (Dissertação de Mestrado **em Bioética Teológica)** Porto: Faculdade de Teologia, 2007.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CAROLLO, C.L. **Cemitérios Municipal São Francisco de Paula**: monumentos e documentos. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

CASCUDO, L. C. **Antologia do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Martins Editora, 1971.

CATERINA, M. C. O **Luto: Perdas e Rompimento de vínculos**. Curitiba. 2009 Disponível em: http://www.apvp-psicanalise.com/Apostila_Luto_Perda.pdf.

CERTEAU, M. A. **invenção do cotidiano**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2001.

CLAVAL, P. A geografia cultural: o estado da arte. *In*: CORRÊA, R.L. *et al*. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

CLAVAL, P. As abordagens da Geografia Cultural. *In*: CASTRO, I.E. *et al* (Org). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. S. **Morte: uma visão psicossocial**. Estudos de Psicologia. v.11, n.2, p.209-16, mai./ago. 2005.

CORR, C. Death in modern society. *In* Doyle, D., Hanks, G.C.,Macdonald, N. **Oxford Textbook of Palliative Medicine**. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 31-40.

CORREA, R.L. **A Geografia Cultural e o Urbano**. *In*: CORRÊA, R.L.; COULANGES, F. **A cidade antiga**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DE LIMA MORAIS, I. A**. Significado do corpo e o sentido do consumo fúnebre**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 a 04 de junho, Porto Seguro, Bahia. 2008.

DENT, B. B. **The hydrogeological contexto of cemetery operations and planning in Australia**. (Tesis of Doctor of Philosophy in Science). Sidney: University of Technology, 2002. 473 p.

DOMINGUES, J. M. **Criatividade Social, Subjetividade Coletiva e a Modernidade Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

DORNELLES, C. T. A. **Percepção ambiental**: uma análise na bacia hidrográfica do Rio Monjolinho. (Dissertação de Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental). São Carlos: UNESP, 2006.

ELIADE, M**. Aspectos do Mito**. São Paulo: Edições 70, 1986.

_____. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.

CASTRO FILHO, L. de. **Cidade dos mortos ou lugar os vivos? Estudos das características das manifestações sociais e suas implicações com a sociedade de União da Vitória a partir do Cemitério Municipal** (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2007, p. 101.

FONTINHA, M. C. R. **Perspectivas de Morte: Relação Com o Suporte Social e a Solidão em Idosos.** (dissertação de Mestrado) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Psicologia- Lisboa: 2010. p.105.

FOSTER, S.; HIRATA, R. **Determinação de riscos de contaminação das águas subterrâneas**: uma metodologia embasada em dados existentes. São Paulo: Instituto Geológico, 1993. 92p.

FOUCAULT, M. **Other spaces**: The principles ofhet erotopia. Lotus International: QuarterlyArchitectural Review, 1986. p. 9 - 17. Disponível em: <http://foucault.info/documents/heteroTopia/foucault.heteroTopia.en.html >. Acesso em: 23 jul. 2008.

FRANCO, C. **A cara da Morte**: Imaginário fúnebre no relato de sepulturas de São Paulo. (Dissertação de Mestrado Ciências da Religião). São Paulo, PUC/São Paulo, 2008. 210 p.

FRÈMONT, Armand. **A região, espaço vivido**. Coimbra: Almedina, 1980. p. 241-263.

FREYRE, G. **Casa-Grande & Senzala**. 41. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

FUNARI, P.P. **Cultura Popular na Antiguidade Clássica**. São Paulo: Contexto, 1996.

GAMBINI, R. "A morte como companheira". *In*: OLIVEIRA, M. F. e CALLIA, M. H. P. (orgs.). **Reflexão sobre a morte no Brasil**. São Paulo, Paulus, 2005.

GIL FILHO, S. F. **Espaço de Representação**: uma categoria chave para a análise cultural em geografia. Artigo apresentado originariamente no 5º Encontro Nacional da ANPEGE sob o título: Espaço de Representação: Epistemologia e Método. 2003.

_____. **Geografia da religião**: o sagrado como representação. Terra Livre. Goiânia: AGB, v.1, n24 - jan/jun 2005. pp.120-121.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HATZFELD, H. **As Raízes da Religião**: Tradição, Ritual, Valores. Lisboa: Piaget, 1997.

KEMERICH, P. D. C.; UCKER, F. E.; BORBA, W. F. Cemitérios como fonte de contaminação ambiental. Scientific American Brasil, São Paulo, n. 123, p 78-81, ago. 2012. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/sciam/artigos/cemiterios_como_fonte_ de_contaminacao_ambiental.html> Acesso em: 22 out. 2012

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOZEL, S. Das 'velhas certezas' a (re)significação do geográfico. *In*: SILVA, Aldo Aloísio Dantas da; GALEANO, Alex (org.). **Geografia**: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares. Porto Alegre, Sulinas, 2004.

KÜBLER-ROSS, E. **Estágio final da evolução**. 2. ed. São Paulo: Nova Era, 1998, p.220.

_____. **Sobre a Morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LENCIONI, S. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 2003.

LEOPOLD, L. B. *et al*. **A procedure for evaluating environmental impact**. U. S. Geol. Surv. Circ., 645, Washington D. C., 1971.

LÉVI-STRAUSS. L´identité. Paris: Bernard Grasset, 1977.

LIMA-MESQUITELA, A.; MARTINEZ, B.; LOPES FILHO, J. **Introdução à antropologia cultural**. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

MÂCEDO, J. A. B. **Águas & Águas**. Belo Horizonte: CRQ-MG, 2004. 977p.

MALDONADO, W. T. P. V. **Da Mata para o Mar**: A Construção da Canoa Caiçara em Ilhabela. (Dissertação de Mestrado Ciências Ambientais). São Paulo: PROCAM/USP, 2001, 152p.

MANNONI, O. **Um espanto tão intenso**: a vergonha, o riso, a morte. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1995, p.98.

MARANHÃO, J. L. S. **O que é morte**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

MARINHO, A. M. P. **Contaminação de aqüíferos por instalação de cemitérios**. Estudo do caso do cemitério S. João Batista. (Dissertação de Mestrado Hidrogeologia). Fortaleza: UFC, 1998.

MARTINS, M.T.; PELLIZARI, V.H.; PACHECO, A.; MYAKI, D.M.; ADAMS, C.; BOSSOLAN, N.R.S.; MENDES, J.N.B.; HASSUDA, S. **Qualidade bacteriológica de águas subterrâneas em cemitérios**. Revista de Saúde Pública, v. 25, n. 01, 1991. p. 47-52.

MATOS, B. A. **Avaliação da ocorrência e do transporte de microrganismos no aqüífero freático do cemitério de Vila Nova Cachoeirinha, município de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Geociências/USP, 2001. 161p.

MATOS, B. A.; PACHECO, A. **Ocorrência de microorganismos no aqüífero freático do cemitério Vila Nova Cachoerinha, São Paulo**. *In*: Anais do I Congresso Mundial Integrado de águas Subterrâneas. Fortaleza: Anais da ABAS, 2000.

MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em Geografia Agrária. *In*: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Pesquisa qualitativa:** nas trilhas da investigação.

MC LAREN, Peter. **Rituais na escola**. Em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, 1991.

MELCHIOR, K. D. **Cemitério**: Local dos Mortos ou Local dos Vivos?. Anais do V Colóquio Internacional Cultura e memória Social – 24 a 26 de agosto de

2011. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Foz do Iguaçu PTI – Parque Tecnológico de Itaipu/Pr.

MELO, T. M. P. C. **A Floresta, a mesa e as leis: espaços, comunicação e mudança cultural em comunidade tradicional da Estação Ecológica Juréia-Itatins**. (Dissertação Mestrado em Comunicação). São Paulo: Departamento de Comunicações e Artes/USP, 2000. 165p.

MIGLIORINI, R.B LIMA, Z.M & ZEILHOFER, L.V.A.C. **Qualidade das águas subterraneas em áreas de cemitério**. Região de Cuiabá-MT. Águas Subterrâneas. Região de Cuiabá/MT,Águas Subterrâneas 2006. 20: 15-28.

MIGLIORINI, R.B. **Cemitérios como fonte de poluição em aqüíferos**. Estudo do Cemitério Vila Formosa na bacia sedimentar de São Paulo. (Dissertação – Mestrado). São Paulo: Instituto de Geociências/USP, 1994. 74p.

MIGLIORINI, R.B. **Cemitérios contaminam o meio ambiente?** Um estudo de caso. Cuiabá: EdUFMT, 2002. 50p.

MIOTTO, S. L. **Aspectos geológico-geotécnicos da determinação da adequabilidade de áreas para implantação de cemitérios**. (Dissertação Mestrado em Geociências) 1990. Rio Claro: Instituto de Geociências e Ciências Exatas/UNESP-RC, 1990. 116 f.

MONTEIRO, A. R. A. **Depois do Meio Ambiente**: mudança social em uma Unidade de Conservação Ambiental. (Dissertação Mestrado Antropologia). Campinas: Departamento de Antropologia/IFCH/UNICAMP, 2002. 250p.

MORAES, A. C. R. **Bases da formação territorial do Brasil**: o Território Colonial Brasileiro no "longo século XVI". São Paulo: Hucitec, 2000. 432p.

MORENO, Tânia Maria – "A Ordem Terceira do Carmo na cidade de São Paulo (1860-1880) – um estudo sobre sua participação social e religiosa" – Tese de Mestrado – PUCSP, 1992.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MORRONE, R. Dying, **mourning, and spirituality:** a psychological perspective. Death Studies,23, 1999.

MOSCOVICI, S. Das representações coletivas às representações sociais. *In*: JODELET, D. (org.) **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2001.45-66p.

_____. Prefácio. *In*: – GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (Org.); **Texto em Representações Sociais**. 2. ed. – Petrópolis: Vozes, 1995. p.261-293.

MUMFORD, L. **A cidade na história** - suas origens, transformações e perspectivas. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problematização dos lugares. Revista de Pesquisa Histórica. 1993.

OEXLE, O. G. **A Presença dos Mortos**. In: BRAET, Herman & VERBEKE, Werner (org). A Morte na Idade Média. São Paulo: Edusp, 1996.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de Metodologia Científica**: Projetos de Pesquisa, TGI, monografias. Dissertações de Teses. São Paulo: Pioneira, 1997.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**,Lisboa:70,2005.

PACHECO, A. O**s cemitérios como risco potencial para as águas de abastecimento**. São Paulo: Revista do Sistema de Planejamento e Administração Metropolitana. n. 17, ano IV, p. 25-31, 1986.

PACHECO, A.; BATELLO, E. **A influência de fatores ambientais nos fenômenos transformativos em cemitérios**. São Paulo: Revista Engenharia e Arquitetura, 2000. v. 2, n. 1, p.32-39.

PACHECO, A.; MATOS, B.A. **Cemitérios e meio ambiente**. Lisboa: Revista Tecnologias do Ambiente, 2000. Ano 7, n. 33, p. 13-15.

PACHECO, A.; MENDES, J.M.B.; MARTINS, T.; HASSUDA, S.; KIMMELMANN, A.A. (1991) **Cemeteries** - a potential risk to groundwater. Water Science and Technology, v. 24, n. 11, p. 97-104.

PAGOTO, A. A. **Do Âmbito Sagrado da Igreja ao Cemitério Público: transformações fúnebres em São Paulo (1850 – 1860)**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PEREIRA, A. M. **A ciência geográfica**: **métodos e tendências do pensamento e da abordagem**. Notas de aula. Montes Claros: Departamento de Geociências/UNIMONTES, 2003.

PINHEIRO, L.S.; Rosa, M.F.; Sucupira, P.A. **O contexto ambiental e sócio-econômico do médio e baixo curso do rio Acaraú-CE**: Implicações para a gestão dos recursos hídricos. *In*: PINHEIRO, D.R. (org.). Desenvolvimento Sustentável: Desafios e Discussões. Fortaleza: ABC, 2006. p.: 125-146.

POUNDER, D. J. **Postmortem changes and time of death**. Disponível em <http:www.dundee.ac.uk.forensicmedicine/llb/timedeath.htm>

QUEIROZ, M. I. P. de. **Relatos Orais: do indizível ao dizível**. *In*: VON SIMSON, Olga de M. (org.) Experimentos com histórias de vida. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988. p. 14-43.

QUEIROZ, R. C. **Atores e Reatores da Juréia**: idéias e práticas do ecologismo. (Dissertação Mestrado Antropologia). Campinas Departamento de Antropologia/UNICAMP, 1992. 229p.

RAMOS, M. J. **A morte categoria lógica no pensamento simbólico**. Psicologia, 1987. v. 5 (2),163-166.

REIS, J. J. **A Morte é uma Festa**: Ritos Fúnebres e Revolta Popular no Brasil do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **O cotidiano da morte no Brasil Oitocentista**. *In*: ALENCASTRO, Luis Felipe. (Org.). História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. II pp. 95-141.

RELPH, E. C. **As bases fenomenológicas da Geografia**. Rio Claro: SP .v.4, n.7, p.1-25. abr. 1979.

REZENDE, E. C. M. **Metrópole da morte necrópole da vida**: um estudo geográfico do cemitério de vila formosa. 2. ed. São Paulo: Carthago, 2000.

_____. **O céu aberto na terra**: uma leitura na geografia urbana de São Paulo. São Paulo: Necrópolis, 2006.

_____. **O que são cemitérios?** São Paulo, 2007. No prelo.

RODRIGUES, C. **Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos**: Tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, DGD e Informação cultural, 1997.

RODRIGUES, J. C. **Constantes e variáveis significacionais nos ritos e mitos associados à morte**. XIX Encontro da Compós, na PUC-Rio, em junho de 2010.

RONDÔNIA. SEPLAD/PLANAFLORO/PNUD. BRA/00/004. **As unidades de conservação de Rondônia**. 2 ed. Porto Velho, 2002.

ROSENDAHL, Z. (Org.) **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RUFFIÉ, J. **O sexo e a morte**. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

SALOMÃO, Jorge. **A estética da morte**. São Paulo: Saraiva, 1964.

SAUER, C. O. The morphology of landscape. *In*: LEIGHLY, J. (org.). **Land and Life** - A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer. Berkeley: University of Califórnia Press, 1983. p. 315-350.

SCHMITT, J. C. **Os vivos e os mortos na sociedade medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEDAM. **Atlas geoambiental de Rondônia**. Porto Velho: SEDAM, 2003. p. 35-38.

SHOPENHAUER, A. **Metafísica do Amor. Metafísica da Morte**. Tradução de Barbosa, J. São Paulo: Martins Fontes. 2000. 140p.

SILVA, L. M. **Degradação Ambiental Causada por Cemitérios**. *In*: I Congresso de Engenharia Civil. Juiz de Fora. Anais. Juiz de Fora: UFJF, 1994.

SILVA, L.M. **Cemitérios: fonte potencial de contaminação dos aquíferos livres**. Saneamento Ambiental: 2000; 71:41-45.

SILVA, V.T; CRISPIM, J. Q.; GOCH, P; KUERTEN, S; MORAES, A. C. S; OLIVEIRA, M. A;SOUZA, I. A.; ROCHA, J. A. **Um Olhar Sobre as Necrópoles e seus Impactos Ambientais**. III Encontro da ANPPAS, 23 a 26 de maio de 2006 Brasília-DF.

SILVA, R. H. A. da; SOUZA, C. de S. **Múltiplas cidades: entre morros e asfaltos**. *In*: GUIMARÃES, C; VAZ, P. B.; SILVA, R.H.; FRANCA, V.(Org.) Imagens do Brasil: modos de ver, modos de conviver. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOLÉ, R. **Egito**: **um olhar amoroso**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

TAMURA, C. M. **A pornografia da morte *e os contos* de Luiz Vilela**. (Dissertação Mestrado Antropologia).UNICAMP/SP, 2006. p146.

THOMAS, L.V. **La mort qui change**. Thanatologie. Paris: Fayard. 1992. n. 89/90 (5-19).

_____. **Rites de mort** – pour la paix des vivants. Paris: Fayard, 1985.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 279-291.

URBAN, T. (Coord.). 1999**. Manual para elaboração de plano de manejo e gestão de bacia de manancial**. 2. ed. Curitiba: SANEPAR, 184pp.

VAN GENNEP, A. **The Rites of Passage**. Trad. (do alemão para o inglês) Monika, B. V. e Gabrielle L. C., Chicago: University of Chicago Press, 1960.

VITORINO, J. L**. A Representação da Morte e o Mito do Cemitério em Comunidade do Município de Biguaçu-SC: Relato de Experiência.** Psicologado, março, 2013. http://psicologado.com/atuacao/psicologia-

comunitaria/a-representacao-da-morte-e-o-mito-do-cemiterio-em-comunidade-do-municipio-de-biguacu-sc-relato-de-experiencia

VOVELLE, M. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____**. La mort et l'occident** de 1300 à nos jours, à paraite fin 1982. Paris: Gallimard, 1988.

WHO; World Health Organization; Regional Office for Europe. **The impact of cemiteries on enviroment and public health**. 1998. Disponível em: www.who.dk. Acesso em: 09 junho. 2011.

WILD, J. **Existence and the word and freedom**: Prentice-Hall, Englewood Cliffs. 1963.

WILLIAMS, G. S. **A morte como texto e signo na literatura da idade médi**a. *In*: BRAET, Herman & WERNER, Verbeke. A morte na idade média. São Paulo: USP, 1996.

APÊNDICE

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

ENTREVISTA COM OS MORADORES DO ENTORNO DO CEMITÉRIO

1. Morador:
2. Endereço:
3. Distância do cemitério: menos de 50 metros ( ) 100 metros ( ) 200 metros ( )
4. Idade: Sexo:
5. Número de moradores: Adultos ( ) crianças ( )
6. O que é a morte?
7. Tem medo da morte ou de morrer? ( ) Sim ( ) Não
8. A morte pode ser igual ou diferente do ser humano e dos outros seres vivos?
9. Por que pensa assim?
10. Que sentimentos a palavra morte desperta no Sr. (a)?
11. Tem medo de morar perto do cemitério? ( ) Sim ( ) Não
12. Gostaria de entender melhor a morte? ( ) Sim ( ) Não

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

CONDIÇÕES DE USO DOS POÇOS

1. Localidade: Itapoã do Oeste/RO Data do Cadastro:

Propriedade: Residência ( ) Comercial ( )

Endereço:

Natureza do Ponto: Tipo Amazonico/Cacimba ( ) Tipo Tubular ( )

Data da Construção:

2. Caracteristicas do Poço:

Profundidade: Tipo de revestimento: Aço ( ) PVC comum ( )

3. Situação do Poço:

Poço Paralisado ( ) Poço Não Instalado ( ) Poço Abandonado ( )

4. Condições Sanitárias:

Laje de Proteção ( )

Tampa ( )

Cercado ( )

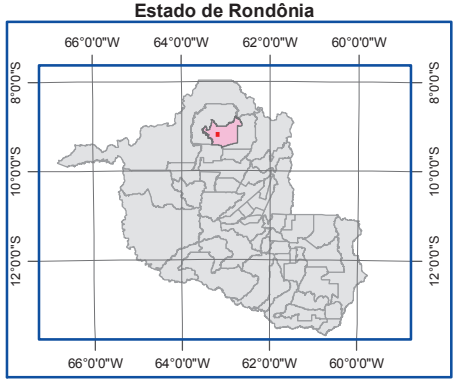
5. Tipo de Uso

Consumo Humano ( ) Uso Doméstico ( )

6.Distância da Fonte Poluidora: 100 metros ( ) 200 metros ( ) 50 metros ( )

ANEXOS

Localização do Municipio de Itapuã D´oeste no Estado de Rondônia



LEGENDA

- Cemitério Cristo Rei
- Perímetro da Área de Entorno do Semitério 200m²

Escala: 1:3.000

0 — 50 — 100 m

Projeção: Universal Transversa de Mercato - UTM
Fuso 20S - DATUM: WGS84 - (SIRGAS2000)
Tamanho da quadrícula: 200m

Fonte:
Zoneamento Sócio Economico Ecológico do Estado de Rondônia
ZSEE - 2º Aproximação
Disponibilizada pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental – SEDAM/RO

ECOS DA MORTE EM ITAPUÃ DO OESTE: ENTRE O SIMBÓLICO E O AMBIENTAL

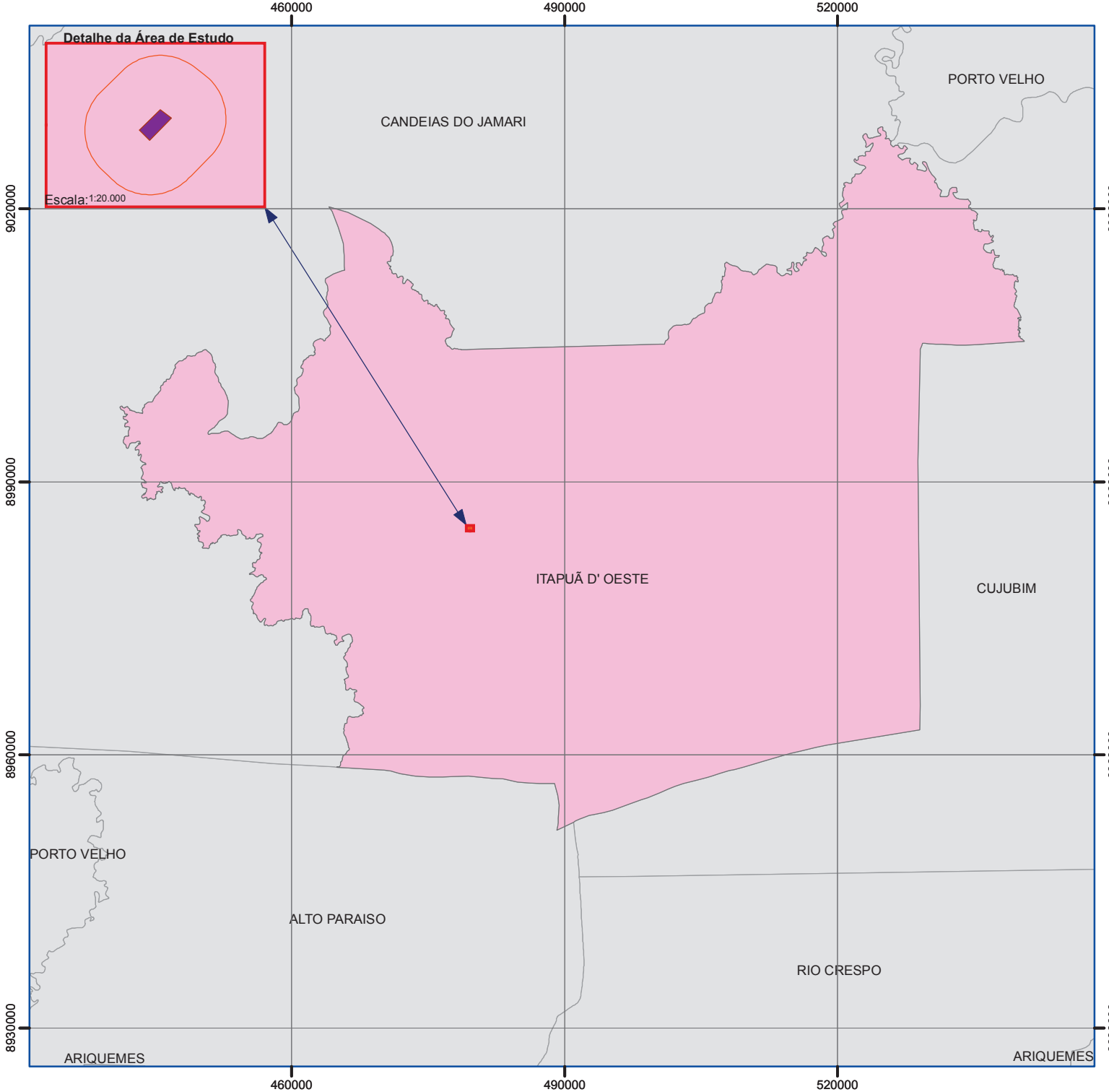
Mestranda: Edilene Chagas de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva

Programa de Pós-graduação:
Mestrado em Geografia - PPGG 2011
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET

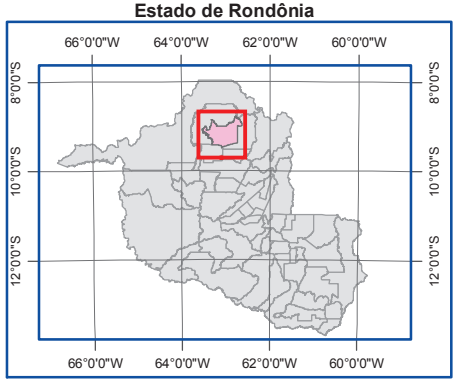
Elaboração: Elenice Duran

Folha: 2/2

Data: 20/08/2013



Localização do Municipio de Itapuã D´oeste no Estado de Rondônia



LEGENDA

- Cemitério Cristo Rei
- Perímetro da Área de Entorno do Semitério 200m²
- Divisão Político Administrativa do Estado de Rondônia
- Município de Itapuã D'oeste

Escala: 1:600.000

0 — 15 — 30 km

Projeção: Universal Transversa de Mercato - UTM
Fuso 20S - DATUM: WGS84 - (SIRGAS2000)
Tamanho da quadrícula: 30.000m

Fonte:
Zoneamento Sócio Economico Ecológico do Estado de Rondônia
ZSEE - 2º Aproximação
Disponibilizada pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental – SEDAM/RO

ECOS DA MORTE EM ITAPUÃ DO OESTE: ENTRE O SIMBÓLICO E O AMBIENTAL

Mestranda: Edilene Chagas de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Adnilson de Almeida Silva

Programa de Pós-graduação:
Mestrado em Geografia - PPGG 2011
Núcleo de Ciências Exatas e da Terra – NCET

Elaboração: Elenice Duran

Folha: 1/2

Data: 20/08/2013

CPRM
Serviço Geológico do Brasil
Ministério de Minas e Energia
Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação Mineral

RELATÓRIO TÉCNICO

ANÁLISE FÍSICO-QUÍMICA E BACTERIOLÓGICA DA ÁGUA NA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE ITAPUÃ DO OESTE-RO NOS POÇOS COMUNS E NA ESTAÇÃO DE TRATAMENTO E CAPTAÇÃO DE ÁGUA.

Elaborado por:

FRANCISCO DE ASSIS DOS REIS BARBOSA
Pesquisador em Geociências (Engenheiro Hidrólogo)

MARCOS NÓBREGA II
Pesquisador em Geociências (Geólogo)

Novembro de 2010
Porto Velho/RO

SUMÁRIO

1. Considerações iniciais 03
2. Objetivo 03
3. Procedimentos de coleta de amostra de água 03
4. Análise das amostras 06
5. Resultados baseados nos laudos técnicos emitidos pelo LAMIN e SEDAM 07
6. Considerações Finais 09
7. Relatório Fotográfico 10
8. Anexo 12

FIGURAS

Figura 1 Localização da área de pesquisa com discriminação dos pontos coletados da primeira e segunda campanha 05

TABELAS

Tabela 1 Coordenadas em UTM das amostras coletadas no município de Itapuã do Oeste para fins de análise físico-química de água subsuperficial 05
Tabela 2 Coordenadas em UTM das amostras coletadas no município de Itapuã do Oeste para fins de análise bacteriológica de água subsuperficial 06
Tabela 3 Valores de referência utilizados em análises físico-químicas em acordo com a portaria N° 518 do Ministério da Saúde 06

RELATÓRIO TÉCNICO

1. Considerações iniciais

As amostras de água foram coletadas visando obter informações sobre a água consumida pela população do município de Itapuã do Oeste. Inicialmente, foram coletadas amostras do lago da hidrelétrica de Samuel, que abastece a cidade e em pontos distintos localizados no perímetro urbano. Foram realizadas duas campanhas de campo. As análises físico-químicas foram realizadas pelo Laboratório de Análises Minerais – LAMIN/RJ e pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental – SEDAM e as bacteriológicas apenas pela SEDAM. Os resultados demonstraram que em alguns pontos os valores encontrados, para a água utilizada no consumo humano, excedem ao Padrão Microbiológico de Potabilidade e de valores máximos permitidos para nitrato e PH.

2. Objetivo

Análise físico-química e bacteriológica da água na zona urbana nos poços comuns e na estação de tratamento e captação de água.

3. Procedimento de coleta de amostra de água

Em atendimento ao ofício nº 176/GP/2010 de 14 de abril de 2010, encaminhado pela Prefeitura Municipal de Itapuã do Oeste, foi realizado duas campanhas de campo, sendo a primeira no dia 11 de junho de 2010 e a segunda no dia 04 de outubro de 2010. Na primeira campanha foram coletadas amostras de água em sete pontos distintos (TABELA 1) da cidade de Itapuã do Oeste – RO para serem enviados ao laboratório LAMIN-RJ. Nesta primeira análise foi dada ênfase na análise físico-química para: Cl^-; NO_3^-; NO_2^-; PH; NH_3; HCO_3^-; Condutividade e Turbidez (FIGURA 1).

Em virtude dos resultados encontrados em alguns pontos de coleta, procedeu-se a realização da segunda campanha, para confirmação destes resultados, desta vez acrescentando à análise bacteriológica das amostras.

Visando diminuir a possibilidade de contaminação por meio externo utilizou-se frascos descartáveis esterilizados, o uso de luvas cirúrgicas descartáveis e a coleta de água o mais próximo possível da fonte, seja poço tubular ou reservatório natural de água para a análise bacteriológica da segunda campanha. Nesta campanha foram coletadas cinco amostras de água em pontos previamente escolhidos (TABELA 2) e similares aos coletados na primeira campanha com exceção dos pontos 6 e 7 da tabela 1 que ficaram de fora da segunda campanha por motivos de restrições operacionais. Foram eles: Amostra 1 – Lago da hidrelétrica de Samuel que abastece a cidade de Itapuã do Oeste (FIGURAS 1, 2 e 3). Na margem deste lago há duas comunidades (Comunidade do Rio do Peixe e Comunidade da Balsa). Amostra 2 - ETA (estação de tratamento de água da prefeitura de Itapuã do Oeste) água armazenada antes ou durante a fase inicial de tratamento de água (FIGURAS 4, 5 e 6). Amostra 3 - ETA - água depois de tratada e apta para o consumo (FIGURA 7). Amostra 4 - poço tubular semi-artesanal com bomba pequena externa em residência (FIGURA 8) nas proximidades do cemitério (a moradora afirmou que o uso da água é para limpeza, não para consumo humano). A profundidade do poço relatada é de aproximadamente 12 metros. Amostra 5 - poço tubular semi-artesanal com bomba pequena externa, localizada na Escola Estadual João Francisco Corrêa. A água coletada é para todos os fins, inclusive consumo humano. A profundidade do poço é de aproximadamente 32 m. Foi constatada a existência de fossas descontinuadas nas proximidades do poço tubular, o que pode estar interferindo na qualidade da água explotada (FIGURAS 9, 10, 11 e 12).

Figura 1 – localização da área de pesquisa com discriminação dos pontos coletados da primeira e segunda campanha.

Tabela 1- Coordenadas em UTM das amostras coletadas no município de Itapuã do Oeste para fins de análise físico-química de água subsuperficial.

Coordenadas UTM – Datum WGS84 Município de Itapuã do Oeste, RO.		
	Norte	Leste
LAMIN 1	478388	8982704
LAMIN 2	479131	8984304
LAMIN 3	479131	8984304
LAMIN 4	479603	8984958
LAMIN 5	479836	8984106
LAMIN 6	479026	8984106
LAMIN 7	479917	8984454

Tabela 2- Coordenadas em UTM das amostras coletadas no município de Itapuã do Oeste para fins de análise bacteriológica de água subsuperficial.

Coordenadas UTM – Datum WGS84 Município de Itapuã do Oeste, RO.		
	Norte	Leste
Amostra 1	478289	8982637
Amostra 2	479106	8984263
Amostra 3	479102	8984267
Amostra 4	479537	8984894
Amostra 5	478954	8984693

4. Análise das amostras

As análises, bacteriológicas e físico-químicas, das amostras coletadas foram realizadas pelo laboratório da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental – SEDAM tendo como responsável técnico o biólogo analista Hebert Borges da Silva e a química analista Ester Rosalina da Silva Alves e Laboratório de Análise Minerais – LAMIN tendo como responsável a técnica Lilian Rodrigues Sena.

Os parâmetros de valores máximos permitidos foram baseados na portaria 518 de 25 de março de 2004 e comparados com a lista contida no ANEXO I deste relatório (Tabela 3).

Tabela 3 – Valores de referência utilizados em análises físico-químicas em acordo com a portaria N° 518 do Ministério da Saúde.

VALORES MÁXIMOS PERMITIDOS	
Cloreto Cl^-	250 mg/L
Nitrato NO_3^-	10 mg/L
Nitrito NO_2^-	1 mg/L
PH	6 a 9,5
Amônia NH_3	1,5 mg/L
Ácido Carbônico	Não consta
Condutividade	Não consta
Turbidez	5 ut (unidades de turbidez)

5. Resultados baseados nos laudos técnicos emitidos pelo LAMIN e SEDAM

CAMPANHA 1 – LAMIN (Parâmetros físico-químicos)

Para as amostras de números 4, 5, 6 e 7 foram constatadas valores acima do permitido para nitrato e PH. Os demais índices estão dentro dos limites considerados permitidos pela legislação em vigor para todas as amostras.

CAMPANHA 2 – SEDAN (Parâmetros físico-químicos e bacteriológicos)

Amostra 1 (Boletim nº 006 - SEDAM):

a) Bacteriológica: A água analisada não apresentou índice de bactérias do grupo coliformes termotolerantes (Fecais), ficando dentro do valor máximo permitido, conforme artigo 15 item II da Resolução CONAMA n°357 de 17 de março de 2005.

b) Físico-Química: Os parâmetros analisados encontram-se satisfatoriamente dentro do limite permitido, segundo artigo 15 da referida resolução.

Amostra 2 (Boletim nº 007 - SEDAM):

a) Bacteriológica: A água analisada apresentou possível presença de cloro ou outro agente químico na amostra tendo sua contagem sido prejudicada (leitura de placa).

b) Físico-Química: Os parâmetros analisados encontram-se satisfatoriamente dentro do limite permitido, segundo os artigos 12 § 1°,14(Tab.3) e 16, (Tab.05) da Portaria 518, de 25 de março de 2004 do Ministério da Saúde.

Amostra 3 (Boletim nº 008 - SEDAM):

a) Bacteriológica: A água analisada atende ao padrão microbiológico de potabilidade segundo o artigo 11, Tab.01 da portaria 518, de 25 de março de 2004 do Ministério da Saúde.

b) Físico-Química: Os parâmetros analisados encontram-se satisfatoriamente dentro do limite permitido, segundo os artigos 12 § 1°, 14(Tab.3) e 16, (Tab.05) da referida portaria.

Amostra 4 (Boletim 009 - SEDAM):

a) Bacteriológica: A água analisada excede o padrão microbiológico de potabilidade, segundo o artigo 4° e anexo I (consumo humano), da resolução CONAMA N°396 de 3 de abril de 2008.
b) Físico-Química: Os parâmetros analisados encontram-se satisfatoriamente dentro do limite permitido, segundo artigo 4° e anexo I (consumo humano) da referida resolução.

Amostra 5 (Boletim 010 - SEDAM):

a) Bacteriológica: A água analisada excede o padrão microbiológico de potabilidade, segundo o artigo 4° e anexo I (consumo humano), da resolução CONAMA N°396 de 3 de abril de 2008.

b) Físico-Química: Os parâmetros analisados encontram-se satisfatoriamente dentro do limite permitido, segundo artigo 4° e anexo I (consumo humano) da referida resolução.

6. Considerações Finais

Conforme observado nos boletins, em anexo, as amostras 1, 2 e 3, localizadas respectivamente, no lago da hidrelétrica de Samuel, ETA (Entrada) e ETA (saída), apresentaram resultados satisfatórios, tanto nos aspectos físico-químicos quanto bacteriológicos. No entanto, com relação à área relacionada às amostras 04 (casa próxima ao cemitério), 05 (escola estadual), 06 (Residência) e 07 (Creche), estas devem ser advertidas sobre o ponto de vista de potabilidade da água explotada de poços tubulares. Segundo os resultados apresentados, os valores excedem ao Padrão Microbiológico de Potabilidade e de valores máximos permitidos para nitrato e PH, isto é, não podendo ser utilizado para consumo humano. O cemitério próximo e as fossas podem ser indícios de fontes de contaminação. Sugere-se utilizar à água encanada da ETA do município de Itapuã do Oeste para atender à necessidade de consumo humano.

7. Relatório Fotográfico

Foto 1 – Captador de água do reservatório da usina hidrelétrica Samuel

Foto 2 – coleta de água no reservatório da usina hidrelétrica Samuel

Foto 3 - Captador de água do reservatório da usina hidrelétrica Samuel

Foto 4 – Tanques que armazenam água oriunda do reservatório natural antes de ser tratada.

Foto 5 - Tanques que armazenam água oriunda do reservatório natural antes de ser tratada na ETA.

Foto 6 – Filtragem inicial antes de começar o tratamento da água na ETA.

Foto 7 – Caixa que armazena água já tratada da ETA.

Foto 8 – Poço tubular em casa nas proximidades do cemitério.

Foto 9 – Poço em escola estadual João Francisco Correia.

Foto 10 - Coleta de água próximo ao poço da escola que mostrou alto índice de contaminação bacteriológica.

Foto 11 – Poço em escola a 40 metros de fossas descontinuizadas ao fundo.

Foto 12 – Caixa que armazena água na escola estadual João Francisco Correia.

FRANCISCO DE ASSIS DOS REIS BARBOSA
ASSPRO/DHT

MARCOS NÓBREGA II
Pesquisador em Geociências (Geólogo)

8. Anexo